

Gisele Benck de Moraes

Descrição de *PERO*, *SINO*, *SIN EMBARGO*, na tradição gramatical e na semântica argumentativa, e implicações pedagógicas

Passo Fundo

2005

Gisele Benck de Moraes

Descrição de *PERO*, *SINO*, *SIN EMBARGO*, na tradição gramatical e na semântica argumentativa, e implicações pedagógicas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de mestre em Letras, sob a orientação da Prof.^a Dr. Telisa Furlanetto Graeff.

Passo Fundo

2005

*Ao meu marido Herton e ao maior projeto de
minha vida, Luísa, pelo carinho, compreensão
e paciência, dedico este trabalho.*

À professora Telisa Furlanetto Graeff todo meu reconhecimento por sua atuação como orientadora experiente, paciente e dedicada. Aos professores do Curso de Pós – Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, que de alguma maneira contribuíram para que este trabalho se concretizasse. Às minhas alunas que, dentre suas atividades acadêmicas, encontraram tempo para a participação nos testes e na aula que fazem parte desta pesquisa.

*Talvez seja este o aprendizado mais difícil:
manter o movimento permanente, a renovação
constante, a vida vivida como caminho e
mudança.*

Maria Helena Kuhner

RESUMO

Uma das dificuldades de professores e alunos de língua espanhola é o ensino e aprendizagem do uso adequado de *pero*, *sino* e *sin embargo*, tanto na recepção quanto na produção de textos. Refletindo sobre esse fato, foram feitas as hipóteses de que a dificuldade advinha da descrição desses morfemas, apresentadas em gramáticas, dicionários e livros didáticos, utilizados no ensino de espanhol para estrangeiros, e de que a descrição feita pela Teoria da Argumentação na Língua (TAL), de Ducrot e Anscombre, e pela Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), de Marion Carel, poderia auxiliar na resolução dessa dificuldade. Nesse sentido, após verificar-se a descrição tradicional desses morfemas e a descrição semântico-argumentativa, aplicou-se a alunas finalistas do Curso de Letras – Habilitação em Língua Espanhola um primeiro teste (Teste1), contendo duas partes A e B, compostas por textos do livro ‘*El libro de los abrazos*’ de Eduardo Galeano. A Parte A, de preencher lacunas, tinha o objetivo de verificar se as alunas sabiam quando usar cada um dos morfemas. A Parte B exigia que justificassem a permanência ou a substituição de *pero* por *sin embargo*, também em textos. Realizado esse primeiro teste, que comprovou a dificuldade dos alunos referida antes, foram ministradas aulas, com a finalidade de distinguir esses morfemas à luz da TAL e da TBS. Logo após, foi aplicado o mesmo teste, agora denominado Teste 2. A comparação dos resultados dos dois testes permite afirmar que a descrição instrucional, aberta da TAL e da TBS é mais adequada ao ensino do que a descrição tradicional, a qual tenta descrever todos os contextos possíveis, tarefa que parece mesmo impossível.

Palavras-chave: ensino de *pero*, *sino* e *sin embargo*, tradição gramatical, blocos semânticos, articuladores, conectores.

ABSTRACT

One of the difficulties the Spanish teachers and students face is the teaching and learning of the adequate use of *pero*, *sino* and *sin embargo*, not only in the reception but also in the text production. Reflecting about this fact, the following hypotheses were elaborated: this difficulty has its origin in the description of these morphemes, which are presented in grammar books, dictionaries and didactical books, used in the teaching of the Spanish language to foreigners, and the description done by the Theory of Argumentation within Language (TAL), by Ducrot and Anscombre and by the Theory of the Semantic Blocks (TSB), by Marion Carel, could help in the solution of this difficulty. In this way, after having verified the traditional description of these morphemes and the argumentative- semantic description, a first test (Test 1), containing two parts A and B, composed by texts from the book '*El libro de los abrazos*' by Eduardo Galeano, was applied to the students who were finishing Letras – Spanish Language Competence. The part A, filling the gaps, had the purpose of verifying if the students knew when to use each one of the morphemes. The part B required the justification, even in texts, of the permanence or replacement of *pero* by *sin embargo*. Having carried out this first test, which proved the students' difficulty mentioned before, some classes were taught with the objective of distinguishing these morphemes in the light of TAL and TBS. After that, the same test was applied, called Test 2 then. Through the comparison of the results of the two tests, it is permitted to affirm that the instructional description, which is the open one of TAL and TSB is more adequate to teaching than the traditional description, the one which tries to describe all possible contexts, a task which seems impossible.

Key words: teaching of *pero*, *sino* and *sin embargo*, grammatical tradition, semantic blocks, articulators, connectors.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Distribuição da frequência absoluta e percentual do uso adequado de <i>pero</i> por participante no Teste 1- parte A	63
Tabela 2	Distribuição da frequência absoluta e percentual do uso adequado de <i>sin embargo</i> por participante no Teste 1- parte A	65
Tabela 3	Distribuição da frequência absoluta e percentual do uso adequado de <i>sino</i> por participante no Teste 1 - parte A	68
Tabela 4	Comparação do percentual do uso adequado de <i>pero, sin embargo e sino</i> por participante no Teste 1 - parte A	71
Tabela 5	Distribuição da frequência absoluta e percentual do uso adequado de <i>pero</i> por participante no Teste 2 – parte A	84
Tabela 6	Distribuição da frequência absoluta e percentual do uso adequado de <i>sin embargo</i> no Teste 2 – parte A	85
Tabela 7	Distribuição da frequência absoluta e percentual do uso adequado de <i>sino</i> por participante no Teste 2 – parte A	87
Tabela 8	Comparação do percentual do uso adequado de <i>pero, sin embargo e sino</i> por participante no Teste 2 – parte A	87

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	DESCRIÇÃO DE <i>PERO</i>, <i>SINO</i> E <i>SIN EMBARGO</i> NA PERSPECTIVA DA TRADIÇÃO GRAMATICAL E DA SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA.....	17
	1.1 Perspectiva da tradição gramatical	17
	1.1.1 Análise de dicionários	17
	1.1.2 Análise de gramáticas	23
	1.1.3 Análise de livros didáticos	32
	1.2 Perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua	39
	1.2.1 Descrição de MAS feita por Vogt, Ducrot e Anscombe	39
	1.2.2 Descrição feita por Carel na Teoria dos Blocos Semânticos	43
2	METODOLOGIA	51
	2.1 Participantes da pesquisa	51
	2.2 Procedimentos	51
3	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	63
	3.1 Análise dos dados do Teste 1 –	63
	3.1.1 Análise dos dados do Teste 1 – parte A	63
	3.1.2 Análise dos dados do Teste 1 – parte B	71
	3.2 Análise dos dados do Teste 2	84
	3.2.1 Análise dos dados do Teste 2 – parte A	84
	3.2.2 Análise dos dados do Teste 2 – parte B	88

CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100
ANEXOS	102
Anexo A	102
Anexo B	106

INTRODUÇÃO

Uma das questões que sempre causa preocupações nos estudantes de língua espanhola, como língua estrangeira e, até mesmo em professores, é o uso de *pero*, *sino*, *sin embargo*.

Essa preocupação decorre da dúvida que surge no momento em que precisam fazer uso desses vocábulos. A busca em gramáticas, dicionários e mesmo em livros didáticos parece não ser suficiente para resolver a diferença de uso desses três morfemas¹ que, na Teoria da Argumentação na Língua (TAL), proposta por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre, são chamados articuladores² *pero*, *sino* e conector³ *sin embargo*. Sabe-se que, em algumas gramáticas e livros didáticos sequer são mencionados como conteúdos a serem desenvolvidos e trabalhados com os aprendizes não – nativos de língua espanhola. Em outras, quando se encontra alguma explicação, muitas vezes ela é sucinta e comparativa, geralmente entre *pero* e *sino*. A expressão *sin embargo* é a menos enfocada nesses materiais. Por coincidência, é ela que os alunos mais gostam de utilizar, por ser, talvez, a que mais difere da língua portuguesa, sendo bem característica da língua espanhola.

Em função do problema do uso desses morfemas, surgiu a necessidade de se fazer um estudo aprofundado sobre como dicionários, gramáticas e livros didáticos descrevem essas palavras: *pero*, *sino*, *sin embargo*, e de comparar com a descrição feita pela TAL.

¹ Usa-se morfema com o sentido de signo mínimo de natureza gramatical, por oposição a lexema, conforme terminologia de Martinet (1972).

² Mais adiante se verificará que *pero* e *sino* são chamados de articuladores, pois articulam segmentos de enunciados de blocos semânticos diferentes. Se verá, também, que *PERO*, em determinados enunciados, pode ser um conector, correspondendo, então a *SIN EMBARGO*.

³ Chamado conector, pois relaciona segmentos de um mesmo bloco semântico, constituindo, assim, o encadeamento argumentativo. São conectores *DONC* (portanto / por lo tanto) e *POURTANT* (mesmo assim / sin embargo), como se poderá verificar mais adiante.

Na prática, sabe-se que dicionários, livros didáticos e gramáticas apresentam, quase sempre, explicações generalistas, seguidas de exemplos que, na maioria das vezes, não esclarecem muito. Muitas vezes, essas explicações até confundem mais o aluno, que acaba empregando as três formas *pero*, *sino*, *sin embargo* como se essa decisão dependesse de uma escolha entre meios de expressão diferentes, ou em função de haver alguma expressão cuja entonação indicasse a escolha adequada de cada uma delas.

Ao mesmo tempo em que é importante para a prática pedagógica o estudo detalhado do tratamento dado a esses morfemas em dicionários, livros didáticos e gramáticas, para que se reverta o quadro de dúvida instalado no momento de aplicação desses morfemas, surge, também, um outro questionamento: será que se o aluno tivesse uma explicação de uso desses articuladores *pero*, *sino* e conector *sin embargo* baseada numa descrição feita pela Teoria da Argumentação na Língua (TAL), não se poderia obter um melhor resultado na aprendizagem?

A TAL nasce praticamente no final dos anos setenta, tendo como mentor o filósofo da linguagem Oswald Ducrot, juntamente com o matemático e lingüista Jean – Claude Anscombe. Em sua obra *La argumentación en la lengua* (1994), esses autores consideram que a língua não informa sobre o mundo, mas que realmente comporta indicações de caráter argumentativo, caráter este, que constitui a sua função primeira, de maneira que não somente as dinâmicas discursivas, mas também o léxico e a própria estrutura semântica da língua estabelecem um valor argumentativo. Para eles a significação da língua é de caráter instrucional, uma função que contém parâmetros variados a partir dos quais se pode calcular o sentido dos enunciados. Isso os leva a afirmar: *Hablar es dirigir el discurso en cierta dirección, hacia ciertas conclusiones, hablar es inscribir nuestros enunciados en una cierta dinámica discursiva*. (DUCROT y ANSCOMBRE, 1994, p.56). {Falar é direcionar o discurso em certa direção, para certas conclusões, falar é inscrever nossos enunciados em uma certa dinâmica discursiva}⁴. Essa é a concepção da Teoria da Argumentação na Língua, que pretende descrever a língua, de forma autônoma, sem recorrer a um conhecimento do mundo e do pensamento.

Ducrot, em seu artigo *A pragmática e o estudo semântico da língua* (2005) faz um estudo sobre o sentido no enunciado. Nesse artigo, ele mostra que tudo, ou quase tudo, o que

⁴ Optamos por colocar as traduções em português entre chaves, seguindo o original em língua estrangeira. A tradução é nossa, feita de forma livre.

diz respeito ao sentido é pragmático, que nada é informação prévia, que a língua sempre aponta que contexto procurar. Além disso, mostra que a enunciação deixa marcas lingüísticas no enunciado e por elas se pode fazer a sua reconstituição. Para isso, Ducrot distingue dois empregos para a palavra pragmática. O primeiro postula que todo o sentido de um enunciado está relacionado com o uso da língua em um determinado contexto, ou seja, um mesmo enunciado tem sentidos diferentes.

Tomem-se três ocorrências da mesma frase como exemplo:

(1) João está feliz.

(1') João está feliz !

(1'') João está feliz ?

Essa mesma frase só poderá ter sentido determinado dentro de um contexto de fala. Note-se que, nas três ocorrências, o mesmo fato é enfocado (a felicidade de João), mas esse entendimento só se faz possível, no momento em que se utiliza uma exclamação, interrogação ou afirmação, que correspondem a entonações diferentes.

O mesmo acontece com enunciados mais complexos, constituídos de argumento e conclusão. A conclusão sempre vai depender do encadeamento possível, do contexto em que está inserida e, principalmente, da intenção do falante, pois, na TAL, o signo completo é uma frase complexa, em que o significado de um segmento de enunciado é definido pelas várias possibilidades de combinações que ele apresenta com outros segmentos de enunciados, passando a constituir, desta maneira, um encadeamento argumentativo. Por isso, para Ducrot:

Pode-se chamar “pragmático”, no sentido de um enunciado, o que diz respeito ao ato de enunciação realizado pelo locutor, todas as informações que o enunciado dá sobre a atitude daquele que fala no momento em que fala, e sobre as relações que sua fala pretende estabelecer ou constatar entre ele e seus interlocutores. (2005, p.12).

O segundo sentido consiste em denominar pragmáticos todos os aspectos semânticos que não sejam diretamente previsíveis a partir da estrutura lingüística do enunciado, isto é, a partir das combinações das palavras que o constituem, aspectos que se compreendem somente quando se considera a situação na qual o discurso é produzido. Tome-se como referência o exemplo dado por Ducrot em seu artigo:

Suponhamos que se queira saber de que carro se trata quando alguém diz “O veículo está na rua”, deve-se para isso conhecer o tema da conversação. Somente ele permite determinar qual o universo do discurso ao qual o locutor fez alusão, universo no qual pode especificar um e unicamente um objeto particular, ao dizer-se “o veículo” e, em certos empregos ao menos dessa frase, uma e somente uma via de circulação, quando se diz “a rua”. (2005, p. 10).

Para que se possa entender a frase dada no exemplo acima seria interessante poder determinar o conjunto de veículos do qual o locutor fala que se encontra na rua. Nota-se que o artigo definido “o” estabelece que se trata de um veículo conhecido, já identificado (é de alguém conhecido). A necessidade de recorrer à situação para atribuir um sentido a um enunciado, não implica que a estrutura lingüística do enunciado seja semanticamente ignorada. Ela indica o que se deve procurar no contexto, e como procurar, quando se quer interpretar o enunciado. É o que Ducrot propõe, por exemplo, ao se substituir, no exemplo já analisado “O veículo está na rua”, o artigo definido pelo indefinido “Há um veículo na rua”. Mas, para que se possa compreender este enunciado é necessário fazer uma pesquisa pragmática, pois o artigo indefinido “um” dá para essa pesquisa instruções especiais que o definido não dá. Ele implica que o conjunto de veículos seja desconhecido, caso se saiba de quem é, deve-se por isso, procurar para especificar esse conjunto, um outro critério que não o de pertencer a alguém conhecido. Lá onde o definido exigia que se descobrisse, no contexto, um conjunto de referência contendo um único objeto, o indefinido exige que esse conjunto contenha pelo menos dois. Certamente, o sentido só se constrói por empréstimo do contexto, mas essa construção “pragmática” do sentido é dirigida pelo valor propriamente lingüístico das palavras que se devem interpretar. (DUCROT, 2005, p.11).

O que realmente se pretende mostrar é que não existem enunciados ou conclusões prontas. O sentido de um segmento de enunciado depende do encadeamento argumentativo possível, ou seja, a língua mesmo argumenta.

E uma das hipóteses, para poder comprovar que a língua argumenta, segundo Ducrot (2005) seria uma transformação completa da palavra do dicionário, pois não se trata mais de encontrar os traços pertinentes de um conceito, que é só o que traz o dicionário, mas de mostrar a qual tipo de discurso conduz o emprego de uma palavra ou enunciado.

Tome-se como exemplo:

(2) Está uma noite agradável.

Se a conclusão estivesse pronta e se fosse buscar o significado no dicionário da palavra *agradável*, se poderia dizer: *vamos passear*; *vamos tomar sorvete*, pois o dicionário apresenta o significado de agradável como “adj. - Que agrada; capaz de agradar”. (MINIDICIONÁRIO Aurélio, 1987, p. 16).

Mas note-se que também é possível a seguinte conclusão: *vamos ficar em casa*. Esta conclusão vai contra uma argumentação que praticamente estaria pronta (se está agradável ‘portanto’ sair), a qual seguiria o sentido utilizado pela palavra dicionarizada. Mas este exemplo demonstra que nem sempre se segue a lógica do primeiro segmento do enunciado (estar agradável ‘portanto’ ficar em casa). A Teoria dos Blocos Semânticos, proposta por Marion Carel, amplia a TAL, incluindo a noção de bloco semântico, realizada no que chama de encadeamento argumentativo.

Para Marion Carel (2001, p.76) o encadeamento argumentativo é “qualquer seqüência de dois elementos que são, de certo modo, dependentes”.

Considerem-se os seguintes exemplos:

(3) É tarde, portanto o trem está lá. (o trem já chegou)

(4) É tarde, portanto o trem não está lá. (o trem já partiu)

É possível notar que os enunciados (3) e (4) contêm as mesmas palavras, na mesma ordem, com a diferença apenas de que em (4) há o acréscimo do advérbio “não”, negando o fato de o trem estar lá. Se a questão do sentido de um enunciado fosse informacional, o enunciado (3) afirmaria o fato de o *trem estar lá* enquanto (4) o negaria. No entanto, o sentido de (3) e de (4) são completamente diferentes. Enquanto (3) expressa a *chegada do trem*, (4) expressa a sua partida. Esses sentidos de (3) e de (4) advêm da interdependência semântica que se forma entre *ser tarde e presença /ausência* do trem, num caso (3) mais tarde, mais presente e noutro (4) mais tarde, mais ausente. Em outras palavras, em (3) se argumenta que a passagem do tempo provoca a presença das coisas e em (4) que a passagem do tempo provoca a ausência das coisas.

A descrição do sentido dos enunciados gera muita necessidade de estudo e, em virtude disso, juntamente com a dúvida no uso de *pero*, *sino*, *sin embargo*, tanto em leituras de textos de língua espanhola quanto na produção dos mesmos, busca-se, neste trabalho, um aprofundamento tanto da teoria quanto da aplicação da mesma com relação a esses articuladores e conector.

Em vista disso, são objetivos desta pesquisa: investigar se a descrição que é possível fazer de *pero*, *sino* e *sin embargo* com o arcabouço da TAL é mais adequada para ensinar a distinguir essas morfemas, principalmente quando se ensina a língua espanhola para falantes não-nativos; auxiliar os usuários de espanhol como língua estrangeira a usarem adequadamente os morfemas: *pero*, *sino* e *sin embargo*.

Como decorrência desses objetivos, este trabalho pretende delinear uma metodologia que auxilie alunos e professores de língua espanhola a utilizarem adequadamente os articuladores *pero* e *sino* e o conector *sin embargo*, tanto em procedimentos de recepção quanto de produção de textos.

Nesse sentido, duas hipóteses foram levantadas, com o intuito de direcionar algumas reflexões:

Hipótese 1: A descrição dos articuladores *pero*, *sino*, e do conector *sin embargo*, encontradas em gramáticas, dicionários e livros didáticos, baseia-se no valor informativo, o que dificulta a distinção e o uso dos mesmos.

Hipótese 2: A descrição dos articuladores *pero*, *sino* e do conector *sin embargo*, feita pela Teoria da Argumentação na Língua, favorece a distinção e o uso dos mesmos.

Na tentativa de cumprir esses objetivos e de examinar essas hipóteses, analisam-se, no primeiro capítulo, duas perspectivas – uma com base na tradição gramatical e outra com base na Teoria da Argumentação na Língua.

No capítulo destinado à metodologia, são referidos os participantes, a aula dada e os testes realizados para se poder chegar a um resultado, bem como o modo de aplicação e os procedimentos que foram adotados durante todo o processo de pesquisa.

Logo em seguida, trata-se da apresentação e análise dos resultados obtidos.

Por último, fazem-se as considerações finais em que se destacam algumas conclusões que, de alguma maneira, refletem o modo como alunos estão aprendendo e, ao mesmo tempo, aplicando o conteúdo ensinado em sala de aula, no caso o uso de *pero*, *sino* e *sin embargo*. Também se propõe uma metodologia de trabalho que auxilie, na perspectiva da pesquisa feita, professores e alunos a exercerem uma prática pedagógica mais bem sucedida no ponto de

vista da percepção do sentido argumentativo dos textos, não só em situação de leitura, mas também em situações de produção.

1 DESCRIÇÃO DE *PERO*, *SINO* E *SIN EMBARGO* NA PERSPECTIVA DA TRADIÇÃO GRAMATICAL E DA SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA

1.1 Perspectiva da tradição gramatical

Foram analisados na pesquisa três dicionários de língua espanhola, sendo um deles Português/Espanhol – Espanhol/Português, os outros eram de língua espanhola (Espanhol/Espanhol); cinco gramáticas da Língua Espanhola, sendo uma nacional e as outras estrangeiras; três livros didáticos, sendo dois livros nacionais e um estrangeiro.

Esse material foi selecionado por ser o mais utilizado pelos acadêmicos, estudantes de Língua Espanhola, em instituições de ensino superior do nosso estado.

1.1.1 Análise de dicionários

Buscou-se conhecer a descrição dos articuladores *pero e sino* e do conector *sin embargo* feita por três dicionários de língua espanhola. Os dicionários foram selecionados tanto por serem os mais utilizados pelos alunos de graduação quanto por serem os dicionários de maior prestígio no meio acadêmico.

1.1.1.1 Dicionário da Real Academia Española

O dicionário apresenta as seguintes descrições:

Pero – (Del lat. Per hoc) conjunción adversativa con que a un concepto se contraponen otros diversos o ampliativos del anterior: *El dinero hace rico a los hombres, PERO no dichosos, le injurié con efecto, PERO él primero me había injuriado a mí.* (REAL ACADEMIA, 1996, p. 1579).

{**Pero** – (do latim *per hoc*) conjunção adversativa com que a um conceito se contrapõe outro diferente ou ampliativo do anterior. “O dinheiro faz rico aos homens, mas não felizes”, “o injuriei de fato, mas ele primeiro havia injuriado a mim”}.

Sino – Sino 1 – (Del latín *signum*) m. Desus., pero 3, defecto. 2 Hado. // 3. ant. Cosa que evoca en el entendimiento las ideas de otra. *Pasar el sino*. Fr. Fig. Y fam. And. *Pasar grandes trabajos o disgustos*. Sino 2 – (de si 1 y no) conj. *Adversativa con que se contrapone a un concepto negativo otro afirmativo*. *No lo hizo Juan, sino Pedro.[...]* 2. *Denota a veces idea de excepción*. *Nadie lo sabe, SINO Antonio*. (REAL ACADEMIA, 1996, p. 1885).

{**Sino** – mas 1 – (do latim *signum*) m. Desus., Mas 3, defeito. 2. Hado. // 3. ant. Coisa que evoca no entendimento as idéias de outra. *Pasar el sino*. Fr. Fig. Y fam. And. *Passar grandes trabalhos ou desgostos*. Mas 2 – (de mas 1 e não) conjunção adversativa com que se contrapõe a um conceito negativo outro afirmativo. “Não o fez João, mas Pedro”. 2. Denota às vezes idéia de exceção. “Ninguém sabe, mas Antonio”.}

Sin embargo – locución adversativa. *No obstante, sin que sirva de impedimento*. (REAL ACADEMIA, 1996, p. 801).

{**Sin embargo** – locução adversativa. Não obstante, sem que sirva de impedimento}.

Pode-se perceber que a descrição de *pero* é nocional, inexata, tradicional, fechada, não aplicável a todos os contextos, pois o que se explica quando se diz que “*pero* é uma conjunção adversativa com que um conceito se contrapõe a outro diverso ou ampliativo do anterior”? Essa explicação é baseada somente no conteúdo, no sentido informativo do enunciado. A dificuldade é ver se os conceitos se contrapõem ou se um amplia o outro. Confirmam-se os exemplos: *el dinero hace rico a los hombres, pero no dichosos* {o dinheiro faz rico aos homens, mas não felizes}; *le injurie con efecto, pero él primero me había injuriado a mi* {o injuriei de verdade, mas ele primeiro havia injuriado a mim}.

Seria possível afirmar, somente com a informação dada pelo dicionário, que, no primeiro exemplo, os conceitos se contrapõem e, no segundo, há uma ampliação?

Note-se que a busca ao dicionário em foco auxilia pouco quem queira usar ou ler adequadamente *pero* em enunciados.

Em relação ao articulador *sino*, pode-se perceber, mais uma vez, o valor informativo conduzindo a explicação. O dicionário trouxe uma série de informações que pode acabar confundindo o aluno. Percebe-se que, durante as explicações, o articulador *sino* sempre apresenta um valor de correção, mas não é possível compreender esse sentido através dos exemplos por ele apresentados.

A segunda explicação apresenta dois contextos possíveis descritos. O primeiro: conjunção adversativa que contrapõe a um conceito negativo outro afirmativo *no lo hizo Juan*,

sino Pedro {não o fez João, mas Pedro} que é um contexto sintático após o uso do “não”; o segundo: uma explicação de que, às vezes, denota sentido de exceção *Nadie lo sabe, sino Antonio* {ninguém sabe, mas Antonio} que é um contexto semântico “em que se expresse exceção”.

O dicionário apresenta duas informações iguais para *pero* e *sino*. A respeito de *pero* afirma – “contrapõe um conceito a outro diverso ou ampliativo”, e sobre *sino* diz – “contrapõe um conceito negativo, um afirmativo”, o que significa que são diversos também. A explicação, além de pouco esclarecedora, deixa a entender que os dois articuladores podem ser usados na mesma situação, sem distinção do sentido dos mesmos.

Observam-se, portanto, explicações e exemplos que, muitas vezes, não são compreendidos por alunos e por professores tamanha a vagueza e conseqüente falta de clareza da explicação.

Já com conector *sin embargo*, não há tentativa de esclarecimento e/ou indicação de aplicabilidade, com mais uma agravante, esse conector não teve sequer um único exemplo apresentado.

1.1.1.2 Dicionário Espanhol/Português/Português/Espanhol

O referido dicionário apresenta a seguinte descrição:

Pero – 1. Mas porém. “*Me gusta pero está muy caro*”. Gosto, mas está muito caro. *Es caro, pero bueno*. É caro, mas é bom. *Pero qué haces aquí!* Mas o que você está fazendo aqui! (p.311).

Sino – conj. 1. Senão, porém, mas, e sim. *Ella no viene hoy, sino el domingo*. Ela não vem hoje, e sim no domingo. 2. Senão, exceto, a não ser. *Nadie habló, sino Antonio*. Ninguém falou, a não ser Antonio. [...] 4. Mas também. *Lo estimo no solo por su simpatía sino por su sinceridad*. Gosto dele não só pela simpatia, mas também pela sua sinceridade. a. *sino* contrapõe sempre uma oração afirmativa a uma negativa anterior. *No llamó a ella, sino él*. Não foi ela quem ligou, e sim ele. B. Quando o verbo da 2.ª oração (afirmativa) é diferente do v. da 1.ª oração (negativa) usa-se *sino* que. *No deseo sino que seas feliz*. Desejo apenas que você seja feliz. (p.376)

Sin embargo – Mas, no entanto, contudo, não obstante, entretanto. *Se empeñó, sin embargo no le dieron el empleo*. Esforçou-se, contudo não conseguiu o emprego. (p.160) (FLAVIAN; FERNÁNDEZ, 1995).

Analisando a descrição deste dicionário é possível perceber que o esclarecimento continua sendo insuficiente. A explicação não encontra uma forma que diminua as dúvidas dos alunos, somente são apresentados vários exemplos e os articuladores e conector são postos em português para possibilitar ao aluno distinguir e aplicar os articuladores *pero*, *sino*, e o conector *sin embargo*.

A explicação é que *pero* significa ‘mas’ e ‘porém’ em português. Sempre depois de uma informação ou uma tradução o dicionário apresenta um exemplo em espanhol, seguido de sua tradução ao português. Por exemplo: *Se empeñó, sin embargo no le dieron el empleo.* {Esforçou-se, contudo não conseguiu o emprego}.

Quanto à descrição de *sino*, percebe-se que tanto no número 1 quanto 2 e 4 é feita somente a transcrição do espanhol para o português, pois *sino* pode significar *senão*, *porém*, *mas*, *e sim*, *exceto*, *a não ser*, *apenas só*, *somente* e *mas também*, o que demonstra apenas o contexto sintático em que ocorre *sino*. Todos os exemplos são também seguidos de exemplos em espanhol e traduzidos ao português. O dicionário somente estabelece que *sino* pode ser utilizado em todas estas situações, sem explicitar uma diferença de uso entre eles. Não se sabe qual exatamente seria a explicação necessária para se fazer tal diferenciação.

E, como sempre, *sin embargo* aparece com apenas uma breve menção. É necessário chamar atenção para a falta de importância que lhe parece ser atribuída, uma vez que a explicação é dada somente através de uma tradução do espanhol para o português e de um exemplo.

1.1.1.3 Dicionário de La Lengua Española

Este dicionário apresenta a seguinte explicação:

Pero – conj. Advers. Expresa contraposición u oposición: *este chico es inteligente, pero vago.* // Puede tener valor concesivo: *un hogar sencillo, pero acogedor.* // Se usa como partícula enfática, encabezando alguna frase: *pero ¿cómo es posible?* (LAROUSSE, 1994, p. 506).

{**Pero** – conj. Advers. Expressa contraposição ou oposição: *este menino é inteligente, mas preguiçoso.* // Pode ter valor concessivo: *um lugar simples, mas acolhedor.* // Usa-se como partícula enfática, encabeçando alguma frase: *mas como é possível?*}

Sino – conj. Advers. Contrapone a un concepto afirmativo otro negativo. // Denota idea de excepción. Fam. Si I y no. (LAROUSSE, 1994, p. 610).
{*Sino* – conj. Advers. contrapõe um conceito afirmativo outro negativo. // Denota idéia de exceção}.

Sin embargo – no obstante (LAROUSSE, 1994, p. 242).
{*Sin embargo* – Não obstante}.

Ao analisar esse dicionário, é possível perceber que a explicação não é muito diferente dos outros, mas também se nota uma tentativa de explicar um outro possível sentido para *pero* que, além de expressar oposição, em algumas frases pode expressar concessão. Interessante esta intuição lingüística, porque possibilita o uso de *pero* em uma outra situação. No entanto, essa segunda possibilidade de uso, fica somente na menção, pois o exemplo é citado, sem ser explicado como se estabelece esse sentido de concessão na frase. Quem não consegue distinguir, pensa que ele tem a mesma aplicabilidade do outro *pero* (mas PA)⁵ chamado por Carlos Vogt (1980).

Quanto à explicação de *sino*, pode-se dizer que a deste dicionário é a mais vaga, pois não cita exemplo algum, somente diz que contrapõe a um conceito afirmativo outro negativo, e que pode denotar idéia de exceção. Mas aí fica a pergunta, em que sentido, em que contexto? Serão esses os únicos contextos?

Já a expressão *sin embargo* vem a confirmar as expectativas, pois não é nem possível se tentar fazer alguma análise. O dicionário apresenta somente uma possibilidade de tradução para o português, sem exemplo e contextualização alguma.

Uma questão interessante, que merece ser comentada, é o contexto em que aparece a expressão *sin embargo* em todos os dicionários. Ela vem sempre ao final da explicação da palavra *embargo* (substantivo), que apresenta outro significado, totalmente diferente e que em nada se assemelha ao uso e ao sentido de *sin embargo* (conector). Portanto, para poder encontrar algum significado no dicionário deve-se procurar na letra ‘e’ e não na letra ‘s’.

Durante a análise dos três dicionários selecionados, pôde-se perceber que todos eles têm alguma coisa em comum, ou seja, trazem uma explicação não muito clara; tentam dar

⁵ Mais adiante se verá que existem dois tipos de *pero*: (Mas PA) – que relaciona segmentos de enunciados pertencentes a blocos semânticos diferentes – *Este menino é inteligente, mas preguiçoso*; e Mas (concessivo – mesmo assim – *sin embargo*) – que relaciona segmentos de um mesmo bloco semântico – *Come muito, mas (mesmo assim) não engorda*.

uma informação de um conteúdo principalmente informacional, nocional, em contextos fechados.

O terceiro dicionário, Larousse, é o que melhor descreve *pero*, mas também é o que mais deixa a desejar em relação a *sino* e a *sin embargo*.

Já o primeiro dicionário, da Real Academia Espanhola, é mais detalhista nas definições semânticas. Chega a exagerar nas informações e nos exemplos, o que acaba por cansar e até confundir o aluno, pelo fato de apresentar nuances de sentido, que são, por vezes, difíceis de perceber.

O segundo dicionário, da editora Ática, é muito utilizado pelos alunos de graduação. As explicações nele constantes são de caráter informativo.

Para melhor verificar a análise feita dos dicionários, segue um quadro comparativo:

DICIONÁRIOS	APRESENTA OS TRÊS MORFEMAS	DESCRIÇÃO INFORMATIVA	EXEMPLOS		
			PERO	SINO	SIN EMBARGO
Real Academia	X	X	X	X	-
Ática	X	X	X	X	X
Larousse	X	X	X	-	-

Percebe-se que a explicação contida nos três dicionários analisados é baseada em uma descrição semântica com valores fixos. A descrição tenta dar conta de todos os enunciados existentes. Nota-se a dificuldade de concretização dessa tarefa, uma vez que o que acaba acontecendo, é uma lista enorme de exemplos que não dão conta de tudo.

Ducrot propõe uma concepção mais instrucional, aberta da significação, pois a tradicional não dá conta de todos os enunciados: “*Sin una concepción instruccional, abierta de la significación, nos veremos obligados a dar a la palabra pero una descripción que me parece inexacta*”. (1988, p. 58).

A expressão *sin embargo* é a menos posta em evidência e a menos descrita e exemplificada por todos os dicionários. Será que o mesmo ocorre em gramáticas? É o que se tentará verificar a seguir, durante a análise das gramáticas selecionadas.

1.1.2 Análise de gramáticas

Para a análise dos articuladores *pero e sino* e do conector *sin embargo* foram escolhidas cinco gramáticas de língua espanhola, selecionadas a partir dos seguintes critérios: ser uma das mais utilizadas pelos alunos de graduação; ser uma das mais bem conceituadas pelo meio acadêmico. Buscou-se, também, trabalhar com gramáticas nacionais e estrangeiras.

1.1.2.1 Uso de la gramática española

A gramática não apresenta *pero* como categoria gramatical, mas menciona o seu uso diretamente nas orações.

Apresenta a seguinte explicação:

Las oraciones que expresan contraste o restricción entre dos ideas reciben el nombre de adversativas. Empiezan por pero:

Trabaja mucho, pero gana poco.

A. ¿Hablas español?

B. Sí, pero no hablo muy bien todavía. (CASTRO, 1998, p.141).

{ As orações que expressam contraste ou restrição entre duas idéias recebem o nome de adversativas. Começam por *pero*..

Trabalha muito, mas ganha pouco.

A. Falas espanhol?

B Sim, mas não falo muito bem}.

Pode-se perceber que esta gramática, uma das mais indicadas e utilizadas pelos alunos, traz uma explicação semântica, de conteúdo informacional fixo (expressam contraste ou restrição), com o objetivo de classificar as orações. No final das contas, deve-se gravar que, se a oração inicia com *pero*, é adversativa. Note-se, ainda, que a gramática não aborda o uso de *sino* e de *sin embargo*.

Também não foram encontrados, nessa gramática, exercícios que, de alguma maneira, desenvolvam uma competência lingüística para o uso dos três morfemas estudados.

O único exercício é de completar lacunas, usando os articuladores *como, porque, pero* e *si*, como segue:

6. *Relacione las frases con como, porque, pero, sí.*
Ej.: 1. *Llegó tarde porque el despertador no sonó.*
2. *La noticia apareció en la prensa, él no se enteró.*
3. *.....no sabía qué hacer, volvió a su casa y se acostó.*
4. *Le he prestado dinero me dijo que lo necesitaba.*
5. *.....no te apetece salir, nos quedaremos en casa.*
6. *Me gustaría ir al cine,tengo que estudiar.*
7. *.....no había agua, no pude ducharme. (CASTRO, 1998, p.141).*

- {6. Relacione as frases com como, porque, mas, se.
Exemplo: 1. Chegou tarde porque o despertador não tocou.
2. A notícia apareceu na imprensa, ele não percebeu.
3.....não sabia o que fazer, voltou a sua casa e se deitou.
4. Emprestei dinheiro a ele.....me disse que precisava.
5.....não está querendo sair, ficaremos em casa.
6. Gostaria de sair,.....tenho que estudar.
7.....não tinha água, não pude tomar banho }.

Nota-se que, nos dois exemplos dados, no início da explicação na gramática, e também no exercício proposto, aparecem os dois tipos de *pero*: *pero* adversativo “*sí, pero no hablo muy bien*” {sim, mas não falo bem} e *pero* concessivo “*trabaja mucho, pero gana poco*” {trabalha muito, mesmo assim ganha pouco}. Mas, em momento algum, é explicitada essa diferenciação, que é tão importante do ponto de vista argumentativo, como se verá ao se examinar a descrição de *pero* e *sin embargo* na TAL.

1.1.2.2 Gramática española

Calatrava traz a seguinte descrição de *pero, sino* e *sin embargo*:

Adversativa – aunque, cuando, con todo, antes bien, sin embargo, no obstante, pero, sino.

Ejemplos – Y sin embargo todavía lo quiero.

Dilo si quieres, pero me parece mejor callar.

Haz lo que digo sino te pegaré. (CALATRAVA, 1996, p.176).

{Adversativa – ainda que, quando, contudo, antes bem, mesmo assim, não obstante, “pero”, “sino”.

Exemplos – E mesmo assim o quero.

Diz o que queres, mas me parece melhor calar.

Faz o que digo se não te surrarei }.

Esta gramática não explica, não descreve. Simplesmente lista conjunções adversativas, dando em seguida, exemplos de enunciados com *sin embargo*, *pero* e *sino*, sem nenhuma especificação de contexto e nenhuma diferenciação de uso dos três elementos.

Em relação à explicação do articulador *sino*, ela vai contra todas as descrições encontradas até aqui, uma vez que os dicionários analisados apresentavam *sino* como articulador entre uma expressão afirmativa que se contrapõe a outra negativa, o que não é o caso do exemplo dado *Haz lo que digo sino te pegaré* {Faz o que eu te digo, se não te surrarei}. A explicação dada nesta gramática está totalmente equivocada. O *sino* que aparece não é um *sino*, mas sim um *si no*, ou seja, uma expressão condicional, com o seguinte sentido {Se você não fizer o que te pedir, eu o surrarei}.

É preocupante um erro como esse numa gramática que é bastante utilizada e na qual, de alguma maneira, professores e alunos buscam auxílio para ampliarem sua competência lingüística e melhorarem seu desempenho. Cumpre observar, também, que não foram encontrados exercícios sobre o assunto.

1.1.2.3 Gramática comunicativa del español

De acordo com Francisco Bom, pode-se apresentar a seguinte explicação sobre *pero*:

2. Cuando mencionamos un nuevo elemento que en cierta medida rompe con lo dicho anteriormente, contrasta con ello o lo limita de alguna manera, utilizamos generalmente: *pero*. Con frecuencia, el contraste no es explícito u objetivo. Para la persona que habla se trata, *sin embargo*, de algo que puede ir contra de lo que acaba de decir o de las expectativas de su interlocutor.
Ejemplos: *Es caro, pero es muy bueno; Ven mañana, pero pronto; Es extranjero, pero habla español como un nativo.* (BOM, 1995, p.103).

{2. Quando mencionamos um novo elemento que em certa medida rompe com o dito anteriormente, contrasta com isto ou o limita de alguma maneira, utilizamos geralmente: *pero*. Com frequência, o contraste não é explícito ou objetivo. Para a pessoa que fala se trata, mesmo assim, de algo que pode ir contra o que acaba de ser dito ou às expectativas de seu interlocutor
Exemplos: É caro, mas é muito bom; vem amanhã, mas cedo; é estrangeiro, mesmo assim fala espanhol como um nativo.}

Destaque-se a dificuldade de entender a explicação: no primeiro parágrafo, trata-se de distinguir entre 'romper', 'contrastar' e 'limitar de alguma maneira'; no segundo, o autor alerta para o fato de o contraste nem sempre ser explícito ou objetivo, caso em que se deve apelar para a análise da enunciação para saber se vai contra o que a pessoa que fala disse ou as expectativas de seu interlocutor. Observe-se a mistura de critérios do semântico/descritivo ao enunciativo encontrados na tentativa de explicação.

Deve-se mencionar, ainda, o uso de 'contraste' no primeiro parágrafo e no segundo. Neste, parece conter também os sentidos 'romper' e 'limitar de alguma maneira'. Naquele, essas noções eram distintas.

Como se pode notar, fica muito difícil para professores e alunos a tarefa de distinguir entre os morfemas em questão. Esta gramática, assim como a primeira citada, a Gramática de Uso, também ignora a existência das expressões *sino* e *sin embargo*, dando somente destaque para *pero*.

Mais uma vez se percebe que a explicação de *pero* é informativa e generalista. Também ocorre a exemplificação dos dois tipos de *pero* existentes em espanhol, mas a distinção não é examinada, nem ao menos apontada. Como se verá adiante, nos dois primeiros exemplos são utilizados *pero*, chamado de 'Mas (PA)⁶' por Vogt (1980): *Es caro, pero es muy bueno; ven mañana, pero pronto...* {É caro, mas é muito bom; vem amanhã, mas cedo}, e o terceiro exemplo utiliza o *pero*, que pode ser substituído por (Pourtant - PT)⁷: *Es extranjero, pero habla español como un nativo* {É estrangeiro, mesmo assim fala espanhol como um nativo}.

A gramática lança os exemplos como se todos fossem iguais, com um mesmo sentido e uso.

Também não foram encontrados exercícios sobre o conteúdo trabalhado.

1.1.2.4 Gramática y la lengua española

Nesta gramática, encontram-se as seguintes definições:

⁶ Articulam segmentos de enunciados de blocos semânticos diferentes.

⁷ Conecta segmentos de enunciados de um mesmo bloco semântico.

Conjunciones adversativas:

Las conjunciones adversativas más empleadas son “pero” y “sino”. Variante de la primera, reducida hoy a la lengua escrita, es ‘mas’.

Son unidades adverbiales sin embargo, no obstante, con todo, etc. , aunque introduzcan en el enunciado un sentido adversativo. Tampoco funciona como conector, a pesar de su parentesco con “pero”, la unidad “aunque”.

Si son casi equivalentes los enunciados. Es inteligente aunque distraído y Es inteligente pero distraído, no por ello es identificable la función de pero y de aunque: este, con el segmento que encabeza, puede preceder al otro, mientras “pero” se interpone forzosamente entre los dos segmentos contrapuestos (puede decirse Aunque es distraído es inteligente, y nunca Pero distraído es inteligente).

Mientras los conectores copulativos y disyuntivos admiten la reunión de más de dos segmentos coordinados, los adversativos solo pueden agrupar dos y señalan que las nociones evocadas por estos están contrapuestas. El conector “pero” no indica solo restricción, sino expresa incompatibilidad entre lo designado por cada uno de los dos segmentos, de manera que el segundo excluye el primero.

Ejemplos del primero:

** El ara de los sacrificios está solitaria, pero no fría.*

- *Volvió al cuarto a contarle a su esposo lo que había visto, pero él no le hizo caso.*

- *Al principio la sangre mana como el agua de la fuente, pero pronto y seca.*

El conector “sino” exige que el segmento precedente comporte una negación, y cuando el segundo es una oración, adopta normalmente la forma sino que. Véanse ejemplos:

**Alguna vez tengo que hablarte [...] no de lo antes, ni de lo de ahora, ni de lo después, “sino” de lo de siempre y de nunca.*

**No era una labor homogénea y regular, sino mudanza continua de una tarea a otra.*

** No se trata de avalorar, sino de comprender el español.*

** No era conquistador tímido y vergonzante, sino que lanzaba sus fuegos frente a frente.*

El sentido aditivo que a veces puede expresar “sino” depende de la presencia de la combinación “no solo” en el primer miembro del enunciado (o solamente), según se aprecia en estos ejemplos:

- *Los únicos animales prohibidos ‘no solo’ en la casa, sino en todo el poblado, eran los gallos de pelea.*

- *No solo ha comprobado la casi absoluta desaparición del conejo, sino que ha encontrado perdices muertas. (LLORACH, 1995, p. 232-234).*

{ *Conjunções adversativas:*

*As conjunções adversativas mais empregadas são *pero* e *sino*. Variante da primeira pessoa, reduzida hoje à língua escrita é ‘mas’.*

São unidades adverbiais mesmo assim, não obstante, contudo, etc, ainda que introduzam no enunciado um sentido adversativo. Também não funciona como conector, apesar de seu parentesco semântico com ‘mas’, a unidade ‘ainda que’.

Se forem quase equivalentes os enunciados: É inteligente ainda que distraído; e É inteligente mas distraído, nem por isso é identificável a função de ‘mas’ e de ainda que: este, com o segmento que encabeça, pode preceder ao outro, enquanto ‘mas’ se coloca de forma forçada entre os dois segmentos contrapostos (pode ser dito: Ainda que distraído é inteligente; e nunca: Mas distraído é inteligente).

Enquanto os conectores aditivos admitem a reunião de mais de dois segmentos coordenados, os adversativos só podem agrupar dois e marcam as noções evocadas por estes que estão opostos. O conector ‘mas’ não indica somente restrição, mas expressa incompatibilidade entre o designado por cada um dos dois segmentos, de maneira que o segundo exclua o primeiro.

Exemplos do primeiro:

** O altar dos sacrificios está solitário, mas não frio.*

- *Voltou ao quarto para contar a seu esposo o que havia visto, mas ele não quis saber.*

- *Ao princípio o sangue emana como a água da fonte, mas pronta e seca.*

O conector ‘mas’ (*sino*) exige que o segmento precedente comporte uma negação, e quando o segundo componente é uma oração, adota normalmente a forma de ‘mas sim’. Vejam-se os exemplos:

* Alguma vez tenho que falar-te [...] não do antes, nem do agora, nem do depois, mas sim do sempre e do nunca.

* Não era um trabalho homogêneo e regular, mas sim mudança continua de uma tarefa a outra.

* Não se trata de avaliar, mas sim de compreender o espanhol.

O sentido aditivo que, às vezes, pode expressar *sino* depende da presença da combinação ‘não somente’ no primeiro membro do enunciado, segundo se pode ver nos exemplos:

Os únicos animais proibidos ‘não somente’ na casa, mas sim em todo povoado, eram os galos de briga.

* Não somente comprovaram a quase absoluta desapareição do coelho, mas sim encontraram perdizes mortas}.

Fazendo a análise da gramática da Real Academia e do dicionário da Real Academia, é possível perceber que os dois têm uma descrição em que se verifica mais intuição lingüística. No entanto sua explicação também se restringe a atribuir um valor semântico com um caráter fixo a esses morfemas. Confira-se: “O conector ‘mas’ não indica somente restrição, mas expressa incompatibilidade entre o designado por cada um dos dois segmentos, de maneira que o segundo exclua o primeiro”. Veja-se que o usuário da gramática deve distinguir entre ‘restrição’ e ‘incompatibilidade’, o que é, sem dúvida, difícil. Essas nuances de sentido visam a descrever com precisão significados fixos para ‘mas’, que dêem conta do emprego de ‘mas’ em todos os contextos, o que não é uma tarefa simples.

Quanto ao uso de *sino*, é apresentada a descrição do contexto sintático em que ocorre. Já o *sin embargo* é somente citado como uma unidade adverbial. Não é mencionada nenhuma explicação quanto a seu uso, tampouco é exemplificado. Simplesmente é esquecido que esse morfema existe e que é um dos mais complicados de ser utilizado em frases e textos da língua espanhola por estudantes de espanhol não-nativos. Também não foram encontrados exercícios relacionados ao conteúdo proposto.

1.1.2.5 Gramática básica del español

Como se poderá verificar a seguir, esta gramática apresenta o assunto estudado dentro do processo de coordenação:

La coordinación adversativa

1. *Definición*

Mediante este tipo de coordinación se unen oraciones que expresan relación de divergencia, diversidad o contrariedad. Esta oposición sirve para corregir, limitar

o graduar; de ahí que las adversativas pueden ser clasificadas en correctivas, limitativas y gradativas.

2. Nexos

Como nexos de unión, se utilizan las conjunciones siguientes:

2.1 *Para corregir: sino, sino que, antes, antes bien, más bien. No es tanto, sino caprichoso.*

2.2 *Para limitar: mas, pero, aunque, sin embargo... Es joven, pero maduro [...]*

3. Característica de uso

Pero – es la conjunción más utilizada; mas (sin acento) se emplea menos.

Pero debe preceder siempre a la segunda oración, y no puede encabezar la frase:

Lo vi, pero no lo toqué. Pero no lo toque, lo vi

Sino – es restrictiva total y va siempre precedida de una negación en la oración anterior; de ahí que contrapone una oración afirmativa a una negativa. No come carne sino fruta.

Con valor de gradación, va precedido de no sólo. No sólo come dos veces al día, sino tres. (SÁNCHEZ, 1989, p. 313 – 315).

{ A coordenada adversativa

1. Definição

Mediante este tipo de coordenação se unem orações que expressam relação de divergência, diversidade ou contrariedade. Esta oposição serve para corrigir, limitar ou graduar, daí que a adversidade pode ser classificada de corretiva, limitativa e gradativa.

2. Nexos

Como nexos de união, se utilizam as conjunções seguintes:

2.1 Para corrigir: mas, mas sim, antes, antes bem, mas bem. Não é tanto, mas é caprichoso.

2.2 Para limitar: mas, *pero*, ainda que, mesmo assim. É jovem, mas maduro. [...]

3. Características de uso

Pero – é a conjunção mais utilizada; mas (sem acento) se emprega menos.

Pero deve preceder sempre a segunda oração, e não pode encabeçar a frase: Eu o vi, mas não o toquei.

Sino – é restritiva total e vai sempre precedida de uma negação na oração anterior, daí que contrapõe uma oração afirmativa a uma negativa.

Não come carne, mas fruta.

Com valor de gradação, vai precedido de não só: Não só come duas vezes ao dia, mas sim três}.

Para confirmar o que já foi constatado, anteriormente, nas análises das outras gramáticas, a descrição de *pero* e *sino* é sempre informativa. Já *sin embargo* somente é citado, mas nunca explicado.

A explicação de *pero* também é singular, uma vez que não são postas as suas duas possibilidades de uso. Mas num aspecto nota-se diferença, é a única gramática que coloca para *sino* o valor de correção, sempre precedido de um segmento negativo ele terá o valor e a função de corrigir, de retificar.

Para finalizar a análise das gramáticas, pode-se dizer que, como os dicionários, elas trazem informações generalistas, muito vagas, na tentativa de explicitar valores semânticos fixos, muitas vezes não explicam e, muito menos, ensinam algo para estudantes de língua

espanhola não-nativos. Isto sem mencionar o termo *sin embargo*, que aparece muito pouco, sendo, portanto, pouco trabalhado em sala de aula pelos seguidores dessas gramáticas.

Para melhor visualizar as análises feitas, segue um quadro comparativo descrevendo todos os contextos possíveis:

GRAMÁTICA	APRESENTA DESCRIÇÃO, CLASSIFICAÇÃO OU EXPLICAÇÃO.			EXEMPLOS			EXERCÍCIOS		
	PERO	SINO	SIN EMBARGO	PERO	SINO	SIN EMBARGO	PERO	SINO	SIN EMBARGO
Uso de la gramática española	X	-	-	X	-	-	X	-	-
Gramática española	X	X	X	X	X	X	-	-	-
Gramática comunicativa	X	-	-	-	-	-	-	-	-
Gramática y la lengua española	X	X	X	X	X	-	-	-	-
Gramática básica del español	X	X	X	X	X	-	-	-	-

Nota-se que todas as gramáticas apresentam *pero* como conteúdo, mas nem todas trazem alguma explicação de *sino* e *sin embargo*.

Percebe-se, também, que as gramáticas: *Uso de la Gramática Española*; *Gramática Comunicativa del español*; *Gramática y la lengua española*; *Gramática básica del español* trabalham basicamente sob o aspecto semântico. Tentam dar uma explicação de uso para os morfemas como se essa descrição pudesse dar conta de todos os enunciados.

A *Gramática Española* nem sequer tenta explicar, ela somente descreve *pero*, *sino* e *sin embargo* como conjunções adversativas. Já a *Gramática básica del español* classifica os morfemas dentro de determinadas categorias como: para corrigir, para limitar.

José Rebouças Macambira (1982), quando trata da categoria “conjunção” se vale de três aspectos para construir o conceito. Ele faz um estudo que contempla o aspecto mórfico, o

aspecto sintático, e o aspecto semântico. Mas não é o que ocorre nas gramáticas analisadas, voltando, dessa maneira, ao mesmo comentário já feito durante a análise dos dicionários. As explicações são tradicionais, fechadas, como se as descrições semânticas pudessem dar conta de todos os contextos. Isso sem falar naquelas gramáticas que não apresentam explicação alguma para o uso de *sino* e *sin embargo*.

Por isso, seria interessante voltar ao pensamento de Ducrot, que propugna uma descrição linguística aberta, instrucional para a compreensão dos enunciados.

La idea general consiste en decir que la significación indica simplemente el trabajo que debe hacerse para comprender el enunciado. En este sentido digo que la significación es abierta. El sentido del enunciado se produce cuando se ha obedecido a las indicaciones dadas por la significación. (1988, p. 60).

Depois de terminada essa etapa de análise, passar-se-á, então, aos estudos dos livros didáticos mais utilizados pelos estudantes de Língua Espanhola, para melhor conhecimento dos três vocábulos *pero*, *sino* e *sin embargo* e de sua aplicação e uso em língua espanhola.

Será que a explicação neles contida contempla a expectativa de ensino e dirime todas as dúvidas? Ou será que eles também deixarão a desejar, assim como dicionários e gramáticas?

É preciso registrar a dificuldade de se encontrarem livros didáticos que contemplassem o uso de *pero*, *sino* e *sin embargo* ou as orações adversativas como conteúdo.

1.1.3 Análise de livros didáticos

Para conhecer o modo de tratamento dos articuladores *pero* e *sino* e do conector *sin embargo* pelos livros didáticos, selecionaram-se os livros mais utilizados pelos alunos. Vale ressaltar a dificuldade de se encontrarem livros didáticos que contivessem o assunto referido. Por esta razão, os livros foram escolhidos, considerando-se os seguintes critérios: apresentação do conteúdo a ser analisado e utilização pelos alunos de graduação, tanto em aula como em pesquisa sobre o assunto tratado.

1.1.3.1 Expansión: Español en Brasil

No livro didático em foco, publicado pela FTD, na seção do capítulo sobre conjunções, lê-se:

Conjunciones [...]

En la continuación está una lista de las principales:

Adversidad – pero, sino, sin embargo, no obstante. La calidad es buena, pero el precio es muy alto. No son demócratas, sino dictadores. La casa es buena, sin embargo está muy lejos del centro de la ciudad. La casa es buena, no obstante está muy lejos del centro de la ciudad.

Ojo!

Sino es una conjunción adversativa típica del idioma español. La construcción en que se utiliza parte siempre de una negativa: primeramente se dice lo que no es para, a continuación, afirmar lo que es. Ese procedimiento proporciona un tono enfático a la afirmación, y la énfasis es, en efecto, una de las marcas de la cultura española reflejada en el idioma. No se trata de un problema personal, sino social.

No se debe confundir sino con si no. Esta segunda forma es una condición negativa. Ejemplo: Si no hablas español, tendrás menos oportunidades profesionales (= con la condición de que no hables español). (JACIRA & ROMANOS, 2002, P.318 – 320).

{Conjunções [...]

Na continuação está uma lista das principais:

Adversidade- mas, mas sim, mesmo assim, não obstante. A qualidade é boa, mas o preço é muito alto. Não são democratas, mas ditadores. A casa é boa, mesmo assim está muito longe do centro da cidade. A casa é boa, não obstante está muito longe do centro da cidade.

Atenção!

Sino (mas) é uma conjunção adversativa típica do idioma espanhol. A construção em que se utiliza parte sempre de uma negação: primeiramente se diz o que não é, para na continuação, afirmar o que é. Esse procedimento proporciona um tom enfático à afirmação, e a ênfase é, de fato, uma das marcas da cultura espanhola refletida no idioma. Não se trata de um problema pessoal, mas sim social.

Não se deve confundir sino (mas) com si no (se não). Esta segunda forma é uma condição negativa. Exemplo: Se não falas espanhol, terás menos oportunidades profissionais (= com a condição de que não fales espanhol)}.

É possível perceber o caráter informativo. Tratando-se de um livro didático, que está sendo utilizado para ensinar a brasileiros a língua espanhola, ele contém pouca explicação, uma vez que lista uma série de conjunções, sem explicar as maneiras de uso.

Apresenta a classificação das conjunções *pero*, *sino* e *sin embargo* apenas como adversativas, contendo um exemplo para cada uma. Logo em seguida, o livro didático traz um *ojo*, um modo de chamar atenção, o qual dá destaque para a conjunção *sino*.

Quanto às conjunções *pero* e *sin embargo*, o livro didático apresenta somente um exercício de preencher lacunas. Nesse exercício apenas uma frase é contemplada com o uso

das conjunções adversativas. E esta única frase abre a possibilidade de ser completada tanto por *pero* como por *sin embargo*. Desta maneira, o que contém no livro e no exercício dão a entender que *pero* e *sin embargo* têm a mesma função, aplicabilidade e sentido.

Segue a transcrição de um exercício:

Ejercicios

a) *Reemplaza los huecos con conjunciones que expresen los matices semánticos indicados entre paréntesis.[...]*

3) *Ellos quieren ir al campo a pasar el fin de semana, pero / sin embargo (adversidad) dependen de que sus padres se lo permitan. (JACIRA & ROMANOS, 2002, P. 322).*

{Exercícios

a) *Completa os espaços com conjunções que expressem as matizes semânticas indicadas entre parênteses. [...]*

3) *Eles querem ir ao campo passar o fim de semana, mas/ mesmo assim (adversidade) dependem de que seus pais os permitam}.*

O exercício, mostrado como foi encontrado no livro, supõe que ambos morfemas: *pero* e *sin embargo* poderiam completar a lacuna. Essa possibilidade é contemplada, pois a diferença entre eles, segundo o livro, é de matiz semântico, uma vez que ambos são classificados como adversativos.

1.1.3.2 Español sin fronteras

Trata-se de um livro didático, publicado em Madrid pela SGEL, feito especialmente para falantes do espanhol como segunda língua.

Na seção sobre conjunções adversativas e concessivas, pode-se ler:

Para constatar o limitar las expectativas lógicas creadas por una información, usamos:

Pero

- *Información: Martina es extranjera.*

- *Expectativa lógica: No habla español.*

- *Contraste: Pero habla como una nativa..*

Sin embargo

- *Tiene el mismo valor.*

- *Se usa en registros más cultos.*

- *Va seguido de pausa.*
 - *Martina es extranjera y, sin embargo, habla como una nativa.*
Sino.
 - *Sirve para corregir completamente una negación anterior.*
 - *No he dicho que Martina sea nativa, sino que habla como una nativa.*
¡ Ojo!
No confundamos sino con si no condicional.
Tienes que practicar más, si no nunca hablarás bien. (GARGALLO *et al.*, 2000, p. 121, 122).

{Para contrastar ou limitar as expectativas lógicas criadas por uma informação, usamos:

Mas

Informação – Martina é estrangeira.

Expectativa lógica: Não fala espanhol.

Contraste: Mas fala como uma nativa.

Sin embargo

- Tem o mesmo valor.

- Se usa em registros mais cultos.

- Vai seguido de pausa.

- Martina é estrangeira e, mesmo assim, fala como uma nativa.

Sino

- Serve para corrigir completamente uma negação anterior.

- Não disse que Martina seja nativa, mas sim que fala como uma nativa.

Atenção

Não confundamos 'mas sim' com 'se não' condicional.

Tens que praticar mais, se não nunca falarás bem}.

O interessante é que este livro didático traz as conjunções *pero*, *sino* e *sin embargo* classificadas, também, como concessivas.

Contudo, uma primeira dificuldade é percebida logo no início do enunciado: 'serve para contrastar ou limitar expectativas lógicas'. O que são expectativas lógicas? São pressupostos do enunciado? São conclusões permitidas pelo enunciado? Que diferença há entre 'limitar' e 'contrastar'?

Outro equívoco parece haver quando são apresentadas as conjunções *pero* e *sin embargo* como se tivessem o mesmo valor na frase {Mas fala como uma nativa / E, mesmo assim, fala como uma nativa}. Até podem ter, em algumas frases, mas não em todas, generalizando e ampliando seu uso como dá a entender. Seria necessário explicar e exemplificar a outra possibilidade de uso e sentido da conjunção *pero*, mas, em momento algum, isto é feito. Parece que não existe esta possibilidade e que *pero* e *sin embargo*, ambos, podem sempre ser usados em quaisquer situações, um substituindo o outro, visto terem o mesmo valor, diferindo apenas quanto ao registro da língua (*sin embargo* seria mais culto) e quanto à existência de pausa (*sin embargo* vai seguido de pausa), o que não é verdade, pois

não necessariamente deva existir uma pausa após o uso de *sin embargo*, como se pode ver no seguinte exemplo: *Tenían las manos atadas, o esposadas, y sin embargo los dedos danzaban.* {Tinham as mãos atadas, ou algemadas, mesmo assim os dedos dançavam}.

Relativamente à conjunção *sino*, aparece uma pequena explicação com um exemplo. O interessante é que este livro explica a expressão com o sentido de corrigir uma negação anterior e, em seguida, chama atenção para não confundir com a condicional *si no*, acrescentando uma exemplificação.

O livro, em sua organização e distribuição de conteúdos, apresenta falhas. Mistura conteúdos, conjunções com preposições, o que só vem a comprovar a dificuldade de se conseguir explicar, de maneira que o aluno entenda, por meio de sua utilização.

Quanto à presença de exercícios, foi encontrado somente um. Um exercício de completar lacunas e, da maneira como foi proposto, parece que não existe ambigüidade no exercício que permita escolher mais de uma possibilidade para uma lacuna. Por exemplo, a última lacuna, qual seria a resposta correta, poderia ser *pero*, *sino* ou *sin embargo*? {não porque suponham um perigo para a saúde..... porque se sabe ainda muito pouco sobre elas}. Após uma explicação semântica sobre esses morfemas se poderia chegar à resposta correta que é *sino*. Segue o modelo do exercício proposto:

6) Completa:

aunque – pero – sin embargo – sino – si no

¿ has oído hablar de las “bebidas inteligentes?” Por supuesto que sí, es que vives fuera del mundo. Hace apenas diez años que llegaron a Europa, ya ha invadido las discotecas y gimnasios, haciendo furor entre amantes de productos naturistas, las personas estresadas, los deportistas, los que quieren energía extra... Normalmente, saben a naranja, limón, maracujá y otras frutas, por eso parecen inofensivas no son recomendables para los niños, ni para las embarazadas.....parece que aumentan la lucidez mental y vencen el sueño, hay que tomarlas con moderación, no porque supongan un peligro para la salud, porque se sabe todavía muy poco sobre ellas. (GARGALLO et al., 2000, p. 123).

{6) Completa:

ainda que – mas – mesmo assim – mas sim – se não

Já ouviu falar das “bebidas inteligentes?” Claro que sim, é que vive fora do mundo. Faz apenas dez anos que chegaram da Europa, já invadiram discotecas e ginásios, fazendo furor entre os amantes de produtos naturais, as pessoas estressadas, os esportistas, os que querem energia extra... Normalmente, experimentam a laranja, limão, maracujá e outras frutas, por isso parecem inofensivas..... não são recomendáveis para as crianças, nem para mulheres grávidas parece que aumenta a lucidez mental e vencem o sono, é necessário tomar com moderação, não porque suponham um perigo para a saúde, porque se sabe ainda muito pouco sobre elas}.

Já a primeira lacuna parece não se conseguir completar com nenhum deles, mesmo sendo seguida de pausa. Na verdade a resposta é *si no*, o que faz perceber a mistura ocorrida na seleção do exercício, pois está utilizando, na mesma atividade, conjunções chamadas “adversativas” (*pero, sino, sin embargo*) com “concessivas” (*aunque*) e “condicionais” (*si no*), sendo que a explicação dada, anteriormente ao exercício, fazia parte das conjunções adversativas.

1.1.3.3 Español serie Brasil

O livro didático apresenta a seguinte descrição:

Las conjunciones de coordinación

Así como en portugués, en español hay algunas palabras que sirven para términos de una misma oración o para unir dos oraciones. Dichas palabras son las conjunciones y poseen valores semánticos distintos. Observa a continuación algunas de ellas.

[...]

La conjunción pero tiene valor semántico de adversidad: Estupendo, Dolores, pero ¿dónde vives? (MARTÍN, 2003, p. 111).

{ As conjunções coordenativas

Assim como em português, em espanhol existem algumas palavras que servem para termos de uma mesma oração ou para unir orações. Ditas palavras são conjunções e possuem valores semânticos diferentes. Observe a continuação algumas delas.

[...]

A conjunção *mas* tem valor semântico de adversidade: Maravilhoso, Dolores, mas onde vives?}.

Esse livro didático, muito utilizado em escolas de Ensino Médio, não menciona as conjunções *sin embargo* e *sino*.

As explicações são de caráter informacional, não esclarecem nada em relação ao uso de *pero*. A explicação é feita em apenas uma linha, logo seguida de exemplo cujo cálculo do sentido não é tão simples: *Estupendo, Dolores, pero ¿dónde vives?* {Maravilhoso, Dolores, mas onde vives?}.

Após esta única linha de explicação de *pero*, são apresentados dois exercícios com *pero* e, mais adiante, é possível encontrar um exercício que utiliza o conector *sin embargo*.

Contudo, também é possível notar que este exercício fica isolado, pois o livro não traz nenhuma explicação sobre este conector.

Nesse livro didático foram encontrados, portanto, três exercícios sobre o conteúdo estudado:

Ejercicio

1) *Elige un elemento de cada columna y forma frases:*

<i>María está enferma</i>	<i>O</i>	<i>Estudia</i>
<i>Mi hermano trabaja</i>		<i>Todos aprobaron el examen</i>
<i>Mis primos están aquí</i>	<i>Pero</i>	<i>Quiero comer</i>
<i>Nadie estudió</i>		<i>No quieren hablar contigo</i>
<i>Tengo hambre</i>	<i>y</i>	<i>Al museo</i>
<i>Quiero ir al cine</i>		<i>Sigue trabajando</i>

2) *Relaciona las frases con PERO o Y:*

- a) *Nos despertamos temprano PERO llegamos tarde.*
 - b) *Los estudiantes estudiaron mucho Y aprobaron los exámenes.*
 - c) *Helena todavía no tiene hijo PERO quiere tenerlos.*
 - d) *Che Guevara ha dicho que hay que endurecer PERO sin perder la ternura.*
 - e) *Lucía quiere estudiar Matemáticas Y dar clases en una escuela pública.*
- 3) *El uso de las conjunciones en español es muy semejante al portugués. Observa atentamente el sentido que pueden tener las frases a continuación y completa con las conjunciones abajo. Pero OJO, no puede sobrar ninguna.*
- Aunque - ni - pues - por eso - o sea - porque - sin embargo - ora...ora - luego*
- a) *Todavía no estudia NI trabaja.*
 - b) *ORA trabaja, ORA lee el periódico.*
 - c) *Pilar no viene AUNQUE le gusten las fiestas.*
 - d) *He leído el libro SIN EMBARGO no lo he entendido.*
 - e) *Come mucho LUEGO siempre tiene que adelgazar.*
 - f) *Charla con todos los que encuentra, O SEA, habla demasiado.*
 - g) *Tiene fiebre POR ESO no viene.*
 - h) *Se despierta más tarde PUES vive cerca del trabajo.*
 - i) *Si sigue la lluvia, creo que no vienen a la fiesta, PORQUE viven muy lejos de la ciudad.. (p.113).*

{Exercício

1) Escolhe um elemento de cada coluna e forma frases:

<i>Maria está doente</i>	<i>OU</i>	<i>Estuda</i>
<i>Meu irmão trabalha</i>		<i>Todos passaram no exame</i>
<i>Meus primos estão aqui</i>	<i>MAS</i>	<i>Quero comer</i>
<i>Ninguém estudou</i>		<i>Não querem falar contigo</i>
<i>Estou com fome</i>	<i>E</i>	<i>Ao museu</i>
<i>Quero ir ao cinema</i>		<i>Segue trabalhando</i>

2) *Relaciona as frases com MAS ou E:*

- a) *Acordamos cedo MAS chegamos tarde.*
- b) *Os estudantes estudaram muito E passaram no exame.*
- d) *Che Guevara disse que tem que endurecer MAS sem perder a ternura.*
- e) *Lúcia quer estudar matemática E dar aula em uma escola pública.*

3) O uso das conjunções em espanhol é muito semelhante ao português. Observa atentamente o sentido que podem ter as frases a continuação e completa com as conjunções abaixo. Mas Atenção, não pode sobrar nenhuma.

Ainda que – nem – pois – por isso – ou seja – porque – mesmo assim – ora...ora - logo

- a) Ainda não estuda NEM trabalha.
- b) ORA trabalha, ORA lê o jornal.
- c) Pilar não vem AINDA QUE goste de festas.
- d) Li o livro MESMO ASSIM não entendi.
- e) Come muito LOGO sempre tem que emagrecer.
- f) Fala com todos os que encontra, OU SEJA, fala muito.
- g) Está com febre POR ISSO não vem.
- h) Acorda mais tarde POIS vive perto do trabalho.
- i) Se continua a chuva, creio que não vem à festa, PORQUE mora muito longe da cidade}.

O interessante é que são três exercícios, pode-se dizer até bem extensos, para pouca explicação. Os exercícios não contemplam o uso dos articuladores *pero* e *sino* e do conector *sin embargo*. Este aparece somente no último exercício sem sequer ter sido objeto de menção anterior.

Para que se possa ver a análise de um modo mais claro, segue um quadro comparativo dos três livros didáticos:

Livros didáticos	Descrição dos articuladores e/ou conector na seção de conjunções	Valor informativo ou classificatório da explicação			Exemplos			Exercícios		
		PERO	SINO	SIN EMBARGO	PERO	SINO	SIN EMBARGO	PERO	SINO	SIN EMBARGO
Expansión	X	X	X	X	X	X	X	X	-	X
Español sin fronteras 2	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Español serie Brasil	X	X	-	-	X	-	-	X	-	X

Percebe-se que os livros didáticos, muito mais utilizados em sala de aula, apresentam menos esclarecimentos que as gramáticas, as quais já têm pouco também. Novamente, volta-se ao ponto inicial, todas as tentativas de explicações são tradicionais, fechadas, buscando somente descrever os contextos em que os articuladores poderiam ocorrer. Sabe-se, contudo, que isso é uma tarefa muito difícil, pois são inúmeros os enunciados e sempre pode haver um com matiz semântico diferente.

1.2 Perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua

1.2.1. Descrição de MAS feita por Vogt, Ducrot e Anscombe

Carlos Vogt (1980), ao realizar um estudo sobre a origem da conjunção adverbial ‘mas’, conclui que ela não deriva do latim (*sed*), mas do advérbio (*magis*), palavra muito utilizada para formar um grau comparativo de superioridade que, muitas vezes, acaba sendo confundida com a palavra ‘mais’. Por exemplo: ‘Não tem mais nem menos’, quando alguém está querendo fazer algumas objeções (mas,... mas...), como se quisesse contra-argumentar em relação a algum assunto.

Quando as línguas românicas, segundo Vogt (1980), passam a utilizar um derivado do *magis* (como *sino* em espanhol) como conjunção adversativa, a complicação aparece, pois *sino* e *pero* têm a mesma tradução para a língua portuguesa. A função (retificadora) que vem do espanhol *sino* e a que vem do alemão (*sondern*) dão origem à sigla (SN). A outra que vem também do espanhol (*pero*) e do alemão (*aber*) originam a sigla (PA). No primeiro caso, a conjunção adversativa MAS (SN), *sino* em espanhol, serve para introduzir uma retificação, uma correção. Pode-se dizer que vem sempre depois de uma proposição negativa $p = n-p'$, e induz a uma determinação ‘q’ que substitui a determinação p’ negada em p e atribuída a um interlocutor real ou virtual. Pode-se encontrar um exemplo retirado do texto número 07, *Mapamundi-2* (conforme Teste 1 - parte A p. 53):

[...] *Así lo quiere el orden natural de las cosas. En el sur del mundo enseña el sistema, la violencia y el hambre no pertenecen a la historia, SINO a la naturaleza, y a la justicia y la libertad han sido condenadas a odiarse entre sí. (GAI, EANO, 1999, p. 96).*

{[...] Assim quer a ordem natural das coisas. No sul do mundo se ensina o sistema, a violência e a fome não pertencem à história, MAS à natureza, e à justiça e à liberdade foram condenadas a se odiarem}.

Examine-se o enunciado “La violencia y el hambre no pertenecen a la historia, sino a la naturaleza, a la justicia, a la libertad”. Nele há dois segmentos ligados por *sino*.

1.º segmento

2.º segmento

A violência e a fome não pertencem à história SINO à natureza, à justiça, à liberdade.

P – positiva (a violência e a fome pertencem à história)

Não P’ (a violência e a fome não pertencem à história)

SINO

Q (à natureza, à justiça, à liberdade)

O articulador *sino* sempre terá uma função retificadora, como se pode ver, em outro exemplo, o texto número 05, *Los nadies* (teste 1 - parte A, p. 53):

Que no hablan idiomas, SINO dialectos.
Que no profesan religiones, SINO supersticiones.
Que no hacen arte, SINO artesanía.
Que no practican cultura, SINO folklore.
Que no son seres humanos, SINO recursos.
Que no tiene cara, SINO brazos.
Que no tienen nombre, SINO número.
Que no figuran en la historia universal, SINO en la crónica roja de la prensa local.
(GALEANO, 1999, p.59).

{Que não falam idiomas, MAS dialetos.
Que não professam religiões, MAS superstições
Que não fazem arte, MAS artesanato.
Que não praticam cultura, MAS folclore.
Que não são seres humanos, MAS recursos humanos.
Que não têm cara, MAS braços.
Que não têm nome, MAS número.
Que não figuram na história universal, MAS na crônica vermelha da imprensa local}.

Contudo é necessário diferenciar negação argumentativa daquilo que os lógicos chamam de negação. Segundo eles, dado um predicado P e um sujeito S, ou bem P é

verdadeiro de S, ou é falso de S. Negar P seria dizer que P é falso de S, afirmá-lo seria dizer que P é verdadeiro de S.

Tomando-se como exemplo a frase: As pessoas alegres entusiasmam pouco os outros, é possível afirmar que, por seu intermédio, pode-se obter encadeamento como: As pessoas alegres (são desmotivadas, têm pouca influência...). Todas estas frases orientam para conclusões contrárias que poderiam ser tiradas sobre o assunto ‘alegria’ ou ‘entusiasmo’. Este é um exemplo de que o sentido do enunciado não é construído com base num valor fixo, mas pela possível continuação que possibilitam, constituindo o encadeamento argumentativo.

Para Vogt (1980, p. 112) “quando diz não - B, o falante representa uma enunciação virtual de B, e se opõe a esta enunciação. Ou seja, não se pode enunciar não - B, sem enunciar B”.

Tome-se o exemplo: *Que no figuran en la historia universal, SINO en la crónica roja de la prensa local.* (Texto 5 - *Los nadies*, já citado acima).

Percebe-se que aparece, na negação não - B, o discurso relatado B. Sabe-se que B é mantido. O fato de B ter sido dito, imaginado ‘recuso que aparece na história universal’, nota-se um peso que a negação gramatical não pode apagar: a afirmação de que ele foi objeto já constitui para B uma espécie de alteridade. A alteridade aparece como constitutiva de sentido. (VOGT, 1980, p. 113).

Até agora todo esse estudo mostrou que *magis* latino pode ser empregado com um sentido muito próximo de ‘mas’ SN (*sino*). O mesmo não ocorre com o ‘mas’ PA⁸ (*pero*⁹), uma vez que não se tem encontrado o emprego de *magis* com a função PA. Estudam-se, assim, duas hipóteses: ou o ‘mas’ PA deriva diretamente de *magis*, ou é uma passagem indireta, em que *magis* teria dado apenas o ‘mas’ SN, e, mais adiante, se estendeu para preencher a função PA.

⁸ Articula segmentos de encadeamentos argumentativos de blocos diferentes. Não se tratará neste trabalho da diferença apontada por Carel em seu artigo *Argumentación normativa y argumentación exceptiva* entre o MAS PA de oposição direta e de oposição indireta. Segundo ela, o primeiro articula o argumento de um bloco com a conclusão de outro e o segundo articula argumentos de blocos diferentes. Exemplo de “mas” de oposição direta seria “Trabalha mas, mesmo assim, não fica rico”. Consideramos que, no enunciado, “Trabalha, mas não fica rico”, tem-se um “mas” substituível por “pourtant” (sin embargo).

⁹ Mais adiante se verá que existe um PERO que poderá ser substituído por SIN EMBARGO, cuja função é conectar dois segmentos de um mesmo bloco, constituindo um encadeamento argumentativo.

Quando se tem o MAS PA são postos em cena dois argumentos que autorizam conclusões inversas. Em B MAS PA A, B é apresentado como argumento para uma conclusão R, e A para não - R. O locutor também dá maior importância para A, pois o resultado vai do ponto de vista argumentativo para A, ou seja, é orientado para não - R. Veja no exemplo retirado do texto número 3, *Profecias/1* (conforme teste 1- parte A, p. 52):

[...] (5) *Yo me reí. Me reí por la infinita bondad de esa mujer desconocida, que me regalaba flores y augurios de éxito, y me reí por la palabra distinción, que tiene no sé que de cómica, y porque me vino a la cabeza un viejo amigo del barrio, que era muy bruto, PERO certero, y que solía decir, sentenciado, levantando el dedo: 'A la corta o a la larga, los escritores se hamburguesan'. Así que me reí; y la maga se rió de mi riso.* (GALEANO, 1999, p. 19).

{[...] (5) Eu ri. Ri pela infinita bondade desta mulher desconhecida, que me presenteava flores e presságios de êxito, e ri pela palavra distinção, que tem não sei o quê de cômica, e porque me veio à cabeça um velho amigo de bairro, que era muito ignorante (sem instrução), MAS sábio, e eu normalmente dizia, sentenciado, levantando o dedo: 'À curta ou à larga, os escritores se hamburguesam'. Assim que ri, e a maga riu de meu riso}.

Observe-se o enunciado: “*Me vino a la cabeza un viejo amigo del barrio, que era muy bruto PERO certero* {Ignorante MAS sábio}.

Nota-se que *certero* (sábio) é um argumento oposto à conclusão esperada, pois se é bruto (ignorante) não pode ser acreditado, ou seja, vai contra o argumento, uma vez que ‘bruto (ignorante) DC¹⁰ (portanto) não acreditado’ e ‘*certero* (sábio) DC (portanto) ser acreditado’. São dois argumentos articulados por *pero*, os quais conduzem a conclusões contrárias.

Vogt, em seu artigo *De magis a mas: uma hipótese semântica*, levanta uma dúvida: em que sentido se pode dizer que o enunciado que vem antes de Mas PA não é jamais objeto de uma negação gramatical? Se isso quer dizer que a frase anterior a Mas PA não pode conter uma negação é falso, como se pode ver no exemplo: Joana não é estudiosa, Mas (PA) é persistente: passará de ano. Neste caso, o MAS PA contém um morfema negativo interno ao enunciado, que não tem relação com o movimento argumentativo de negação marcado por ‘mas’. Se fosse com ‘mas’ SN, a negação gramatical cairia sobre o primeiro segmento de enunciado, exprimiria movimento de negação implicado por ‘mas’. Portanto, a negação

¹⁰ Símbolo DC (donc) universal para uso de portanto.

gramatical que pode preceder ‘mas’ PA pertence ao discurso relatado ao qual o locutor se opõe como se pode ver no exemplo: *Ela não é estudiosa, portanto não passará de ano* e *Ela é persistente, portanto passará de ano*. Já o que precede o ‘mas’ SN marca a oposição do falante ao discurso que relata. Por exemplo: *Ela não é chinesa, mas japonesa*. (VOGT, p.124).

Para Anscombe e Ducrot (apud VOGT, 1980, p. 125), a idéia de que o primeiro segmento de enunciado, que precede ‘mas’ PA, não é jamais o objeto de uma negação gramatical, é expressa sob uma outra forma. Mostra-se que o morfema negativo que pode vir antes de ‘mas’PA marca a negação ‘descritiva’ e aquele que precede ‘mas’ SN marca a negação polêmica. Entende-se por polêmica aquela que recusa o dito ou ato realizado pelo falante no momento em que fala; e descritiva aquela que pertence ao discurso relatado pelo locutor.

1.2.2 Descrição feita por Carel na Teoria dos Blocos Semânticos

Estudos feitos por Ducrot e Carel já comprovaram que o valor semântico profundo de certas palavras, expressões e enunciados é de natureza argumentativa. Na primeira fase do estudo, a relação de sentido de um enunciado era estabelecida entre um argumento e uma conclusão. Por exemplo: *Faz calor: vamos sair*. O argumento lançado ‘faz calor’ leva à conclusão ‘sair de casa’, pois vários fatores influenciam, dentre eles ‘não está chovendo’, ‘vamos aproveitar um ótimo dia’. O sentido do enunciado era dado pela continuação seguinte, ou seja, a conclusão. ‘Faz calor’ não tem sentido referencial, mas sim argumentativo. Se o argumento é ‘faz calor’ não adianta procurar no dicionário o sentido de ‘calor’, pois o sentido é estabelecido pela conclusão possível, como se pode observar no enunciado *É calor: não vamos sair*, em que calor é desagradável para passear.

Esse é um dos objetivos da TAL, opor-se à concepção tradicional de sentido, ou seja, opor-se àquela concepção que separa o sentido denotativo (objetivo) e conotativo (subjetivo e intersubjetivo).

A TAL aponta para uma impossibilidade de se poder acreditar que a linguagem possua uma parte objetiva, a qual poderia descrever de forma direta a realidade. A partir dessa visão, Ducrot mostra que o aspecto referencial perde totalmente a razão de ser, pois “*La manera*

como el lenguaje ordinario describe la realidad consiste en hacer de ella el tema de un debate entre los individuos” (1988, p.50), o que demonstra a junção dos dois aspectos subjetivo e intersubjetivo no chamado valor argumentativo, que pode ser definido como o conjunto de possibilidades ou impossibilidades da continuação dos segmentos do enunciado.

A segunda fase dos estudos está fortemente ligada à Teoria dos Topoi. A relação argumentativa estava concebida em uma relação binária, ou seja, como uma relação entre dois segmentos discursivos na qual o primeiro chamado de ‘argumento’ (A), era apresentado pelo locutor como destinado a fazer admitir o segundo, chamado ‘conclusão’ (C). O enunciado poderia conduzir a várias conclusões que seriam garantidas pelo *topos*, princípio argumentativo comum a uma comunidade. Por exemplo: ‘Pedro levanta cedo’, que seria o argumento (A), poderia ativar o princípio, também chamado de *topos* ‘quem cedo madruga tem mais chance de sucesso, pois trabalha mais, está mais disposto, não tem preguiça’, que conduziria à conclusão (C), ‘portanto Pedro vai conseguir fazer o que quer’. Se o princípio vigente na comunidade fosse ‘Quem cedo madruga só se cansa mais’, então, a conclusão do argumento ‘Pedro levanta cedo’ seria ‘portanto não vai ter mais sucesso por isso’, ‘Isso só vai atrapalhá-lo’ entre outros. Ou seja, todo enunciado A com a garantia de um *topos* conduziria à conclusão C, pois era esse *topos*, considerado comum à coletividade onde ocorria o discurso, que permitia extrair argumento do estado de coisas para justificar essa ou aquela conclusão. Aliás, cumpre referir que esse termo foi tomado da Retórica de Aristóteles.

Para melhor compreender a fase seguinte, da Teoria dos Blocos Semânticos, proposta por Carel, se utilizará como base um estudo realizado pelos autores já citados em relação ao articulador *pero* e ao conector *sin embargo*.

Para Anscombe e Ducrot (apud Carel, 1998, p. 258) os discursos que fazem uso de *pero* convocam encadeamentos com *donc*, sendo desta maneira classificáveis como ‘discursos argumentativos’, que podem ser descritos da seguinte maneira A *pero* B: o primeiro segmento A é o argumento de um encadeamento com *donc* de conclusão R. O segundo segmento B é o argumento de um encadeamento com *donc* de conclusão não – R. O locutor pode escolher o argumento B em detrimento a A, como no exemplo: *No soy inteligente, dice la alumna, pero me gustaría aprobar en el examen* {Não sou inteligente, mas gostaria de passar no exame}.

Carel, discutindo a supremacia dos encadeamentos argumentativos em *donc*, chega à Teoria dos Blocos Semânticos. Para ela um bloco semântico é estabelecido por enunciados

que apresentam o aspecto normativo da regra (*donc*) e por enunciados que apresentam conclusões argumentativas transgressivas (*pourtant*)¹¹. Desse modo, um bloco semântico pode apresentar quatro aspectos: os recíprocos (positivo e negativo), e os conversos (normativo e transgressivo). Vejam - se os exemplos:

A	B
A DC C (Falar DC dizer)	Não A DC não C (Não falar DC não dizer)
C	D
Não A PT C (Não falar PT dizer)	A PT não C (Falar PT não dizer)
Recíprocos (A e B; C e D)	
Conversos (A e D ; C e B)	

Podem-se conferir os positivos encadeamento normativo A DC C, *Fala DC diz* e encadeamento transgressivo A PT não C, *Fala PT não diz*; os negativos encadeamento normativo Não A DC não C *Não fala DC não diz* e encadeamento transgressivo Não A PT C *Não fala PT diz*. Dessa maneira, percebem-se nas frases: ‘*Falar DC dizer* e *Não falar DC não dizer*’, o aspecto normativo da regra e, nas frases: ‘*Não falar PT dizer* e *Falar PT não dizer*’, o aspecto transgressivo da regra.

As descrições semânticas da TAL são instruções sobre que contexto procurar para atribuir sentido a um enunciado, enquanto livros didáticos, gramáticas e dicionários informam que sentido tal articulador ou conector teria em determinada frase e como os mesmos deveriam ser utilizados, ou seja, em que contextos.

Na seção seguinte, será feita uma descrição das estruturas com *sin embargo* (PT), mostrando sua semelhança com as estruturas com *portanto* (DC), com base em estudos de Carel, dentro da Teoria dos Blocos Semânticos. Como se verá, ambas são unidades semânticas básicas, pois nas duas há interdependência semântica entre os segmentos de um encadeamento argumentativo.

1.2.2.1 Uma descrição de Sin embargo

¹¹ Símbolo PT (*pourtant*) universal para uso de *sin embargo*, em espanhol, e *mesmo assim*, em português.

Para Marion Carel (1998) uma das primeiras razões que faz pensar que o encadeamento com *portanto* não é uma justificação é que o argumento não tem sentido em si mesmo. No trecho retirado do texto número 2, *Celebración de la voz humana-2*, teste 1 - parte A, p. 52):

(6)*Tenían las manos atadas, o esposadas, y SIN EMBARGO los dedos danzaban, volaban, dibujaban palabras. Los presos estaban encapuchados; pero inclinándose alcanzaban a ver algo, alquito, por abajo. Aunque hablar estaba prohibido, ellos conversaban con las manos.* (GALEANO, 1999, p. 11).

{(6)Tinham as mãos amarradas, ou algemadas, e MESMO ASSIM os dedos dançavam, voavam, desenhavam palavras. Os presos estavam encapuzados, mas se inclinando viam algo, algo, por debaixo. Ainda que falar estava proibido, eles conversavam com as mãos}.

Observe-se que *tenían las manos atadas* {tinham as mãos amarradas} não é um enunciado, ao qual seria atribuído um sentido unitário e completo. Esse sentido não é um componente da argumentação que realiza (6). Nota-se que o locutor de (6) utiliza um argumento, o de que as mãos estavam atadas. A partir desse argumento, seria natural concluir que não se poderiam mexer as mãos, muito menos os dedos dançarem, em virtude de que, quando se está amarrado, é difícil o movimento. O sentido da palavra ‘amarradas’ é, justamente, indicar a dificuldade de movimento, mais exatamente, dificulta concluir *hay movimiento* {há movimento}. Mas ocorre justamente o contrário, a conclusão final vai justamente se opor a não poder fazer movimento, ou seja, estão atadas, mesmo assim é possível movimento.

Esse é o papel de *sin embargo* no caso, opor-se a uma conclusão normativa (quanto mais preso, menos mexer). *Tenían las manos atadas, y sin embargo los dedos danzaban* {Tinham as mãos amarradas, e mesmo assim os dedos dançavam}.

Pode-se dizer, então, que os encadeamentos com *pero* realizam estruturas complexas que contêm encadeamentos com *portanto* (DC), mas os encadeamentos com *sin embargo*, não. Os encadeamentos com *sin embargo* não negam a regra, somente a tomam sob um outro aspecto, isto é, mesmo reconhecendo a existência da regra, desobedecem-na. Veja-se o exemplo:

(7) *1984 había sido un año de mierda. Antes del infarto, me habían operado la espalda; y Helena había perdido un niño a medio hacer. Cuando Helena perdió el niño, se nos secó el rozal de la terraza. Las demás plantas también murieron, todas, una tras otra, a pesar de que las regábamos cada día. La casa parecía*

maldita. Y SIN EMBARGO, Nani y Alfredo Ahuerma habían estado allí, por unos días, y al irse habían escrito en el espejo: En esta casa fuimos felices. (GALEANO, 1999, p. 182).

{(7) 1984 havia sido um ano ruim. Antes do infarto, tinham operado minhas costas; e Helena tinha perdido um filho ainda grávida. Quando Helena perdeu o filho, secou nossa roseira do terraço. As outras plantas também morreram, todas, uma após a outra, apesar de regarmos cada dia. A casa parecia maldita. E MESMO ASSIM, Nani e Alfredo Ahuerma haviam estado ali, por uns dias, e ao sair escreveram no espelho: Nesta casa fomos felizes}.

A conclusão possível para *la casa parecía maldita* seria, portanto (*donc*) não ser feliz lá. No caso apresentaria o aspecto normativo da regra. Mas, em continuação ao enunciado, percebe-se uma oposição do segundo segmento (*pourtant* ser feliz). Esta oposição marcada no enunciado pelo conector *sin embargo* revela o aspecto transgressivo da regra.

Os dois segmentos de um encadeamento com *sin embargo* compartilham com os dois segmentos de um encadeamento com *por lo tanto* a propriedade de serem interpretados de forma conjunta. Por fim não se pode manter a descrição de encadeamentos argumentativos em PT (afirma uma conclusão para negá-la depois) como uma sucessão de dois movimentos e é por esse motivo que Carel propõe outra descrição, para que se possa explicar que, semanticamente, existe um ponto comum entre A *por lo tanto* C e A *sin embargo* não C. Pode-se dizer, desta forma, que ambos encadeamentos são duas realizações de uma unidade semântica.

Tomem-se os exemplos:

(7) *La casa parecía maldita, por lo tanto Nani y Alfredo no fueron felices allí.*

(7') *La casa parecía maldita, sin embargo Nani y Alfredo fueron felices allí.*

(7'') *La casa no parecía maldita, por lo tanto Nani y Alfredo fueron felices allí.*

(7''') *La casa no parecía maldita, sin embargo Nani y Alfredo no fueron felices allí.*

Nestes quatro exemplos, utiliza-se o mesmo bloco semântico, uma vez que o assunto tratado é o mesmo, ou seja, o que é amaldiçoado não permite felicidade. Em (7) tem-se a afirmação 'se é maldita, não ser feliz'; em (7'') tem-se a negação do mesmo 'não é maldita, mesmo assim ser feliz'. Esta afirmação e esta negação são duas atitudes diferentes com respeito a um mesmo conteúdo. Percebe-se que as idéias são concebidas de maneiras diferentes e podem ser unidas ou não, isto é, ou é maldita ou não é maldita. Pode-se dizer,

então, que (7) e (7'') expressam o mesmo bloco apreendido em (7) de forma positiva e em (7'') de forma negativa.

Pode-se dizer, então, *A por lo tanto C* e *A sin embargo no C* expressam a mesma regra, mas não sob o mesmo aspecto. O locutor de *A por lo tanto C* utiliza o aspecto normativo e, *A sin embargo no C* utiliza o aspecto transgressivo.

Quando se utiliza o aspecto normativo, não se quer dizer que se utilize normalmente a regra, nem dizer que, utilizando o aspecto transgressivo, se está fazendo uma exceção à regra. A regra não tem nenhum vínculo privilegiado com nenhum dos aspectos, e o bloco semântico também não tem vínculo com nenhuma das regras. Para Carel, a regra tem exceção por natureza. A natureza mesma implica que tenha dois aspectos (o normativo e o transgressivo) no sentido de que o normal e o patológico se supõem mutuamente (1998, p. 274). A regra não encontra sua força só na utilização do aspecto normativo, mas a exceção confirma a regra nos casos inesperados. Não se trata só de dizer que, como toda regra tem exceção, sempre se pode manter a validade de uma regra. A regra também encontra sua força na utilização de seu aspecto transgressivo. Os casos inesperados, as situações descritas pelo aspecto transgressivo não são exteriores à regra, ao contrário, são outros tantos casos descritos pela regra e é por este motivo que a exceção sempre vem a confirmar a regra.

Tendo em vista que se fez referência várias vezes, nas seções anteriores, especialmente no exame dos dicionários, gramáticas e livros didáticos, à existência em espanhol de *pero* com dois valores, far-se-á a seguir a distinção que a TAL, especialmente com a contribuição de Carel, aportada pela Teoria dos Blocos Semânticos, faz de *Pero* (Mas PA) e *Pero* (Sin embargo).

1.2.2.2 Distinção entre *Pero* (Mas PA) e *Pero* (Sin embargo)

Pode-se distinguir o emprego de *pero* em (8):

(8) [...] *Allá, alguien le regaló una vieja cámara de fotos. El Chinolope, nunca había tenido una cámara en las manos, PERO le dijeron que era fácil: - Tú miras por aquí y aprietas allí. Y se echó a las calles. Y a poco andar escuchó balazos y se metió en una barbería y alzó y miró por aquí y apretó allí.* (GALEANO, 1999, p. 13).

{(8) [...] Lá, alguém o presenteou com uma velha câmara de fotos. O Chinilope nunca havia tido uma câmara nas mãos, MAS lhe disseram que era fácil: - Tu olhas aqui e apertas ali. E se foi às ruas. E pouco andou, escutou tiros e se escondeu em uma barbearia e pegou e olhou por aqui e apertou ali}.

Do emprego de *pero* em (9):

(9)[...] *Importación, impostación: nuestras ciudades están llenas de arcos de triunfo, obeliscos y partenones. Bolivia no tiene mar, PERO tiene almirantes disfrazados de Lord Nelson. Lima no tiene lluvia, PERO tiene techos de dos aguas y con canaletas* (GALEANO, 1999, p. 147).

{(9) [...] Importação, impostação: nossas cidades estão cheias de arcos do triunfo, obeliscos e partenões. Bolívia não tem mar, MESMO ASSIM tem almirante disfarçado de Lord Nelson. Lima não tem chuva, MESMO ASSIM tem tetos de duas águas e com calhas}.

O morfema *pero* em (8) *El Chinolope nunca había tenido una cámara en las manos* {O Chinolope nunca teve uma câmara nas mãos} introduz mediante *portanto* um segmento do tipo *nunca ha sacado fotos* {nunca ter tirado fotos}, logo, *le dijeron que era fácil* (lhe disseram que era fácil) introduz mediante *portanto* uma conclusão {não ter dificuldade de tirar fotos}, demonstrando, dessa maneira, dois blocos semânticos diferentes.

Já o morfema *pero* em (9) *Bolívia no tiene mar, pero tiene almirantes* {Bolívia não tem mar, mas tem almirante} conecta segmentos do mesmo bloco semântico, só que sob o aspecto transgressivo da regra. Para Carel, (9) não convoca o encadeamento: ‘não ter mar DC não ter almirantes’; para depois logo abandoná-lo em benefício de “não ter mar PT ter almirantes”. O locutor de (9) manifesta seu espanto pelo fato de não tendo mar, ter almirantes, mostra sua estranheza diante dessa realidade que não é, não deveria ser normal.

Pode-se dizer, então, que no exemplo (8), *El Chinople nunca había tenido una cámara en las manos, pero le dijeron que era fácil* {O Chinople nunca teve uma câmara nas mãos, mas lhe disseram que era fácil}, o *pero* é classificado como *pero* (MAS PA), pois articula dois blocos semânticos diferentes, sob o aspecto normativo da regra; e o *pero* de (9) *Bolívia no tiene mar, pero tiene almirantes* {Bolívia não tem mar, mas tem almirante} é classificado como *pero* (sin embargo), pois conecta o mesmo bloco semântico, só que sob um aspecto transgressivo da regra.

Segundo Carel:

Como el aspecto normativo, el aspecto exceptivo afirma, sin recurrir a otro encadenamiento con por lo tanto: A sin embargo no C, a diferencia de A pero no C, no convoca el encadenamiento B por lo tanto no C. El aspecto exceptivo simplemente presenta la situación como extraña. Como una situación sorprendente y no como “muy rara: la regla se mantiene, no porque la excepción pueda ser ignorada, sino porque no existe normalidad sin rareza. (1998, p.278).

{Como o aspecto normativo, o aspecto transgressivo afirma sem recorrer a outro encadeamento com *por lo tanto*: A *sin embargo* no C, a diferença de A *pero* no C, não convoca encadeamento B *por lo tanto* C. O aspecto transgressivo apresenta a situação como estranha, como uma situação surpreendente e não como ‘rara’. A regra se mantém, não porque a exceção pode ser ignorada, mas porque não existe normalidade sem rareza, nem regra sem exceção}.

Durante todo o estudo, com base na Teoria da Argumentação na Língua, pôde-se perceber que a Teoria dos Blocos semânticos fortalece a idéia de que a significação das frases é aberta, instrucional. Somente no enunciado se poderá estabelecer o sentido dos segmentos, uma vez que se sigam as instruções lingüísticas sobre como ler o enunciado, sobre o valor argumentativo de seus segmentos, das palavras que eles contêm, apontado pela própria estrutura lingüística.

2 METODOLOGIA

2.1 Participantes da pesquisa

Participaram desta pesquisa seis alunas, estudantes do Curso de Letras - Habilitação em Língua Espanhola da Universidade de Passo Fundo. As alunas tinham idades entre 22 e

35 anos. Todas tinham bom nível de proficiência da língua espanhola, pois já estavam em contato com o idioma fazia, no mínimo, quatro anos. Dentre as participantes, não existia nenhuma falante nativa de espanhol. E, para que não fossem identificadas pessoalmente, cada uma delas passou a ser chamada de participante 01,02,03...

2.2 Procedimentos

Após serem analisados livros didáticos, dicionários e gramáticas de língua espanhola, para verificar como os mesmos apresentavam a descrição dos articuladores *pero* e *sino* e do conector *sin embargo*, analisaram-se as descrições desses mesmos articuladores e conector feitas pela Teoria da Argumentação na Língua.

Foi elaborado um teste, a partir de uma seleção de textos retirados do livro *El libro de los abrazos*, de Eduardo Galeano. Os textos foram escolhidos porque neles se fizera o uso dos articuladores e do conector já citados. Além, é desnecessário destacar, do encanto que causam essas curtas histórias com que Eduardo Galeano abraça as pessoas que reteve na memória e no coração. O teste era composto de duas partes: A e B. A parte A, de preencher lacunas, tinha o objetivo de verificar se as alunas conseguiam distinguir, no momento do uso, *pero*, *sino* e *sin embargo*, ou seja, se sabiam como utilizá-los e em que momento. Já o objetivo da parte B era verificar se as alunas conseguiam distinguir *pero* (MAS PA) de *pero* (*sin embargo* – *pourtant*), uma vez que o teste exigia que, na série de textos, substituíssem *pero* por *sin embargo* quando fosse possível. Deveriam ainda explicar por que era possível a substituição.

É importante ressaltar que, as participantes responderam ao mesmo teste (composto da parte A e da parte B) duas vezes. Na primeira vez, as alunas poderiam fazer uso de dicionários, gramáticas e livros didáticos. Na segunda vez não, pois já teriam tido aulas sobre a descrição dos morfemas em questão, sob a perspectiva da Teoria dos Blocos Semânticos.

Segue o modelo do teste¹²:

TESTE – Parte A

Textos extraídos de GALEANO, Eduardo. *El libro de los abrazos*. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1999.

¹² Veja-se a tradução do teste – partes A e B - Anexos A e B.

Complete as lacunas dos textos com *pero*, *sino*, ou *sin embargo*.

1) *La función del lector/2*

Era el medio siglo de la muerte César Vallejo, y hubo celebraciones. En España, Julio Veces organizó conferencias, seminarios, ediciones y una exposición que ofrecía imágenes del poeta, su tierra, su tiempo y su gente.

..... en esos días Julio Vélez conoció a José Manuel Constañón; y entonces todo homenaje le resultó enano.

José Manuel Costañón había sido capitán en la guerra española. Peleando por Franco había perdido una mano y había ganado algunas medallas.

Una noche, poco después de la guerra, el capitán descubrió, por casualidad, un libro prohibido. Se asomó, leyó un verso, leyó dos versos, y ya no pudo desprenderse. El capitán Castañón, héroe del ejército vencedor, pasó toda la noche en vela, atrapado, leyendo y releendo a César Vallejo, poeta de los vencidos. Y al amanecer de esa noche, renunció al ejército y se negó a cobrar ni una peseta más del gobierno de Franco.

Después, lo metieron preso; y se fue al exilio.

2) *Celebración de la voz humana/2*

Tenían las manos atadas, o esposadas, y los dedos danzaban, volaban, dibujaban palabras. Los presos estaban encapuchados; inclinándose alcanzaban a ver algo, algo, por abajo. Aunque hablar estaba prohibido, ellos conversaban con las manos.

Pinio Ungerfeld me enseñó el alfabeto de los dedos, que en prisión aprendió sin profesor:

- Algunos teníamos mala letra – me dijo -. Otros eran unos artistas de la caligrafía.

La dictadura uruguaya quería que cada uno fuera nada más que uno, que cada uno fuera nadie: en cárceles y cuarteles, y en todo el país, la comunicación era delito.

3) *Profecías/ 1*

En el Perú, una maga me cubrió de rosas rojas y después me leyó la suerte. La maga me anunció: - Dentro de un mes, recibirás una distinción.

Yo me reí. Me reí por la infinita bondad de esa mujer desconocida, que me regalaba flores y augurios de éxito, y me reí por la palabra distinción, que tiene no sé que de cómica, y porque me vino a la cabeza un viejo amigo del barrio, que era muy bruto certero, y que solía decir, sentenciando, levantando el dedo: “A la corta o a la larga, los escritores se hamburguesan”. Así que me reí; y la maga se rió de mi risa.

Un mes después, exactamente un mes después, recibí en Montevideo un telegrama. En Chile, decía el telegrama, me habían otorgado una distinción. Era el premio José Carrasco.

4) *Celebración de la fantasía*

Fue a la entrada del pueblo de Ollantaytambo, cerca del Cuzco. Yo me había desprendido de un grupo de turistas y estaba solo, mirando de lejos las ruinas de piedra, cuando un niño del lugar, enclenque, haraposo, se acercó a pedirme que le regalara una lapicera. No podía darle la lapicera que tenía, porque la estaba usando en no sé qué aburridas anotaciones,le ofrecí dibujarle un cerdito en la mano.

Súbitamente, se corrió la voz. De buenas a primeras me encontré rodeado de un enjambre de niños que exigían, a grito pelado, que yo les dibujara bichos en sus manitos cuarteados de mugre y frío, pieles de cuero quemado: había quien quería un cóndor y quien una serpiente, otros preferían loritos o lechuzas, y no faltaban los que pedían un fantasma o un dragón.

Y entonces, en medio de aquel alboroto, un desamparadito que no alzaba más de un metro del suelo, me mostró un reloj dibujado con tinta negra en su muñeca:

- Me lo mandó un tío mío, que vive en Lima – dijo.

- ¿Y anda bien? – le pregunté

- Atrasa un poco – reconoció.

5) Los nadies

Sueñan las pulgas con comprarse un perro y sueñan los nadies con salir de pobres, que algún mágico día llueva de pronto la buena suerte, que llueva a cántaros la buena suerte; pero la buena suerte no llueve ayer, ni hoy, ni mañana, ni nunca, ni en lloviznita cae del cielo la buena suerte, por mucho que los nadies la llamen y aunque les pique la mano izquierda, o se levanten con el pie derecho, o empiecen el año cambiando de escoba.

Los nadies: los hijos de nadie, los dueños de nada. Los nadies: los ningunos, los ninguneados, corriendo la liebre, muriendo la vida, jodidos, rejodidos:

Que no son, aunque sean.

Que no hablan idiomas, dialectos.

Que no profesan religiones,supersticiones.

Que no hacen arte,artesanía.

Que no practican cultura,folklore.

Que no son seres humanos,recursos humanos.

Que no tiene cara,brazos.

Que no tienen nombre,número.

Los nadies, que cuestan menos que la bala que los mata.

6) La noche/1

No consigo dormir. Tengo una mujer atravesada entre los párpados. Si pudiera, le diría que se vaya;..... tengo una mujer atravesada en la garganta..

7) Mapamundi/2

[...]

La democracia es un lujo del norte. Al sur se le permite el espectáculo, que eso no se le niega a nadie y a nadie molesta mucho, al fin y al cabo, que la política sea democrática, siempre y cuando la economía no la sea. Cuando cae el telón, una vez depositados los votos en las urnas, la realidad impone la ley del más fuerte, que es la ley del dinero. Así lo quiere el orden natural de las cosas. En el sur del mundo enseña el sistema, la violencia y el hombre no pertenecen a la historia,a la naturaleza, y a la justicia y la libertad han sido condenadas o odiarse entre sí.

8) Celebración de las contradicciones/2

Desatar las voces, desensoñar los sueños: escribo queriendo revelar lo real maravilloso, y descubro lo real maravilloso en el exacto centro de lo real horroroso de América.

En estas tierras, la cabeza del dios Eleggúa lleva la muerte en la nuca y la vida en la cara. Cada promesa es una amenaza: cada pérdida, un encuentro. De los miedos nacen los corajes; y las dudas, las certezas. Los sueños anuncian otra realidad posible y los delirios, otra razón.

Al fin y al cabo, somos los que hacemos para cambiar lo que somos. La identidad no es una pieza de museo, quietecita en la vitrina, la siempre asombrosa síntesis de las contradicciones nuestras de cada día.

En esa fe, fugitiva, creo. Me resulta la única fe digna de confianza, por lo mucho que se parece al bicho humano, jodido sagrado, y a la loca aventura de vivir en el mundo.

9) La dignidad del arte

Yo escribo para quienes no pueden leerme. Los de abajo, los que esperan desde hace siglos en la cola de la historia, no saben leer o no tienen con qué. Cuando me viene el desánimo, me hace bien recordar una lección de dignidad del arte que recibí hace años, en un teatro de Asís, en Italia. Habíamos ido con Helena a ver un espectáculo de pantomima, y no había nadie. Ella y yo éramos los únicos espectadores. Cuando se apagó la luz, se sumaron el acomodador y la boletería. Y,, los actores, más numerosos que el público, trabajaron aquella noche como si tuvieran viviendo la gloria de un estreno a sala repleta. Hicieron su tarea entregándose enteros, con todo, con alma y vida; fue una maravilla. Nuestros aplausos retumbaron en la soledad de la sala. Nosotros aplaudimos hasta despellejarnos las manos.

10) La casa

1984 había sido un año de mierda. Antes del infarto, me habían operado la espalda; y Helena había perdido un niño a medio hacer. Cuando Helena perdió el niño, se nos secó el rosal de la terraza. Las demás plantas también murieron, todas un tras otra, a pesar de que las regábamos cada día.

La casa parecía maldita. Y....., Nani y Alfredo Ahuerma habían estado allí, por unos días, y al irse habían escrito en el espejo: En esta casa fuimos felices.

Y también, nosotros habíamos encontrado la alegría en esa casa ahora jodida por la mala racha, y la alegría había sabido ser más poderosa que la duda y mejor que la memoria, así que esa casa entristecida, esa casa barata y fea, en un barrio barato y feo, era sagrada.

11) Andares/2

No fue un viento errante, de esos que vagabundean sin ton ni son, un señor ventarrón certeramente disparado desde la lejana costa caliente hasta la ciudad de Medellín, a través de las montañas y los países. El viento llegó a la casa de Jenny y la atravesó de punta a punta: súbitamente se abrió la puerta del frente, como pateada por un borracho, y poquito después se abrió la puerta del fondo, de la misma violenta manera.

[...]

TESTE – Parte B

Textos extraídos de GALEANO, Eduardo. *El libro de los abrazos*. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1999.

Todos os textos a seguir apresentam a conjunção *pero*. Verifique se, em algum texto, *pero* pode ser substituído por *sin embargo*. Justifique sua resposta.

1) El lenguaje del arte

El Chinolope vendía diarios y lustraba zapatos en La Habana. Para salir de pobre, se marchó a Nueva York.

Allá, alguien le regaló una vieja cámara de fotos. El Chinolope nunca había tenido una cámara en las manos, **PERO** le dijeron que era fácil:

- Tú miras por aquí y aprietas allí.

Y se echó a las calles. Y a poco andar escuchó balazos y se metió en una barbería y alzó y miró por aquí y apretó allí.

En la barbería habían acribillado al gangster Joe Anastasia, que se estaba afeitando, y esa fue la primera foto de la vida profesional del Chinolope.

Se la pagaron una fortuna. Esa foto era una hazaña, El Chinolope había logrado fotografiar a la muerte. La muerte estaba allí: no en el muerto ni en el matador. La muerte estaba en la cara del barbero que la vio.

.....
.....
.....
.....

2) La burocracia/1

En tiempos de la dictadura militar, a mediados de 1973, un preso político uruguayo, Juan José Noueched, sufrió una sanción de cinco días: cinco días sin visita ni recreo, cinco días sin nada, por violación del reglamento. Desde el punto de vista del capitán que le aplicó la sanción, el reglamento no dejaba lugar o dudas. El reglamento establecía claramente que los presos debían caminar en fila y con ambas manos en la espalda. Noueched había sido castigado por poner una sola mano en la espalda.

Noueched era manco.

Había caído preso en dos etapas. Primero había caído su brazo. Después, él. El brazo cayó en Montevideo. Noueched venía escapando a todo correr cuando el policía que lo perseguía alcanzó a pegarle un montón, le gritó: Dése preso! Y se quedó con el brazo en la mano. El resto de Noueched cayó un año y medio después, en Paysandú.

En la cárcel, Noueched quiso recuperar su brazo perdido:

- Haga una solicitud – le dijeron.

Él explicó que no tenía lápiz:

- Haga una solicitud a lápiz – le dijeron.

Entonces tuvo lápiz, **PERO** no tenía papel:

- Haga una solicitud de papel – le dijeron.

Cuando por fin tuvo lápiz y papel, formuló su solicitud de brazo.

Al tiempo, le contestaron. Que no. No se podía: el brazo estaba en otro expediente. A él lo había procesado la justicia militar. Al brazo, la justicia civil.

.....
.....
.....

3) La desmemoria/4

Chicago está llena de fábricas. Hay fábricas hasta en pleno centro de la ciudad, en torno al edificio más alto del mundo. Chicago está lleno de fábricas, Chicago está llena de obreros.

Al llegar al barrio de Heymarkert, pido a mis amigos que me muestren el lugar donde fueron ahorcados, en 1886, aquellos obreros que el mundo entero saluda cada primero de mayo.

- Ha de ser por aquí – me dicen. Pero nadie sabe.

Ninguna estatua se ha erigido en memoria de los mártires de Chicago en la ciudad de Chicago. Ni estatua, ni monolito, ni placa de bronce, ni nada.

El primero de mayo es el único día verdaderamente universal de la humanidad entera, el único día donde coinciden todas las historias y todas las geografías, todas las lenguas y las religiones y las culturas del mundo; **PERO** en los Estados Unidos, el primero de mayo es un día cualquiera. Ese día, la gente trabaja normalmente, y nadie, o casi nadie, recuerda que los derechos de la clase obrera no han brotado de la oreja de una cabra, ni de la mano de Dios o del amo.

Tras la inútil exploración de Heymarket, mis amigos me llevan a conocer la mejor librería de la ciudad. Y allí, por pura curiosidad, por pura casualidad, descubro un viejo cartel que está como esperándome. Metido entre muchos otros carteles de cine y música rock.

El cartel reproduce un proverbio del África: Hasta que los leones tengan sus propios historiadores, las historias de cacería seguirán glorificando al cazador.

.....
.....
.....

4) El sistema/1

Los funcionarios no funcionan.

Los políticos hablan **PERO** no dicen.

Los votantes votan **PERO** no eligen.

Los medios de información desinforman.

Los centros de enseñanza enseñan a ignorar.

Los jueces condenan a las víctimas.

Los militares están en guerra contra sus compatriotas.

Los policías no combaten los criminales, porque están ocupados en cometerlos.

Las bancarrotas se socializan, las ganancias se privatizan.

Es más libre el dinero que la gente

La gente está al servicio de las cosas.

.....
.....
.....

5) *La alineación / 2*

*Creen los que mandan que mejor es quien mejor copia. La cultura oficial exalta las virtudes del mono y del papagayo. La alineación en América Latina: un espectáculo de circo. Importación, impostación: nuestras ciudades están llenas de arcos de triunfo, obeliscos y partenones. Bolivia no tiene mar, **PERO** tiene almirantes disfrazados de lord Nelson. Lima no tiene lluvia, **PERO** tiene techos dos aguas y con canaletas. En Managua, una de las ciudades más calientes del mundo, condenada al hervor perpetuo, hay mansiones que ostentan soberbias estufas de leña, y en las fiestas de Somoza las damas de sociedad lucían estolas de zorro plateado.*

.....
.....
.....

6) *La muerte*

*Ni diez personas iban a los últimos recitales del poeta español Blas de Otero. **PERO** cuando Blas de Otero murió, muchos miles de personas acudieron al homenaje fúnebre que se le hizo en una plaza de toros en Madrid. Él no se enteró.*

.....
.....
.....

Realizada a aplicação do teste que pretendia verificar se os alunos conseguiam utilizar *pero*, *sino* e *sin embargo* e se o conhecimento tradicional desses morfemas era suficiente para a distinção dos mesmos. Foram, então, preparadas e ministradas aulas, com base na TAL, com duração de quatro horas, com o objetivo de descrever argumentativamente os articuladores *pero*, *sino* e o conector *sin embargo*, e, desse modo, ver se essa descrição poderia auxiliar as alunas a diferenciarem esses morfemas, no momento de empregá-los.

No começo da aula, tentou-se mostrar o que é um bloco semântico, como se forma, por meio da seguinte frase colocada no quadro: *Pedro trabalha, portanto é feliz*. Inicialmente fez-se as alunas perceberem que o segmento ‘Pedro trabalha’ não tem sentido sozinho. O sentido é estabelecido na relação com outro segmento que possa ser a ele concatenado, como por exemplo, “ser feliz”. Forma-se, assim, um enunciado complexo, constituído por dois segmentos que compõem um encadeamento argumentativo em que se associaram *trabajar* / *ser feliz*. Mostrou-se que *trabajar* e *ser feliz* não são dois conteúdos tomados separadamente, cada um com seu valor fixo, estabelecido previamente, que são reunidos no encadeamento. O sentido de *trabajar* e *ser feliz* é constituído simultaneamente na interdependência existente entre eles no encadeamento. Para explicitar melhor, fez-se os participantes perceberem que ao segmento ‘Pedro trabalha, poderiam ser associados (ser feliz, ficar cansado, ficar rico, ficar

pobre, ter sucesso na vida), que cada uma dessas associações constituiria um bloco semântico, uma vez que, simultaneamente, dentro do bloco, se definiriam os sentidos de *trabalhar* e de *felicidade*, de *trabalhar* e *cansar*, de *trabalhar* e *riqueza*. Conduziu-se o raciocínio dos alunos a fim de que percebessem que, num bloco semântico, os segmentos são semanticamente interdependentes. E apresentou-se mais um par de enunciados, já citados anteriormente, para que examinassem que o sentido é argumentativo e não descritivo, informacional.

É tarde DC o trem está lá. (já chegou)

É tarde DC o trem não está lá. (já partiu)

Conduziu-se os alunos a perceberem que os enunciados contêm as mesmas palavras, na mesma ordem, com a diferença apenas de que no segundo há o acréscimo do advérbio “não”, negando o fato de o trem estar lá. Se a questão do sentido de um enunciado fosse informacional, o primeiro enunciado afirmaria o fato de o *trem estar lá* e o segundo negaria essa presença. No entanto, o sentido dos dois é completamente diferente. Enquanto aquele expressa a *chegada do trem*, esse expressa a sua partida. Esses sentidos advêm da interdependência semântica que se forma entre *ser tarde* e *presença/ausência* do trem, num caso, no primeiro, mais tarde, mais presente e noutro, no segundo, mais tarde, mais ausente. Em outras palavras, *É tarde DC o trem está lá* argumenta que a passagem do tempo provoca a presença das coisas e em *É tarde DC o trem não está lá* que a passagem do tempo provoca a ausência das coisas.

Também foi explicado para as participantes que durante as aulas seriam utilizados os símbolos DC (*donc – por lo tanto*) para *portanto* e PT (*pourtant – sin embargo*) para *mesmo assim*, e que os encadeamentos com DC expressariam o aspecto normativo da regra, enquanto os com PT o aspecto transgressivo da regra.

Para explicar aos participantes os aspectos recíprocos (positivo e negativo) e os conversos (normativo e transgressivo) foram tomados os seguintes exemplos:

(1) Pedro foi à praia DC tomou banho.

(1') Pedro foi à praia PT não tomou banho.

(2) Pedro não foi à praia DC não tomou banho.

(2') Pedro não foi à praia PT tomou banho.

A partir da análise dos quatro exemplos, os alunos foram levados a perceber que se tratava sempre do mesmo bloco *ir à praia / tomar banho* (tomado positivamente), *não ir à praia / não tomar banho* (tomado negativamente).

A versão positiva do bloco poderia ser apreendida normativa (com encadeamento argumentativo em DC) e transgressivamente (com encadeamento argumentativo em PT) e, da mesma forma, a versão negativa.

Daí o seguinte quadrado argumentativo, expressando as possibilidades argumentativas do bloco semântico constituído por *ir à praia / tomar banho*.

A	B
A DC C	Não A DC não C
Ir à praia DC tomar banho	Não ir à praia DC não tomar banho
C	D
Não A PT C	A PT não C
Não ir à praia PT tomar banho	Ir à praia PT não tomar banho

Recíprocos (A e B; C e D)

Conversos (A e D; C e B)

Portanto, no enunciado dado em espanhol *Pedro ha ido a la playa, pero no se ha bañado*, percebe-se um *pero* com valor de *sin embargo*, pois, nessa frase, *pero* pode ser substituído por *sin embargo*, uma vez que relaciona segmentos de um mesmo bloco, os quais formam um encadeamento argumentativo transgressivo, que não nega a regra “Vai-se à praia para tomar banho”, somente a transgride.

Após esse exemplo, foi colocado um outro enunciado no quadro:

(3) Pedro foi à praia MAS estava resfriado.

Explicou-se, novamente, que esse enunciado apresenta a seguinte estrutura: A MAS B, e os seguintes segmentos:

Segmento 1- Foi à praia

Segmento 2 – Portanto (DC) tomar banho

Segmento 3 – Estava resfriado

Segmento 4 – Portanto (DC) não tomar banho

Foi à praia MAS está resfriado

DC

DC

Tomar banho

não tomar banho

A partir dessa explicação, foi possível ver que esta frase apresenta dois blocos semânticos diferentes, pois:

Pedro foi à praia (DC) tomar banho

Pedro resfriado (DC) não tomar banho

1.º bloco – ir à praia / tomar banho (vai-se à praia para tomar banho de mar)

2.º bloco – estar resfriado / não tomar banho (quem está resfriado não deve se molhar)

Portanto, se a frase fosse dada em espanhol *Pedro ha ido a la playa, pero estaba resfriado*, teríamos um *pero* (MAS PA) que relaciona dois blocos cujas conclusões são contrárias. Nesta frase o *pero* não pode ser substituído por *sin embargo*, porque apresenta dois blocos semânticos diferentes, uma vez que são duas conclusões contrárias que *pero* relaciona.

A partir desses exemplos fica claro que existem dois tipos de *pero*, *pero* (Mas PA) que conecta encadeamentos argumentativos normativos de blocos semânticos diferentes, que conduzem a conclusões contrárias, ou seja, duas argumentações inversas, e, *pero* (*sin embargo - mesmo assim*), que conecta segmentos do mesmo bloco semântico, só que com o aspecto transgressivo da regra.

E, um último exemplo para trabalhar o articulador *sino*:

(4) Pedro não é inteligente MAS estudioso.

A frase em espanhol seria: *Pedro no es inteligente sino estudioso*.

Explicou-se que a utilização de *sino* sempre será em um enunciado retificador, ou seja, o segundo segmento do enunciado retifica o primeiro, no qual haverá uma negação.

Portanto, existem três tipos de MAS, e cada um pode ser resumido através da seguinte estrutura:

MAS (*sin embargo, pourtant*) – *mesmo assim*

A MAS não B – Pedro foi à praia, mas não tomou banho.

MAS (PA - *pero – donc*) - *portanto*

A MAS B – Pedro foi à praia, mas estava resfriado.

MAS (SN – *sino*)

Não A MAS B – Pedro não é inteligente, mas estudioso.

Logo após essa explicação, foi entregue às alunas um exercício com três textos, também retirados do livro *El libro de los abrazos*, de Eduardo Galeano, para que preenchessem as lacunas, utilizando os morfemas em foco. Agora, a distinção entre o emprego de cada um deveria ser feita com base na Teoria dos Blocos.

Apresenta-se, a seguir, o referido exercício, seguido de sua tradução, feita por nós, de forma livre.

Exercício

1) Preencha as lacunas com *pero* ou *sino* e diga em qual texto *pero* pode ser substituído por *sin embargo*. Justifique sua resposta.

El arte para los niños

Ella estaba sentada en una silla alta, ante un plato de sopa que le llegaba a la altura de los ojos. Tenía la nariz fruncida y los dientes apretados y los brazos cruzados. La madre pidió auxilio:

- *Cuéntale un cuento, Onelio – pidió -. Cuéntale tú que eres escritor.*

Y Onelio Jorge Cardoso, esgrimiendo una cucharada de sopa, comenzó su relato:

-Había una vez una pajarita que no quería comer la comida. La pajarita tenía el piquito cerradito, cerradito, y la mamita le decía: Te vas a quedar enanita pajarita, si no comes la comida.

.....la pajarita no hacía caso de la mamita y no abría su piquito...

Y entonces la niña lo interrumpió:

- Qué pajarita de mierdita – opinó. (GALEANO, 1999, p. 28).

La cultura del terror/1

La sociedad Antropológica de Paris los clasificaba como a insectos: el color de la piel de los indios huitotos correspondía a los números 29 y 30 de su escala cromática.

La Peruvian Amazon Company los cazaba como a fieras: los indios huitotos eran la mano de obra esclava que daba caucho al mercado mundial. Cuando los indios huían de las plantaciones y la empresa los atrapaba, los envolvía en una bandera del Perú empapada en querosén y los quemaban vivos.

Michel Taussing ha estudiado la cultura del terror que la civilización capitalista aplicaba en la selva amazônica a principios del siglo veinte. La tortura no era un método para arrancar información, una ceremonia de confirmación del poder. En un largo y solemne ritual, a los indios rebeldes les cortaban la lengua y después los torturaban para obligarlos a hablar (p. 128).

La alienación/1

Allá en los años mozos, fui cajero de banco.

Recuerdo, entre los clientes, a un fabricante de camisas. El gerente del banco le renovaba los préstamos por su pura piedad El pobre camisero, vivía en perpetua zozobra. Sus camisas no estaban malas,.....nadie las compraba (p.146).

{Exercício

- 1) Preencha as lacunas com *PERO* ou *SINO* e diga em qual texto *PERO* pode ser substituído por *SIN EMBARGO*. Justifique sua resposta.

A arte para as crianças

Ela estava sentada em uma cadeira alta, em frente a um prato de sopa que lhe chegava a altura dos olhos.

Tinha o nariz pequeno franzido e os dentes apertados e os braços cruzados. A mãe pediu auxílio:

- Conta para ela um conto, Onelio - pediu - Conta para ela, tu que és escritor.

E Onelio Jorge Cardoso, comendo uma colher de sopa, começou seu relato:

- Havia uma vez um pássaro pequeno que não queria comer sua comidinha. O passarinho tinha um biquinho fechadinho, e a sua mãezinha dizia: Vais ficar anãozinho, passarinho, se não comes a comidinha. **MAS** (pero) o passarinho não fazia caso à sua mãezinha e não abriu seu biquinho...

E então a menina o interrompeu:

Que passarinho de merdinha - opinou.

A cultura do terror/1

A sociedade Antropológica de Paris os classificava como insetos: a cor da pele dos índios "huitotos" correspondia aos número 29 e 30 de sua escala cromática. A "Peruvian Amazon Company" os caçava como a feras: os índios "huitotos" eram a mão de obra escrava que dava borracha no mercado mundial. Quando os índios fugiam das plantações e a empresa os prendiam, os envolviam em uma bandeira do Peru ensopada de querosene e os queimavam vivos. Michel Taussing estudou a cultura do terror que a civilização capitalista aplicava na selva amazônica a princípios do século XX: A tortura não era um método para arrancar informação, **MAS** (sino) uma cerimônia de confirmação do poder. Era um longo e solene ritual, aos índios rebeldes cortavam a língua e depois torturavam para obrigar os índios a falar.

A alienação/1

Lá nos anos moços, fui caixa de banco.

Recordo, entre os clientes, um fabricante de camisas.O gerente do banco renovava para ele os empréstimos porque tinha piedade. O pobre camiseiro vivia em mais perpétuo fracasso. Suas camisas não estavam ruins, **MAS** (sin embargo) ninguém as comprava}.

As participantes responderam às questões. Em seguida, as respostas foram avaliadas e,

em caso de erro, as alunas que haviam acertado explicavam para as colegas, com o auxílio da professora. Percebeu-se que o número de erros foi baixíssimo e que, a explicação dos morfemas, com base na Teoria dos Blocos semânticos, funcionou.

Logo após a aula, foi aplicado o mesmo teste, já descrito antes, denominado, agora - teste 2 - parte A e B, para verificar se o ensino com base na Teoria da Argumentação na Língua ajudaria no desempenho das alunas, na hora de usar e identificar os articuladores *pero*¹³ e *sino* e o conector *sin embargo*. Nesta fase da pesquisa, as participantes não poderiam fazer uso de nenhum livro didático, gramática ou dicionário. O conhecimento a ser demonstrado, deveria, basicamente, levar em conta o estudo desses morfemas na perspectiva da semântica argumentativa, especificamente da Teoria dos Blocos Semânticos.

Após essas etapas, foi verificado o desempenho das alunas no primeiro teste e, também, no segundo teste, após a aula baseada no referencial teórico da TAL, como se verá na seção seguinte.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1 Análise dos dados do Teste 1

3.1.1 Análise dos dados do Teste 1 – parte A

Como se mencionou antes, nesse teste as alunas deveriam completar as lacunas com o uso adequado dos seguintes morfemas: *pero*, *sin embargo* e *sino*. A partir dos dados colhidos, fez-se a análise e discutiram-se os resultados, como se verá na seqüência do texto.

¹³ Dependendo do enunciado *pero* é usado como um conector, com sentido de *sin embargo* (PT - mesmo assim).

Considere-se a Tabela 1:

Tabela 1 - Distribuição da frequência absoluta e percentual do uso adequado de *pero* por participante no Teste 1- parte A

PARTICIPANTES	NÚMERO DE ACERTOS	%
01	03	50%
02	04	66%
03	04	66%
04	04	66%
05	04	66%
06	05	82%
TOTAL DE ACERTOS	06	100%

FONTE: Pesquisa da autora, 2004.

Observe-se que nenhum dos participantes acertou todas as questões, o que revela ter havido dúvida no emprego de *pero*, sendo que apenas o participante 06 teve percentual de acerto acima de 70%, tendo errado apenas uma questão.

Analisando-se a questão errada pelo participante 06, pode-se levantar a hipótese de que ele tenha ficado em dúvida, pois é a única situação em que o morfema *pero* estava em início de frase, conforme segue exemplificado:

Era el medio siglo de la muerte de César Vallejo, y hubo celebraciones. En España, Júlio Vélez organizó conferencias, seminarios, ediciones y una exposición que ofrecía imágenes del poeta, su tierra, su tiempo y su gente. PERO en esos días Júlio Vélez conoció a José Manuel Castañón. (GALEANO, 1999, p. 09).

{Fazia meio século a morte de César Vallejo, e houve celebrações. Na Espanha, Júlio Vélez organizou conferências, seminários, edições e uma exposição que oferecia imagens do poeta, sua terra, seu tempo e sua gente. MAS nesses dias Júlio Vélez conheceu a José Manuel Castañón}.

Pode ser que tenha achado que, sempre, em início de frases, e desconhecendo a diferença de uso de *pero* e *sin embargo*, deva ser utilizada a expressão *sin embargo* e não *pero*, pois, segundo os alunos que desconhecem essa diferença, *sin embargo* “se encaixaria

melhor” em inícios de frases e, quem sabe, "daria um melhor sentido".

Durante a análise dos livros didáticos, constatou-se que, o livro de Gargallo, *Español sin fronteras 2*, apresenta uma explicação de que *sin embargo* se utilizaria depois de uma pausa. Mais uma razão para se acreditar nessa possibilidade. Além disso, em todo o teste essa é a única lacuna para completar, que inicia um parágrafo novo. Mais um motivo para achar que devesse ser utilizado *sin embargo*, pois é possível que os participantes percebam *sin embargo* de forma diferente de *pero*, o qual teria uma localização semelhante ao do MAS em português. Observe-se que, na língua portuguesa, não é comum encontrar o MAS em início de frases, geralmente ele vem após uma vírgula, iniciando uma segunda oração. O mesmo deve ter acontecido em língua espanhola. Os participantes devem ter transferido o valor de MAS para *pero*, juntamente com a semelhança de posição em orações da língua portuguesa.

A respeito do uso de *sin embargo*, confira-se a Tabela 2, que segue:

Tabela 2 - Distribuição da frequência absoluta e percentual do uso adequado de *sin embargo* por participante no Teste 1- parte A

PARTICIPANTES	NÚMERO DE ACERTOS	%
01	03	100%
02	03	100%
03	03	100%
04	02	66%
05	02	66%
06	01	33%
TOTAL DE ACERTOS	03	100%

FONTE: Pesquisa da autora, 2004.

Observe-se que os participantes 01, 02 e 03 revelam domínio no uso de *sin embargo*,

sendo que os restantes demonstram incerteza a respeito do uso adequado.

É curioso que o participante 06, que teve o maior número de acertos no uso de *pero*, foi o que teve o menor número de acertos no uso de *sin embargo*. Isso leva a crer que o conhecimento do emprego de um morfema, de *pero* no caso, não influencia o desempenho no uso do outro (*sin embargo*), o que mais uma vez revela a dificuldade de distingui-los e, conseqüentemente, o problema no uso.

Outro fator interessante é que a maioria dos participantes parece dominar o uso de *sin embargo*. Contudo, quanto ao uso de *pero*, parecem ter muitas dúvidas, pois não atingiram 70% de aproveitamento no teste, sendo que o participante 01 obteve somente 50% de aproveitamento.

A mesma hipótese pode ser levantada, que os participantes 01, 02 e 03 tenham acertado o preenchimento das três lacunas, porque todas elas vinham depois de uma pausa ou de um ‘y,’ coincidentemente, os três espaços para serem preenchidos vinham depois de um ‘y’, como seguem os exemplos:

Tenían las manos atadas, o esposadas, y.....los dedos danzaban, volaban, dibujaban palabras. Los presos estaban encapuchados; pero inclinándose alcanzaban a ver algo, alquito, por abajo. Aunque hablar estaba prohibido, ellos conversaban con las manos. (GALEANO, 1999, p. 11).

[...] *Ella y yo éramos los únicos espectadores. Cuando se apagó la luz, se sumaron el acomodador y la boletería. Y, los actores, más numerosos que el público, trabajaron aquella noche como si tuvieran viviendo la gloria de un estreno a sala repleta (p. 141).*

1984 había sido año de mierda. Antes del infarto, me habían operado la espalda; y Helena había perdido un niño a medio hacer. Cuando Helena perdió el niño, se nos secó el rosal de la terraza. Las demás plantas también murieron, todas, una tras otra, a pesar de que las regábamos cada día. La casa parecía maldita. Y, Nani y Alfredo Ahuerma habían estado allí, por unos días, y al irse habían escrito en el espejo: En esta casa fuimos felices.(GALEANO, 1999, p. 182).

{Tinham as mãos amarradas, ou algemadas, e.....os dedos dançavam, voavam, desenhavam palavras. Os presos estavam encapuzados; mas curvando-se conseguiam ver algo por debaixo. Ainda que falar fosse proibido, eles conversavam com as mãos.

Ela e eu éramos os únicos espectadores. Quando a luz se apagou, compraram o ingresso e subiram ao cômodo. E,os atores, mais numerosos que o público, trabalharam aquela noite como se tivessem vivendo a glória de uma estréia com uma sala repleta.

(7) 1994 havia sido um ano ruim. Antes do infarto, tinham operado minhas costas; e Helena tinha perdido um filho ainda grávida. Quando Helena perdeu o filho, secou

nossa roseira do terraço. As outras plantas também morreram, todas, uma após a outra, apesar de regarmos cada dia.
A casa parecia maldita. E, Nani e Alfredo Ahuerma haviam estado ali, por uns dias, e ao sair escreveram no espelho: Nesta casa fomos felizes}.

Isso não quer dizer que os três dominem o uso de *sin embargo*, pois eles também utilizaram a expressão *sin embargo* equivocadamente, como se mostrará a seguir, para completar outros espaços de outros textos, o que mais uma vez comprova a dúvida na hora do uso. Novamente pode-se pensar que as participantes possam ter transferido o conhecimento da língua materna para a língua estrangeira, pois em língua portuguesa é difícil encontrar um MAS depois de uma conjunção 'y'. Note-se que, no caso em questão, *pero* (mas) poderia substituir (y / e) e, em hipótese nenhuma, segui-lo. Isso revela que *pero* e *y* são articuladores de encadeamentos normativos em DC enquanto *sin embargo* é conector de encadeamentos em PT, isto é, de encadeamentos argumentativos transgressivos.

Para exemplificar, observem-se as seguintes ocorrências: o participante 01 utilizou *sin embargo* também no texto número 6 *La noche/1* cuja resposta certa era *pero*.

No consigo dormir. Tengo una mujer atravesada entre los párpados. Si pudiera, le diría que se vaya;tengo una mujer atravesada en la garganta (p. 78).

{Não consigo dormir. Tenho uma mulher atravessada entre as pálpebras. Se pudesse, lhe diria que vá embora;.....tenho uma mulher atravessada na garganta}.

No texto número 4, *Celebración de la fantasía*, cuja resposta também era *pero*, verificou-se o mesmo equívoco.

Fue a la entrada del pueblo de Ollantaytambo, cerca del Cuzco. Yo me había desprendido de un grupo de turistas y estaba solo, mirando de lejos las minas de piedra, cuando un niño del lugar, enclenque, haraposo, se acercó a pedirme que le regalara una lapicera. No podía darle la lapicera que tenía, porque la estaba usando en no sé qué aburridas anotaciones,.....le ofrecí dibujarle un cerdito en la mano (p. 27).

{Foi na entrada do povoado de "Ollantaytambo", perto de Cuzco. Eu havia me perdido de um grupo de turistas e estava sozinha, olhando de longe as ruínas de pedra, quando um menino do lugar, doente, maltrapilho, se aproximou e pediu -me que lhe desse uma lapiseira. Não podia dar a ele a que eu tinha, porque a estava usando em não sei que anotações,lhe ofereci desenhar-lhe um porquinho em sua mão}.

O mesmo ocorreu com o participante número 02, o qual utilizou *sin embargo* nos textos 1, *La función del lector/2*

Era el medio siglo de la muerte de César Vallejo, y hubo celebraciones. En España Julio Vélez organizó conferencias, seminarios, ediciones y una exposición que ofrecía imágenes del poeta, su tierra, su tiempo y su gente.....en esos días Julio Vélez conoció a Manuel Castellón (p. 09),

{Fazia meio século a morte de César Vallejo, e houve celebrações. Na Espanha Júlio Vélez organizou conferências, seminário, edições e uma exposição que oferecia imagens do poeta, sua terra, seu tempo e sua gente.....nestes dias Júlio Vélez conheceu a Manuel Castañón},

e 4, *Celebración de la fantasía*, e no texto número 6 *La noche/1*, já citados acima. O participante número 03 utilizou *sin embargo* nos textos 1, *La función del lector/2*, no texto 4, *Celebración de la fantasía*, cujas respostas corretas eram *pero*, e o participante 03 ainda utilizou *sin embargo* no texto número 7, *Mapamundi/2*

[...] *Cuando cae el telón, una vez depositados los votos en las urnas, la realidad impone la ley del más fuerte, que es del dinero. Así lo quiere el orden natural de las cosas. En el sur del mundo enseña el sistema, la violencia y el hambre no pertenecen a la historia,..... a la naturaleza, y a la justicia y la libertad han sido condenadas a odiarse entre sí (p. 96).*

{[...] Quando cai o pano, uma vez depositados os votos nas urnas, a realidade impõe a lei do mais forte, que é a do dinheiro. Assim quer a ordem natural das coisas. No sul do mundo se ensina o sistema, a violência e a fome não pertencem à história,.....à natureza, e à justiça e à liberdade foram condenadas a se odiarem}.

caso em que a resposta correta era *sino*.

Toda essa análise reitera a existência de dúvida no momento da utilização dos três vocábulos *pero*, *sin embargo* e *sino*. Confira-se a tabela que segue sobre o uso desse último.

Tabela 3 - Distribuição da frequência absoluta e percentual do uso adequado de *sino* por participante no Teste 1 - parte A

PARTICIPANTES	NÚMERO DE ACERTOS	%
---------------	-------------------	---

01	06	54%
02	10	90%
03	07	63%
04	01	9%
05	10	90%
06	09	80%
TOTAL DE ACERTOS	11	100%

FONTE: Pesquisa da autora, 2004.

Examinando-se a Tabela 3 - do uso de *sino*, observa-se que não há correlação entre o uso adequado de *pero e sin embargo*, se comparado ao de *sino*, visto terem sido os participantes 02 e 05, desta vez, os que tiveram o maior percentual de acertos. Isso leva a crer que a operação metalingüística feita para distinguir o emprego de um morfema, é independente da realizada para o uso dos outros morfemas em foco.

Cumprir destacar que os dados da Tabela 3 revelam um grande descompasso entre os participantes, no que respeita ao emprego de *sino*, posto que, enquanto dois deles acertaram 90% das questões, um acertou apenas uma questão. Considerando-se que nenhum dos participantes acertou 100% das questões, nesse caso também se pode aventar a hipótese de que não há clareza sobre o emprego desse morfema.

Apenas 50% dos participantes acertaram acima de 80% das questões, sendo que o participante número 04 obteve o menor número de acertos, tendo das 11 ocorrências, acertado apenas uma. Observe-se que esse mesmo participante acertara 66% das questões envolvendo o uso dos morfemas *pero e sin embargo*. Percebe-se que, no seu entendimento, não há diferença entre o emprego de *pero* e de *sino*, uma vez que, no texto 5, usou sempre *pero*, quando a resposta adequada era *sino*. Confira-se:

[...]

Que no hablan idiomas, SINO dialectos.

Que no profesan religiones, SINO supersticiones.

*Que no hacen arte, SINO artesanía.
Que no practican cultura, SINO folklore.
Que no son seres humanos, SINO recursos humanos.
Que no tiene cara, SINO brazos.
Que no tienen nombre, SINO número.
Que no figuran en la historia universal, SINO en la crónica roja de la prensa local.
(GALEANO, 1999, p.59).*

[...]
{Que não falam idiomas, MAS dialetos.
Que não professam religiões, MAS superstições.
Que não fazem arte, MAS artesanato.
Que não praticam cultura, MAS folclore.
Que não são seres humanos, MAS recursos humanos.
Que não tem cara, MAS braços.
Que não têm nome, MAS número.
Que não figuram na história universal, MAS na crônica vermelha da imprensa local}.

Já o participante 01 percebe alguma diferença no uso desses dois morfemas, pois, no mesmo texto 5, *Los nadies*, ele misturou *sino* e *pero*, o que demonstra a falta de clareza no uso de *pero*, de modo a diferenciá-lo de *sino*. Mesmo fenômeno ocorre com o participante 03, no mesmo texto 5, quando mistura o uso de *sino* e *pero*, demonstrando dúvida na hora do uso. Os únicos participantes que acertaram todas as respostas no exercício do texto número 5 foram os participantes 05 e 02. Embora eles tenham feito o maior número de acertos, não chegaram a 100%, pois apresentaram erro no emprego de *sino* em outros textos. O participante 02 errou a resposta do texto 11, *Andares/2*

No fue un viento errante, de esos que vagabundean sin ton ni son,.....un señor ventarrón certeramente disparado desde la lejana costa caliente hasta la ciudad de Medellín, a través de las montañas y los países (p. 191),.

{Não foi um vento errante, destes que vagabundeiam sem tom nem som,.....um senhor vento certamente disparado desde o longe da costa quente até a cidade de Medellín, através das montanhas e os países}.

selecionando *pero*, ao invés de *sino*, que era a resposta correta.

Já o participante 05 obteve uma resposta errada no texto 8, *Celebración de las contradicciones/2*, visto que respondeu *pero* para a resposta que deveria ser *sino*, conforme exemplo:

[...] *De los miedos nacen los corajes; y las dudas, las certezas. Los sueños*

anuncian otra realidad posible y los delirios, otra razón. Al fin y al cabo, somos los que hacemos para cambiar lo que somos. La identidad no es una pieza de museo, quietecita en la vitrina,..... la siempre asombrosa síntesis de las contradicciones nuestras de cada día (p. 111).

{[...] Dos medos nasce a coragem; e as dúvidas, as certeza. Os sonhos anunciam outra realidade e os delírios, outra razão. Afinal, somos os que fazemos a nossa própria mudança. A identidade não é uma peça de museu, quieta na vitrina, a sempre assombrosa síntese das nossas contradições de cada dia}.

A Tabela 4 pode dar uma idéia mais nítida de que os participantes têm dúvidas relativamente ao emprego adequado dos morfemas em questão e, especialmente, de que desconhecem a descrição argumentativa de *pero* e *sin embargo* o que, imagina-se, levaria a desempenhos mais próximos do esperado.

Tabela 4 - Comparação do percentual do uso adequado de PERO, SIN EMBARGO e SINO por participante no Teste 1 - parte A

PARTICIPANTES/ Morfema	PERO	SIN EMBARGO	SINO
01	50%	100%	54%
02	66%	100%	90%
03	66%	100%	63%
04	66%	66%	9%
05	66%	66%	90%
06	82%	33%	80%

FONTE: Pesquisa da autora, 2004.

3.1.2 Análise de dados do Teste 1 - parte B

O teste 1 - parte B compunha-se de 6 textos, retirados do livro de Eduardo Galeano *El libro de los abrazos*. Dentre estes seis textos foram apresentadas 8 ocorrências do morfema *pero*. Solicitava-se aos participantes que justificassem se os textos deveriam permanecer com o morfema *pero* ou se esse morfema poderia ser substituído por *sin embargo*. Desses textos apresentados, apenas 3 ocorrências de *pero* não poderiam ser substituídas por *sin embargo*.

A análise de acertos e erros nas questões do Teste 1- parte B é bastante elucidativa, relativamente ao domínio do uso dos morfemas *pero* e *sin embargo*, como se verificará a seguir:

Texto 1

1) *El lenguaje del arte*

El Chinolope vendía diarios y lustraba zapatos en La Habana. Para salir de pobre, se marchó a Nueva York.

Allá, alguien le regaló una vieja cámara de fotos. El Chinolope nunca había tenido una cámara en las manos, PERO le dijeron que era fácil:

- Tú miras por aquí y aprietas allí

Y se echó a las calles. Y a poco andar escuchó balazos y se metió en una barbería y alzó y miró por aquí y apretó allí.

En la barbería habían acribillado al gangster Joe Anastasia, que se estaba afeitando, y esa fue la primera foto de la vida profesional del Chinolope.

Se la pagaron una fortuna. Esa foto era una hazaña, El Chinolope había logrado fotografar a la muerte. La muerte estaba allí: no en el muerto ni en el matador. La muerte estaba en la cara del barbero que la vio.

{ 1) A linguagem da arte

O Chinolope vendia jornais e lustrava sapatos em La Habana. Para sair da pobreza, foi para Nova Iorque. Lá, alguém lhe deu de presente uma velha câmara de fotografar. O Chinolope nunca tinha tido uma câmara nas mãos, MAS disseram-lhe que era fácil:

- Você olha por aqui e aperta ali.

E foi para a rua. E a pouco andar ouviu tiros e se meteu numa barbearia e levantou e olhou por aqui e apertou ali.

Na barbearia tinham metralhado o gangster Joe Anastasia, que estava fazendo a barba, e essa foi a primeira foto da vida profissional do Chinolope.

Pagaram a ele uma fortuna. Essa foto era uma façanha, O Chinolope tinha conseguido fotografar a morte. A morte estava ali: não no morto nem no matador. A morte estava no rosto do barbeiro que a viu}.

Relativamente ao texto *El lenguaje del arte*, todos os participantes afirmaram que deveria permanecer o morfema *pero*. A resposta está correta, mas as justificativas dadas pelos participantes não esclarecem o motivo da escolha uma vez que são genéricas e imprecisas, como é o caso da explicação dada pelo participante (02). Confirmam-se as justificativas:

P (01) - "deve permanecer, pois dá idéia de oposição";

P (02) - "deve permanecer pois tentei colocar sino ou sin embargo e achei meio estranho";

P (03) - "tem que usar pero pois se contrapõe ao elemento anterior";

P (04) - "deve ficar pero, pois tem a mesma significação de sino e sin embargo";

P (05) - "deve permanecer pois a idéia de adversidade está correta";

P (06) - "continua pero, pois tem valor de PORÉM" .

Pelas justificativas dadas no geral, ficou claro que os acertos não foram conseguidos por eles terem certeza de seu uso. Observe-se que há tentativa de diferenciar os morfemas, por meio de um valor semântico fixo, e, com base nesse conteúdo informativo, eles não conseguem estabelecer a distinção e nem justificar o uso.

Nesse sentido, uma descrição de estrutura A MAS B, dada pela semântica argumentativa, especialmente pela Teoria da Argumentação na Língua (TAL) poderia ser valiosa. Uma estrutura como:

EI Chinolope nunca había tenido una cámara en las manos, PERO le dijeron que era fácil, podría ser a seguinte:

Nunca ter tido câmara nas mãos DONC não conseguir tirar fotos.

Disseram que era fácil tirar fotos DONC conseguir tirar fotos.

Nota-se que neste texto, este *pero* pode ser chamado de Mas (PA), conforme Vogt (1980), pois é um *pero* cujo bloco semântico muda, apresentando somente o aspecto normativo da regra nos dois enunciados que interliga os dois segmentos de enunciados. Esses enunciados não convocam o mesmo bloco semântico, pois 'nunca ter tido câmara nas mãos' expressa 'quem não tem câmara não consegue tirar fotos' e 'Disseram que era fácil tirar fotos' convoca 'é fácil tirar fotos, conseguir tirar fotos'. Pode-se dizer, neste caso, que enunciados com *pero* (MAS PA) convocam blocos semânticos diferentes. Observe-se que o *pero* opõe conclusões contrárias tiradas dos segmentos que ele relaciona.

Considere-se agora a questão envolvendo o texto 2. O morfema *pero*, no texto presente, não poderia ser substituído por *sin embargo*. Veja-se o texto:

En tiempos de la dictadura militar, a mediados de 1973, un preso político Uruguayo, Juan José Noueched, sufrió una sanción de cinco días: cinco días sin visita ni recreo, cinco días sin nada, por violación del reglamento. Desde el punto de vista del capitán que le aplicó la sanción, el reglamento no dejaba lugar a dudas. El reglamento establecía claramente que los presos debían caminar en fila y con ambas manos en la espalda. Noueched había sido castigado por poner una sola mano en la espalda.

Noueched era manco.

Había caído preso en dos etapas. Primero había caído su brazo. Después, él. El brazo cayó en Montevideo.

Noueched venía escapando a todo correr cuando el policía que lo perseguía alcanzó a pegarle un monotón, le gritó: Dése preso! Y se quedó con el brazo en la mano. El resto de Noueched cayó un año y medio después, en Paysandú. En la cárcel, Noueched quiso recuperar su brazo perdido:

- Haga una solicitud -le dijeron.

Él explicó que no tenía lápiz:

- Haga una solicitud a lápiz -le dijeron.

*Entonces tuvo lápiz, **PERO** no tenía papel:*

- Haga una solicitud de papel -le dijeron.

Cuando por fin tuvo lápiz y papel, formuló su solicitud de brazo.

Al tiempo, le contestaron. Que no. No se podía: el brazo estaba en otro expediente. A él lo había procesado la justicia militar. Al brazo, la justicia civil..

{ 2 } A burocracia/1

Em tempos da ditadura militar, na metade de 1973, um preso político uruguaio, Juan José Noueched, sofreu uma sanção de cinco dias: cinco dias sem visita nem recreio, cinco dias sem nada, por violação do regulamento. Desde o ponto de vista do capitão que lhe aplicou a sanção, o regulamento não deixava lugar a dúvidas. O regulamento estabelecia claramente que os presos deviam caminhar em fila e com ambas as mãos nas costas. Noueched foi castigado por ter posto apenas uma mão nas costas.

Noueched era manco.

Tinha sido preso em duas etapas. Primeiro tinha caído seu braço. Depois, ele. O braço caiu em Montevideú. Noueched vinha escapando a todo correr quando a policia que o perseguia conseguiu puxá-lo, gritou-lhe: esteja preso! Ficou com o braço na mão. O resto de Noueched caiu um ano e meio depois, em Paysandú.

Na prisão, Noueched quis recuperar seu braço perdido:

- Faça uma solicitação - disseram-lhe.

Ele explicou que não tinha lápis:

- Faça uma solicitação a lápis - disseram-lhe.

Então teve lápis, MAS não tinha papel:

- Faça uma solicitação de papel - disseram-lhe.

Quando finalmente teve lápis e papel formulou sua solicitação de braço.

Após um tempo, lhe responderam. Que não. Não poderia ser: o braço estava em outro expediente. A ele, havia processado a justiça militar. Ao braço, a justiça civil}.

A essa questão, quatro participantes responderam que deveria permanecer o uso de *pero* no texto, já os participantes 03 e 04 disseram que não. O participante 03 disse que *pero* poderia ser substituído por *sino*, porque "se contrapõe a uma idéia anterior negativa e a uma posterior positiva". O participante 04 disse que poderia ser substituído por *sin embargo*, porque "fica melhor dando uma conclusão de *no entanto*". Neste caso, o participante estaria utilizando um critério estético, da tradição gramatical, que prega que quanto mais se segue a norma, mais correto e melhor, e não um critério lingüístico. Os outros participantes, que acertaram a resposta, mais uma vez apresentaram justificativas baseadas em uma compreensão espontânea, num valor fixo que MAS - PORÉM teriam, calcada, na maioria das

vezes, no conhecimento de sua língua materna, o português, no caso.

Seguem as justificativas dos participantes:

P (06) - "continua pero porque tem o valor de porém";

P (05) - "continua pero pois tem equivalência de porém em português";

P (02) - "continua pero pois soa melhor que as demais opções";

P (01) - "concordo com o uso de pero fazendo comparação, se traduzido pelo MAS".

É possível que a explicação, baseada no ferramental teórico da TAL, auxiliasse os alunos a obterem melhor resultado. Confira-se a descrição que poderia ser feita:

Haga una solicitud a lápiz - le dijeron. Entonces tuvo lápiz, pero no tenía papel, novamente é um Mas (PA), pois, como se pode perceber, vai mudar o bloco semântico, permanecendo somente o aspecto normativo da regra, podendo-se obter a seguinte descrição:

Ter lápis DONC escrever.

Não ter papel DONC não escrever, fazer outra coisa.

Como se afirmou, há dois blocos semânticos diferentes, uma vez que apresentam dois segmentos: 'ter lápis' que introduz 'escrever' e 'não ter papel' que introduz 'não escrever'. O *pero* opõe conclusões contrárias, como se pode perceber.

Em relação ao texto 3, *La democracia/4*, o número de erros aumentou para 50%. Três participantes responderam que *pero* deveria permanecer no trecho e três responderam que deveria ser substituído por *sin embargo*.

Veja-se o texto:

3)La desmemoria/4

Chicago está llena de fábricas. Hay fábricas hasta en pleno centro de la ciudad, en torno al edificio más alto del mundo. Chicago está llena de fábricas, Chicago está llena de obreros.

Al llegar al barrio de Heymarlreert, pido a mis amigos que me muestren el lugar donde fueron ahorcados, en 1886, aquellos obreros que el mundo entero saluda cada primero de mayo.

- Ha de ser por aquí - me dicen. Pero nadie sabe.

Ninguna estatua se ha erigido en memoria de las mártires de Chicago en la ciudad de Chicago. Ni estatua, ni monolito, ni placa de bronce, ni nada.

El primero de mayo es el único día verdaderamente universal de la humanidad entera, el único día

donde coinciden todas las historias y todas las geografías, todas las lenguas y las religiones y las culturas del mundo; **PERO** en los Estados Unidos, el primero de mayo es un día cualquiera. Ese día, la gente trabaja normalmente, y nadie, o casi nadie, recuerda que los derechos de la clase obrera no han brotado de la oreja de una cabra, ni de la mano de Dios o del amo.

Tras la inútil exploración de Heymarlret, mis amigos me llevan a conocer la mejor librería de la ciudad. Y allí por pura curiosidad, por pura casualidad, descubro un viejo cartel que está como esperándome. Metido entre muchos otros carteles de cine y música rock.

El cartel reproduce un proverbio del África: Hasta que los leones tengan sus propios historiadores, las historias de cacería seguirán glorificando al cazador.

{ 3) A desmemoria/4

Chicago está cheia de fábricas. Há fábricas até em pleno centro da cidade, em torno do prédio mais alto do mundo. Chicago está cheia de fábricas, Chicago está cheia de operários.

Ao chegar ao bairro de Heymarlret, peço aos meus amigos que me mostrem o local onde foram enforcados, em 1886, aqueles operários que o mundo inteiro saúda cada primeiro de maio.

Tem de ser por aqui - me dizem. Mas ninguém sabe.

Nenhuma estátua foi colocada em memória dos mártires de Chicago na cidade de Chicago. Nem estátua, nem monólito, nem placa de bronze, nem nada.

O primeiro de maio é o único dia verdadeiramente universal da humanidade inteira, o único dia onde coincidem todas as histórias e todas as geografias, todas as línguas e as religiões e as culturas do mundo; MAS nos Estados Unidos, o primeiro de maio é um dia qualquer. Nesse dia, o povo trabalha normalmente, e ninguém, ou quase ninguém, lembra que os direitos da classe operária não brotaram da orelha de uma cabra, nem da mão de Deus ou do amo.

Após a inútil exploração de Heymarlret, meus amigos me levaram para conhecer a melhor livreria da cidade. E lá, por pura curiosidade, por puro acaso, descobri um velho cartaz que está como que me esperando. Metido entre muitos outros cartazes de cinema e música rock.

O cartaz reproduz um provérbio da África: Até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias de caçada seguirão glorificando o caçador}.

Os participantes 03, 05 e 06 responderam que *pero* deveria ser substituído por *sin embargo*. Embora tenham acertado a resposta, suas justificativas demonstram a insegurança de uso:

P (03) - "tem que substituir por *sin embargo* porque tem significado de *entretanto*";

P (05) - "eu acho que ficaria melhor nesta frase a conjunção *sin embargo* que tem o valor de *NO ENTANTO*";

P (06) - "troca para *sin embargo* porque está iniciando um outro período".

Percebe-se, nas justificativas dos participantes 03, 05 e 06 uma resposta vinda de dicionários (tem valor de *entretanto*) ou livros didáticos (usa-se depois de pausa, segundo o livro *Español sin fronteras 2*, de Gargallo), ou seja, como se tivessem um valor externo fixo, uma única forma de utilizar o conector *sin embargo*. Mas a explicação não é suficiente para distingui-los o que, também, demonstra a falta de segurança do participante de usar e justificar o uso de *pero* e *sin embargo*.

Uma explicação argumentativa bastaria para tirar esta visão dicionarista, generalista e

imprecisa.

Nesse trecho, *pero*

El primero de mayo es el único día verdaderamente universal de la humanidad entera, el único día donde coinciden todas las historias y todas las geografías, todas las lenguas y las religiones y las culturas del mundo; PERO en los Estados Unidos, el primero de mayo es un día cualquiera.... (GALEANO, 1999, p. 103).

{Primeiro de maio é o único dia verdadeiramente universal da humanidade inteira, o único dia onde coincidem todas as histórias e todas as geografias, todas as línguas e as religiões e as culturas do mundo; MESMO ASSIM nos Estados Unidos, o primeiro de maio é um dia qualquer...}.

pode ser substituído por *sin embargo* porque a argumentação permanece no mesmo bloco semântico e apresenta o aspecto transgressivo da regra através da utilização de (*pourtant*):

1.º de maio dia universal da humanidade POURTANT não é comemorado nos EUA.

DONC

é comemorado nos EUA.

A partir desta análise, é possível notar que existem, portanto, dois tipos de *pero*. *Pero* (Mas PA) que é um articulador entre dois segmentos de enunciados cujas conclusões são opostas e o *pero* (*sin embargo*) que é um conector característico de encadeamentos argumentativos transgressivos.

Verifique-se que *pero* (*sin embargo*) de

el primero de mayo es el único día verdaderamente universal de la humanidad entera, el único día donde coinciden todas las historias y todas las geografías, todas las lenguas y las religiones y las culturas del mundo; PERO en los Estados Unidos, el primero de mayo es un día cualquiera...(p.103).

conecta o mesmo bloco, pois não apresenta o sentido de ‘é comemorado nos EUA também.....’ o qual deveria ser encadeado mediante o uso de *donc* ao primeiro destes segmentos, mas o que utiliza é ‘não é comemorado nos EUA’ o que mostra o aspecto transgressivo da regra mediante o uso de *pourtant*.

O texto número 4, *El sistema/ 1* foi totalmente atípico, pois nenhum participante acertou a resposta. Todos eles colocaram que o texto deveria permanecer com *pero*.

Veja-se o texto:

4) *El sistema/1*

*Los funcionarios no funcionan.
Los políticos hablan PERO no dicen.
Los votantes votan PERO no eligen.
Los medios de información desinforman.
Los centros de enseñanza enseñan a ignorar.
Los jueces condenan a las víctimas.
Los militares están en guerra contra sus compatriotas.
Los policías no combaten los crímenes, porque están ocupados en cometerlos.
Las bancarrotas se socializan, las ganancias se privatizan.
Es más libre el dinero que la gente.
La gente está al servicio de las cosas.*

{4} O sistema/1

Os funcionários não funcionam.
Os políticos falam MAS não dizem.
Os votantes votam MAS não elegem.
Os meios de informação desinformam.
Os centros de ensino ensinam a ignorar.
Os juizes condenam às vítimas.
Os militares estão em guerra contra seus compatriotas.
As polícias não combatem os crimes, porque estão ocupados em cometê-los.
As falências se socializam, os ganhos se privatizam.
É mais livre o dinheiro do que a gente.
A gente está ao serviço das coisas}.

Aqui pode ser posta a seguinte questão: Aqueles participantes que acertaram 100% o uso de *sin embargo* no Teste 1 - parte A, por que motivo erraram no Teste 1 - parte B? É possível que lá tenham acertado em função de ocorrer após pausa.

Retorna-se à comprovação da incerteza, da dúvida do aluno, que tenta buscar ajuda em dicionários e gramáticas, e não encontra, posto que, nesses livros, as descrições são meramente informativas, sendo insuficientes para distinguir os morfemas em questão.

Por exemplo:

Pero – conj. advers. Expresa contraposición u oposición: este chico es inteligente, pero vago. (Diccionario de la Lengua Española Larouse).

A partir disto, os participantes colocaram as seguintes justificativas:

P (06) - “continua o mesmo porque tem valor de porém”;

P (05) - “a utilização de *pero* está correta nestas frases, porque tem sentido de porém”;

P (04) - “pode ficar a expressão no texto, porque dá sentido à frase”;

P (03) - “nas duas permanece *pero*, porque liga uma oração positiva a uma negativa”;

P (02) - “penso que a palavra *pero* soou bem no texto”;

P (01) - “concordo com a expressão *pero* com valor de porém”.

A maioria dos participantes, na dúvida, recorre a uma resposta dicionarizada, que poderia ser encontrada em algum livro didático ou em uma gramática, como segue o exemplo:

Adversativas – aunque, cuando con todo, antes bien, sin embargo, no obstante, pero, sino.

Ejemplos: - Y sin embargo todavía lo quiero.

- Dilo si quieres, pero me parece mejor callar.

- Haz lo que digo sino te pegaré. (CALATRAVA, 1996, p.176).

{Adversativas – ainda que, quando contudo, antes bem, mesmo assim, não obstante, mas, mas (sino).

Exemplos – E mesmo assim ainda o quero.

- Diz o que quer, mas me parece melhor calar.

- Faz o que digo, se não o surrarei}.

Recorrem também a explicações baseadas em impressões, como o participante 02 “penso que a palavra *pero* soou bem no texto”.

Se a resposta fosse dada considerando as descrições de *pero* feitas pela TAL, poderia haver mais certeza.

Analise-se os dois trechos: *Los políticos hablan pero no dicen; Los votantes votan pero no eligen*, constantes do trecho:

Los funcionarios no funcionan.

Los políticos hablan PERO no dicen.

Los votantes votan PERO no eligen.

Los medios de información desinforman.

Los centros de enseñanza enseñan a ignorar. (GALEANO, 1999, p.117)

{Os funcionários não funcionam.

Os políticos falam MESMO ASSIM não dizem.

Os votantes votam MESMO ASSIM não elegendos.
Os meios de informação desinformam.
Os centros de estudos ensinam a ignorar}.

Nos dois casos, *pero* pode ser substituído por *sin embargo*, pois pelo sentido do enunciado, percebe-se que é feita uma argumentação transgressiva, que apresenta uma exceção à regra, expressa por meio de um encadeamento argumentativo transgressivo.

1.ª ocorrência – Falar *donc* dizer. (regra aspecto normativo)

Falar *pourtant* não dizer. (regra aspecto transgressivo)

2.ª ocorrência – Votar *donc* eleger. (regra aspecto normativo)

Votar *pourtant* não eleger. (regra aspecto transgressivo)

Nas duas ocorrências, tem-se um *pero* com valor de *sin embargo* (*pourtant*), pois a conclusão possível seria “falar *donc* dizer” e “votar *donc* eleger”, mas a conclusão é contrária “*pourtant* não dizer” e “*pourtant* não eleger”, o que foge à regra, ao aspecto normativo. Neste texto, em que se apresenta o mesmo bloco semântico é utilizada uma das formas conversas, a do aspecto transgressivo. O locutor vai se expressar utilizando o aspecto transgressivo da regra. Ele não ignora que quem ‘fala – diz’, que quem ‘vota – eleger’, mas ele opta por expressar seu espanto dizendo: ‘fala, mesmo assim não diz’ e ‘vota, mesmo assim não eleger’.

No texto 5, *La alienación/2*, o número de erros continua alto, somente o participante 01 acertou a resposta, substituir *pero* por *sin embargo* com a seguinte justificativa:

- “substituiria por *sin embargo* com valor de *entretanto*”.

Aqui se pode levantar um questionamento: o que é ter valor de *entretanto*?

Novamente, a justificativa está baseada no sentido de *sin embargo* em dicionários, gramáticas e livros didáticos, como se pode ver no exemplo a seguir: “*Sin embargo: Mas, no entanto, contudo, não obstante, entretanto. Se empeñó, sin embargo no le dieron el empleo.* {Esforçou-se, contudo não conseguiu o emprego}. (Dicionário Espanhol – Português – Português – Espanhol, 1995, p.160).

Os demais participantes permaneceram com *pero*, apresentando a seguinte justificativa:

P (02) - “não vejo motivos para trocar a palavra *pero*, pois a mesma soa bem no texto”;

P (03) - “se usa *pero* porque acompanha uma oração afirmativa nas duas frases”;

P (04) - “eu deixaria a expressão no texto, pois tem um sentido completo e dá sentido ao texto”;

P (05) - “a utilização está correta, pois fornece à frase a idéia de *mas*”;

P (06) - “os dois continuam *pero*, porque têm valor de *porque*”.

Até agora só se perceberam justificativas prontas, aquelas que vêm dicionarizadas, ou justificativas baseadas em impressões, como, por exemplo: “deve permanecer porque soa bem”. Soar não é critério lingüístico, e sim, estético. Há, ainda, as sem sentido como a do participante 06 acima.

Veja-se, agora, o texto 5 e logo após a sua análise:

5) *La alienación*/2

Creem los que mandan que mejor es quien mejor copia. La cultura oficial exalta las virtudes del mono y del papagayo. La alienación en América Latina: un espectáculo de circo. Importación, impostación: nuestras ciudades están llenas de arcos de triunfo, obeliscos y partenones. Bolivia no tiene mar, PERO tiene almirantes disfrazados de lord Nelson. Lima no tiene lluvia, PERO tiene techos de dos aguas y con canaletas. En Managua, una de las ciudades más calientes del mundo, condenada al hervor perpetuo, hay mansiones que ostentan soberbias estufas de leña, y en las fiestas de Somoza las damas de sociedad lucían estolas de zorro plateado.

{ 5) A alienação/2

Crêem os que mandam que melhor é quem melhor copia. A cultura oficial exalta as virtudes do macaco e do papagaio. A alienação na América Latina: um espetáculo de circo. Importação, impostação: nossas cidades estão cheias de arcos do triunfo, obeliscos e partenões. Bolívia não tem mar, MAS tem almirantes disfarçados de Lord Nelson. Lima não tem chuva, MESMO ASSIM tem telhados de duas águas e com calhas. Em Manágua, uma das cidades mais quentes do mundo, condenada à fervura perpetua, tem mansões que ostentam soberbas estufas a lenha, e nas festas de Somoza as damas da sociedade vestiam estolas de raposa prateada}.

Neste ponto a descrição desses morfemas, na TAL, é esclarecedora e convincente. Observe-se o trecho:

Bolívia no tiene mar, pero tiene almirantes disfrazados de Lord Nelson. Lima no tiene lluvia, pero tiene techos de dos aguas y con canaletas. {Bolívia não tem mar, ‘mas’ tem almirantes disfarçados de Lord Nelson}; {Bolívia não tem mar, ‘mas’ tem telhado de duas águas com calhas}.

Justificativa possível – os dois *pero* podem ser substituídos por *sin embargo*, uma vez que pelas argumentações dadas, percebe-se que o sentido é transgressivo e permanece no mesmo bloco semântico.

1.^a ocorrência - Não tem mar *donc* não tem almirante. (aspecto normativo da regra)

Não tem mar *pourtant* tem almirante. (aspecto transgressivo da regra)

2.^a ocorrência - Não tem chuva *donc* não tem telhado de duas águas. (aspecto normativo da regra)

Não tem chuva *pourtant* tem telhado de duas águas. (aspecto transgressivo da regra)

O último texto, número 6, *La muerte*, volta a ter 50% de acerto das respostas.

6) *La muerte*

Ni diez personas iban a los últimos recitales del poeta español Blas de Otero. PERO cuando Blas de Otero murió, muchos miles de personas acudieron al homenaje fúnebre que se le hizo en una plaza de toros de Madrid. Él no se enteró.

{ 6) A morte

Nem dez pessoas iam aos últimos recitais do poeta espanhol Blas de Otero. MAS quando Blas de Otero morreu, milhares de pessoas foram à homenagem fúnebre que se fez a ele numa praça de touros de Madri. Ele não ficou sabendo}.

Os participantes 01, 02 e 05 acertaram ao dizerem que o texto deveria permanecer com *pero*, mas, como já ocorreu outras vezes, suas justificativas deixam perceber a existência de dúvida relativamente ao emprego e a influência de manuais e gramáticas.

P (01) - “concordo com a expressão, dá idéia de mas”;

P (02) - “talvez pela força de uso de *pero*, isto é, usa-se mais, ela soa melhor no texto”;

P (05) - “a utilização está correta, já que se agrega à frase idéia de oposição”.

Uma possível descrição pela TAL seria que sempre se deve usar um *pero* (Mas PA) quando esse articulador une encadeamentos argumentativos de dois blocos semânticos, isto é, quando apresentar duas argumentações em *donc*.

Observe-se a passagem.

Ni diez personas iban a los últimos recitales del poeta español Blas de Otero. PERO cuando Blas de Otero murió, muchos miles de personas acudieron al homenaje fúnebre que se le hizo en una plaza de toros de Madrid. Él no se enteró. (GALEANO, 1999, p. 199).

{Nem dez pessoas iam aos últimos recitais do poeta Blas de Otero. MAS quando Blas de Otero morreu, milhares de pessoas foram à homenagem fúnebre que fizeram na praça de touros de Madri. Ele não ficou sabendo}.

Poucas pessoas iam ao recital de Blas de Otero *donc* tinham medo. (Aspecto normativo da regra)

Após a morte de Blas de Otero muitas pessoas foram ao recital *donc* perderam o medo. (Aspecto normativo da regra)

Para melhor compreender a interpretação dos dois blocos semânticos, seria interessante saber por que poucas pessoas iam ao recital de Blas de Otero enquanto estava vivo. Possivelmente, tinham medo de sofrer alguma represália, pois se sabia que Blas de Otero possuía uma visão política que ia contra as idéias do governo vigente e, de alguma forma, expressava essa visão em sua literatura. Contudo, após a morte de Blas de Otero, esse medo passou a não existir, sinal que as pessoas gostavam dele, mas que, por alguma razão, não podiam acompanhar seus espetáculos.

É interessante notar que o maior número de erros ocorreu quando era para substituir *pero* por *sin embargo*. Os alunos realmente não sabiam como fazer uso dessa expressão. Outro dado importante é que o articulador *sin embargo* foi o que apresentou maior número de acertos no Teste 1- parte A e o maior número de erros no Teste 1 – parte B.

Os alunos não quiseram arriscar, usando sua intuição lingüística, em outras tentativas de respostas que não estivessem apoiadas por dicionários, ou realmente não sabem a diferença de uso de *pero* e *sin embargo*. Somente o participante 05 obteve um percentual de acerto igual a 50% das ocorrências de *pero* e *sin embargo*, o que também não permite afirmar que domine o uso dos morfemas *pero* e *sin embargo*.

É impressionante o baixo número de acertos em relação ao *sin embargo* no Teste 1 – parte B. Isso demonstra que para os alunos *pero* e *sin embargo* não são diferentes, podendo ser utilizados em qualquer situação. O que vem a confirmar que em relação ao Teste 1 – parte

A, quando os participantes 02 e 03 acertaram 100% do uso de *sin embargo* não significava que os mesmos eram proficientes no emprego desse conector.

Portanto, há necessidade de uma descrição do funcionamento de *pero* e *sin embargo* por meio da Teoria da Argumentação na Língua (TAL).

Verificou-se, então, que as explicações das gramáticas, dicionários e livros didáticos, enfim, das descrições vistas até aqui pelos alunos participantes desta pesquisa não foram suficientes para que tivessem segurança a respeito de como escolher, interpretar os morfemas em questão.

3.2 Análise dos dados do Teste 2

Após a aula sobre a Teoria dos Blocos, exemplos e exercícios sobre o assunto, aplicou-se, novamente, o mesmo teste. Durante a sua execução já era possível notar a importância do estudo sobre os blocos semânticos, pois as participantes estavam conseguindo responder às questões através da argumentatividade que os articuladores *pero* e *sino* e do conector *sin embargo* apresentavam.

A partir deste segundo teste, obtiveram-se os resultados que serão relatados abaixo.

3.2.1 Análise dos dados do Teste 2 - parte A

Este teste, como já se sabe, é de preencher lacunas com *pero*, *sino* ou *sin embargo*. Foi aplicado, após terem sido dadas explicações baseadas na Teoria dos Blocos Semânticos, e após ter-se aplicado o exercício. Os resultados do teste 2 podem ser conferidos nas tabelas que serão apresentadas a seguir.

Tabela 5 – Distribuição da frequência absoluta e percentual do uso adequado de *pero* por participante no Teste 2 – parte A

PARTICIPANTES	NÚMERO DE ACERTOS	%
01	06	100%

02	06	100%
03	06	100%
04	05	82%
05	06	100%
06	06	100%
TOTAL DE ACERTOS	06	100%

FONTE: Pesquisa da autora do trabalho, 2004.

Pode-se perceber a diferença de resultado em relação ao primeiro teste. Antes da aula explicativa sobre os blocos semânticos, apenas um aluno, o participante número 05, obtivera um resultado superior a 70%. Neste mesmo teste, agora, é possível observar que nenhum dos participantes obteve um resultado inferior a 80%, sendo que este resultado foi atribuído a somente um participante, no caso o número 04, que, de seis ocorrências, errou apenas uma. Os outros participantes obtiveram 100% de acertos, demonstrando que a explicação por intermédio de descrições da TAL é produtiva. Quanto ao erro do participante número 04, ele pode ser atribuído a um equívoco de interpretação do enunciado. O participante respondeu *sin embargo* no lugar de *pero*, na seguinte passagem do texto número 4 – *Celebración de la fantasia* -.

No podía darle la lapicera que tenía, porque la estaba usando en no sé qué aburridas anotaciones le ofrecí dibujarle un cerdito en la mano. (GALEANO, 1999, p. 27).

{Não podia dar a ele a lapiseira que eu tinha, porque a estava usando em não sei que anotações,.....lhe ofereci desenhar-lhe um porquinho em sua mão}.

Outra hipótese para o erro é que, na hora de encontrar o bloco semântico, o participante pode ter ficado em dúvida e confundido o *pero* (Mas PA) de Vogt (1980), com o *pero* (*sin embargo*), com valor concessivo. Na passagem acima exposta só havia uma possibilidade de *pero*, o de valor (Mas PA), que articula duas argumentações normativas diferentes, cujas conclusões são opostas. Pode-se perceber que o objetivo da explicação, através da TAL, foi alcançado, uma vez que o número de acertos foi alto.

Tabela 6 – Distribuição da frequência absoluta e percentual do uso adequado de *sin embargo* no Teste 2 – parte A

PARTICIPANTES	NÚMERO DE ACERTOS	%
01	03	100%
02	02	66%
03	02	66%
04	03	100%
05	03	100%
06	03	100%
TOTAL DE ACERTOS	03	100%

FONTE: Pesquisa da autora do trabalho, 2004.

Pode-se perceber que, em comparação ao primeiro teste, o único que continua com 100% de acertos é o participante 01. Os participantes 02 e 03, que, no primeiro teste, tinham apresentado 100% de acertos, agora caíram para 66% de aproveitamento, ou seja, uma resposta errada. Quanto aos outros participantes 04, 05 e 06, obtiveram melhores resultados, uma vez que saltaram de 66% (participantes 04 e 05) para 100% e, de 33% (participante 06) para, também, 100% de aproveitamento.

O curioso, em relação aos participantes 02 e 03, é que ambos erraram a mesma questão – texto número 9 *La dignidad del arte*, caso em que, onde era para completar com *sin embargo*, eles completaram com *pero*:

[...] *Habíamos ido con Helena a ver un espectáculo de pantomima, y no había nadie. Ella y yo éramos los únicos espectadores. Cuando se apagó la luz, se sumaron el acomodador y la boleterá. Y,....., los actores, más numerosos que el público, trabajaron aquella noche como si tuvieran viviendo la gloria de un estreno a sala repleta. Hicieron su tarea entregándose enteros, con todo, con alma y vida; y fue una maravilla.* (GALEANO, 1999, p.141).

{[...] *Tínhamos ido com Helena ver um espetáculo de pantomima, e não tinha ninguém. Ela e eu éramos os únicos espectadores. Quando a luz se apagou, compraram o ingresso e subiram ao cômodo. E,.....os atores, mais numerosos que o público, trabalharam aquela noite como se tivessem vivendo a glória de uma estréia com uma sala repleta.*}

Pode ser que ambos tenham ficado em dúvida e não perceberam, ou não conseguiram identificar o bloco semântico e notar que a argumentação permanecia no mesmo bloco, expressando o aspecto transgressivo da regra.

Entretanto, em relação aos resultados dos outros participantes, é possível perceber que a explicação, dada à luz da descrição argumentativa do sentido, conduz a bons resultados.

Tabela 7 – Distribuição da frequência absoluta e percentual do uso adequado de *sino*, por participante, no Teste 2 – parte A

PARTICIPANTES	NÚMERO DE ACERTOS	%
01	11	100%
02	11	100%
03	11	100%
04	11	100%
05	11	100%
06	11	100%
TOTAL DE ACERTOS	11	100%

FONTE: Pesquisa da autora do trabalho, 2004.

Comparando a tabela 7 desta análise e a tabela 3 do primeiro teste, percebe-se a diferença de uma explicação baseada na TAL. No primeiro teste, é possível notar, através dos resultados, a dificuldade e a dúvida dos participantes na hora de completar com *sino*, *pero* ou *sin embargo*; o que não acontece no último teste. Após a explicação e verificação dos resultados, percebe-se que todos os participantes utilizam *sino* com 100% de aproveitamento,

o que demonstra que as descrições da Teoria da Argumentação na Língua têm muito a ajudar na prática pedagógica.

Tabela 8 – Comparação do percentual do uso adequado de *pero*, *sin embargo* e *sino* por participante no Teste 2 – parte A

PARTICIPANTES - morfema	<i>PERO</i>	<i>SIN EMBARGO</i>	<i>SINO</i>
01	100%	100%	100%
02	100%	66%	100%
03	100%	66%	100%
04	82%	100%	100%
05	100%	100%	100%
06	100%	100%	100%

FONTE: Pesquisa da autora do trabalho, 2004.

A tabela 8 pode dar uma idéia mais evidente de que os participantes, após a aula com uma descrição desses vocábulos ancorada na Teoria dos Blocos Semânticos, passam a ter bem menos dúvidas sobre o uso dos três morfemas *pero*, *sin embargo* e *sino* e já conseguem aplicar os mesmos sem dificuldades.

O percentual de acertos se elevou bastante, o que faz acreditar que realmente a explicação que apresentam as gramáticas, livros didáticos e dicionários não auxiliam muito na hora de analisar um enunciado.

3.2.2 Análise dos dados do Teste 2 – parte B

Foi aplicado, novamente, o teste 2 – parte B, com os mesmos textos da primeira fase. A única diferença é que os alunos já tinham tido a aula sobre o uso dos articuladores *pero* e *sino* e do conector *sin embargo*, na ótica da TAL, especialmente da Teoria dos Blocos Semânticos.

O resultado foi surpreendente, pois os participantes números 01, 03, 05 e 06 obtiveram 100% de acertos. Os participantes números 02 e 04 erraram uma questão cada, sendo que não

eram do mesmo texto. É possível que o participante número 02 tenha se equivocado na resposta do texto número 3, *La desmemoria/4*, ao apresentar uma justificativa de que o texto poderia continuar com *pero*, quando, na verdade, *pero* deveria ser substituído por *sin embargo*, pois a argumentação permanece no mesmo bloco semântico, só que apresentando a transgressão à regra, conforme se mostrou na análise do texto 3, *La desmemoria/4*, já feita anteriormente. Para relembrar, veja-se novamente a estrutura:

1º de maio dia universal da humanidade *pourtant* não é comemorado nos EUA.

donc

é comemorado nos EUA.

Já o participante 04, no texto número 1, *El lenguaje del arte*, citado na página 71, justifica que *pero* deveria ser substituído por *sin embargo*, pois “tinha sentido de ‘mesmo assim’ e que permanecia no mesmo bloco”.

Para um melhor esclarecimento observe, novamente, a seguinte estrutura:

Nunca ter tido câmera na mão *donc* não conseguir tirar fotos. (aspecto normativo da regra)

Ser fácil tirar foto *donc* conseguir tirar fotos. (aspecto normativo da regra)

Pode-se perceber que, na argumentação, é utilizado apenas o aspecto normativo da regra, não aparecendo neste caso o aspecto transgressivo, pois são conclusões absolutamente diferentes, já que ‘não ter câmera na mão’ conduz à conclusão ‘não conseguir tirar fotos’ e ‘dizer que é fácil’ conduz à conclusão ‘conseguir tirar foto’.

Após análise, verifiquem-se as justificativas dadas pelos participantes em todos os textos:

Texto número 1, *El lenguaje del arte* – resposta correta *pero*. Justificativas:

P (01) - “permanece o *pero* porque muda o bloco semântico”;

P (02) - “permanece *pero* com sentido de mas porque muda a argumentação”;

P (03) - “*Pero* com sentido de mas porque muda o bloco semântico, muda a argumentação”;

- P (04) - “a expressão *pero*, do segundo parágrafo, pode ser substituída por *sin embargo*, porque tem o sentido de ‘mesmo assim’, permanecendo no mesmo bloco”;
- P (05) - “o *pero* permanece com sentido de mas porque muda a argumentação”;
- P (06) - “permanece *pero* porque muda o bloco semântico”.

Mesmo sem conseguir explicar detalhadamente, os participantes conseguem compreender o uso de *pero* (Mas PA) e conseguem justificar corretamente, com exceção do participante 04.

Relativamente à questão que envolvia o texto número 2, *La burocracia-1* apresentado na p. 73, cuja resposta esperada era *pero*, antes de se apresentarem os resultados, confira-se a seguinte estrutura:

Ter lápis *donc* escrever. (aspecto normativo da regra)

Não ter papel *donc* não escrever. (aspecto normativo da regra)

A partir desta estrutura os participantes deram as seguintes respostas e justificativas:

- P (01) - “permanece o *pero* e muda a argumentação”;
- P (02) - “permanece *pero* porque muda a argumentação”;
- P (03) - “mudou a argumentação, com isso continua o uso do *pero* com sentido de MAS”;
- P (04) - “na oração acima se deve permanecer com “*pero*”, pois muda o bloco semântico”;
- P (05) - “o *pero* permanece porque muda a argumentação, sentido de mas”;
- P (06) - “permanece o *pero* porque mudou a argumentação. Tem sentido de mas”.

Pode-se verificar que, nesse exercício, todos os participantes obtiveram 100% de aproveitamento, demonstrando segurança no uso de *pero* (Mas PA).

O texto número 3, *La desmemoria/4*, exemplificado na p. 75, e estruturalmente analisado nas p.76 - 77, cuja resposta correta era: pode ser substituído por *sin embargo*, apresenta as seguintes justificativas dos participantes:

- P (01) - “pode ser substituído por *sin embargo*, pois permanece na mesma argumentação”;

P (02) - “permanece o *pero* porque muda a argumentação”;

P (03) - “*pero* pode ser substituído por *sin embargo* porque ocorre uma transgressão”;

P (04) - “acima a expressão *pero* pode ser trocada por *sin embargo*, porque ela faz parte do mesmo bloco semântico, dessa forma apresenta a transgressão da regra”;

P (05) - “o *pero* pode ser substituído por *sin embargo* porque permanece a mesma argumentação, de sentido”;

P (06) - “pode ser substituído por *sin embargo* porque permanece a mesma argumentação. Tem sentido de (mesmo assim)”.

Com exceção do participante 02, todos os outros acertaram 100%, sendo que o participante 04 até justificou melhor, dizendo que permanecia na mesma argumentação, mas que apresentava o aspecto transgressivo da regra. Parece que ele se deu conta de que o encadeamento argumentativo transgressivo não contraria a regra, pelo contrário, ele reconhece a sua existência, o seu aspecto normativo, mas prefere usá-la em seu aspecto transgressivo, revelando a exceção, a transgressão a ela. Desta maneira, é possível compreender a importância de uma explicação argumentativa, uma vez que ela oferece um instrumental que permite raciocinar sobre o texto, tornando claro o sentido do enunciado.

Com relação ao texto número 4, *El sistema/1*, citado na p. 77, cuja resposta correta era que pode ser substituído por *sin embargo*, vejam-se as estruturas em questão e, logo após, as justificativas dos participantes:

Os políticos falam *pourtant* não dizem. (aspecto transgressivo da regra)

donc

dizem (aspecto normativo da regra)

Os votantes votam *pourtant* não elegem. (aspecto transgressivo da regra)

donc

elegem (aspecto normativo da regra)

P (01) - “pode ser substituído por *sin embargo* porque a argumentação é a mesma”;

P (02)- “o *pero* pode ser substituído por *sin embargo* porque permanece a argumentação”;

P (03) - “apresenta um aspecto transgressivo da regra por isso pode ser substituído por *sin embargo*”;

P (04) - “nas seqüências acima, os dois *pero* podem ser substituídos por *sin embargo*, pois fazem parte do mesmo bloco semântico”;

P (05) - “o *pero* pode ser trocado por *sin embargo*, pois permanece no mesmo bloco o lado transgressivo da regra”;

P (06) - “pode ser substituído por *sin embargo* porque permanece no mesmo bloco, mas apresenta o aspecto transgressivo da regra”.

Percebe-se, nas justificativas deste texto, uma explicação mais adequada por parte dos participantes, quando tentam justificar a substituição de *pero* por *sin embargo*. Pode-se afirmar que compreenderam a aula e, conseqüentemente, estão conseguindo aplicar os diferentes conectores e articuladores, pois, nesse texto, todos os participantes, obtiveram 100% de aproveitamento.

Na questão envolvendo o texto número 5, *La alienación/ 2*, demonstrado na p. 81, cuja resposta esperada era que podia ser substituído por *sin embargo*, foram apresentadas as seguintes justificativas para a estrutura:

Não tem mar *pourtant* tem almirantes. (aspecto transgressivo da regra).

donc

não tem almirantes (aspecto normativo da regra)

Não tem chuva *pourtant* tem telhado de duas águas. (aspecto transgressivo)

donc

não tem telhado de duas águas (aspecto normativo)

P (01) - “pode ser substituído por *sin embargo* porque permanece a mesma argumentação”;

P (02) - “o *pero* pode ser substituído por *sin embargo* porque permanece a argumentação”;

P (03) - “posso substituir por *sin embargo* porque modifica o aspecto semântico”;

P (04) - “nas duas expressões acima o *pero* pode ser substituído por *sin embargo*, pois fazem parte de um mesmo bloco semântico”;

P (05) - “o *pero* pode ser substituído por *sin embargo*, porque permanece no mesmo bloco”;

P (06) - “pode ser substituído por *sin embargo* porque permanece na mesma argumentação, mas com o aspecto transgressivo”.

Enquanto os participantes faziam o teste, pôde-se perceber o quanto a explicação dos articuladores *pero* e *sino* e do conector *sin embargo*, à luz da Teoria dos Blocos Semânticos levou as alunas pensarem, raciocinarem argumentativamente e não gramaticalmente como estavam acostumadas. Uma comprovação disto é que 100% dos participantes acertaram a resposta e conseguiram dar uma justificativa aceitável.

A respeito da questão que envolvia o texto número 6, *La muerte*, que se encontra exemplificado na p. 82, cuja resposta esperada era a de manter *pero*, veja-se a estrutura e, logo após, as justificativas dos participantes:

Poucas pessoas iam ao recital de Blas de Otero *donc* tinham medo. (aspecto normativo da regra).

Após a morte de Blas de Otero muitas pessoas foram ao recital *donc* perderam o medo. (aspecto normativo da regra).

P (01) - “permanece o *pero* com sentido de portanto, muda o bloco semântico”;

P (02) - “permanece o *pero* porque muda a argumentação”;

P (03) - “*pero* com valor de portanto, permanece *pero* com valor de portanto, muda o bloco semântico”;

P (04) - “a expressão acima não pode ser substituída, pois não faz parte do mesmo bloco”;

P (05) - “o *pero* apresenta sentido de portanto, porque muda o bloco semântico”;

P (06) - “permanece *pero*, porque muda o bloco semântico. Tem sentido de mas”.

Durante a análise dos textos, pôde-se perceber que, mesmo as justificativas não sendo as mais completas, os participantes conseguiram explicar adequadamente o uso de *pero* e de *sin embargo*, o que não aconteceu na aplicação do primeiro teste, antes da aula baseada na descrição que a Teoria da Argumentação na Língua faz desses morfemas.

No primeiro teste, as justificativas eram equivocadas e sem sustentação teórica. Quando a dúvida era muita, os participantes recorriam, na maioria das vezes, à explicação

dicionarizada, pois viam ali uma maneira de justificar o que não sabiam. Recorriam, também, à intuição, à impressão, a critérios não lingüísticos, como “soa bem”, entre outros.

Após a aula sobre os articuladores *pero e sino* e do conector *sin embargo* sob a perspectiva da semântica argumentativa, percebeu-se que as dúvidas relativamente ao emprego desses morfemas foram bastante reduzidas. Os alunos acharam, inicialmente, a teoria muito difícil, mas, com um pouco de esforço, algumas explicações e com os exercícios, conseguiram compreender.

Isso leva a crer que a explicação sobre os blocos semânticos foi crucial para que os participantes conseguissem realizar o teste 2, pois, a partir da aula e da explicação, eles revelaram ter mais segurança na hora de decidir qual usar, o que pôde ser comprovado pela comparação dos resultados dos Testes 1 e 2.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se mencionou, no início deste trabalho, esta pesquisa nasceu de uma preocupação existente, tanto de professores quanto de alunos, estudantes da língua espanhola, sobre o uso dos articuladores *pero, sino* e do conector *sin embargo*. A partir desse questionamento, viu-se a necessidade de um maior aprofundamento sobre a descrição lingüística dos mesmos e sobre como os alunos estavam aprendendo, em sala de aula, a distingui-los, para o uso tanto em leitura quanto em produções de textos em língua espanhola.

Ao longo da pesquisa, pôde-se verificar que realmente uma explicação dos articuladores *pero*, *sino* e do conector *sin embargo* sob a perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua, mais especificamente sob a Teoria dos Blocos Semânticos, é esclarecedora.

Foi possível chegar a essa conclusão, porque o estudo tinha por objetivo investigar se a descrição dos articuladores e do conector, com o arcabouço da TAL, era mais apropriada para ensinar a distinção dos morfemas, e o uso adequado dos mesmos, se comparada com a descrição apresentada em dicionários, gramáticas e livros didáticos. A partir desses objetivos foram levantadas hipóteses que realmente vieram a se confirmar, pois se percebeu que a descrição encontrada nesses materiais didáticos, tanto dos articuladores quanto do conector, baseia-se num valor informativo, obtido pelo exame de contextos específicos. Já a descrição feita pela TAL favorece e esclarece o uso dos mesmos, pois apresenta uma descrição instrucional, aberta.

As descrições que trazem gramáticas, livros didáticos e dicionários são descrições exatas, que, de alguma forma, tentam descrever todos os contextos em que os articuladores e o conector podem ocorrer, o que se imagina ser uma tarefa quase impossível, pois há inúmeros enunciados para serem analisados e, com ser certeza, sempre há um que foge à explicação posta. Como exemplo, veja-se a explicação dada pela “Gramática y la lengua española”:

Conjunciones adversativas:

Las conjunciones adversativas más empleadas son “pero” y “sino”. Variante de la primera, reducida hoy a la lengua escrita, es ‘mas’.

Son unidades adverbiales sin embargo, no obstante, con todo, etc. , aunque introduzcan en el enunciado un sentido adversativo. Tampoco funciona como conector, a pesar de su parentesco con “pero”, la unidad “aunque”.

Si son casi equivalentes los enunciados. Es inteligente aunque distraído y Es inteligente pero distraído, no por ello es identificable la función de pero y de aunque: este, con el segmento que encabeza, puede preceder al otro, mientras “pero” se interpone forzosamente entre los dos segmentos contrapuestos (puede decirse Aunque es distraído es inteligente, y nunca Pero distraído es inteligente.)

Mientras los conectores copulativos y disyuntivos admiten la reunión de más de dos segmentos coordinados, los adversativos solo pueden agrupar dos y señalan que las nociones evocadas por estos están contrapuestas. El conector “pero” no indica solo restricción, sino expresa incompatibilidad entre lo designado por cada uno de los dos segmentos, de manera que el segundo excluye el primero.

Ejemplos del primero:

** El ara de los sacrificios está solitaria, pero no fría.*

- *Volvió al cuarto a contarle a su esposo lo que había visto, pero él no le hizo caso.*
- *Al principio la sangre mana como el agua de la fuente, pero pronto y seca. (LLORACH, 1995, p. 232).*

{Conjunções adversativas:

As conjunções adversativas mais empregadas são *pero* e *sino*. Variante da primeira pessoa, reduzida hoje à língua escrita é ‘mas’.

São unidades adverbiais mesmo assim, não obstante, contudo, etc, ainda que introduzam no enunciado um sentido adversativo. Também não funciona como conector, apesar de seu parentesco semântico com ‘mas’, a unidade ‘ainda que’.

Se forem quase equivalentes os enunciados: É inteligente ainda que distraído; e É inteligente, mas distraído, nem por isso é identificável a função de ‘mas’ e de ainda que: este, com o segmento que encabeça, pode preceder ao outro, enquanto ‘mas’ se coloca de forma forçada entre os dois segmentos contrapostos (pode ser dito: Ainda que distraído é inteligente; e nunca: Mas distraído é inteligente).

Enquanto os conectores aditivos admitem a reunião de mais de dois segmentos coordenados, os adversativos só podem agrupar dois e marcam as noções evocadas por estes que estão opostos. O conector ‘mas’ não indica somente restrição, mas expressa incompatibilidade entre o designado por cada um dos dois segmentos, de maneira que o segundo exclua o primeiro.

Exemplos do primeiro:

* O altar dos sacrifícios está solitário, mas não frio.

* Voltou ao quarto para contar a seu esposo o que havia visto, mas ele não quis saber.

* Ao princípio o sangue emana como a água da fonte, mas pronta e seca}.

Na descrição dessa gramática são postos três exemplos do uso de *pero* (mas PA) que não dão conta dos demais contextos existentes: “O altar dos sacrifícios está solitário, mas não frio”; “Voltou ao quarto para contar a seu esposo o que havia visto, mas ele não quis saber”; “Ao princípio o sangue emana como água da fonte, mas pronta e seca”. E se fosse um *pero* (*sin embargo*) “Foi à praia, mas não tomou banho de mar”, como seria feita a descrição? Como o estudante poderia diferenciar o uso dos mesmos? Ducrot, na perspectiva da TAL, formula uma idéia de que “*La significación es esencialmente abierta, dice lo que hay que hacer para encontrar el sentido del enunciado*”(1998, p.58). {A significação é essencialmente aberta, diz o que fazer para encontrar o sentido do enunciado}.

Tome-se o exemplo:

Maria estaba, pero con su madre. {Maria estava, mas com sua mãe}.

Esse enunciado diz, em primeiro lugar, que Maria estava e, em segundo lugar, que estava com sua mãe. Mas também pode significar, em muitas outras ocasiões, que, quando Maria está, geralmente não está com a mãe, ou que, quando ela está, isto me agrada, mas, como está com a mãe, então não gosto. Nesse exemplo, as conclusões podem ser diversas como: estava contente por Maria estar com a mãe, e descontente com a presença da mãe.

Desse modo, para Ducrot, a descrição de MAS é instrucional: procure um contexto em que as conclusões do 1.º e do 2.º segmento do enunciado sejam contrárias entre si.

Se fosse num contexto em que a menina tivesse um namorado:

	<i>Maria estava</i>	MAS	<i>com sua mãe</i>
	DC		DC
Namorado -----	fiquei feliz		fiquei triste

Ou num contexto em que o pai estivesse preocupado com sua segurança:

	<i>Maria estava</i>	MAS	<i>com sua mãe</i>
	DC		DC
Pai -----	fiquei preocupado com sua segurança		não fiquei preocupado com sua segurança

Ou num contexto em que, quando está com a mãe, Maria não bebe:

	<i>Maria estava</i>	MAS	<i>com sua mãe</i>
	DC		DC
	ia ficar bêbada		não ia ficar bêbada

E assim muitíssimos outros contextos.

La idea general consiste en decir que la significación indica simplemente el trabajo que debe hacerse para comprender el enunciado. En este sentido digo que la significación es abierta. El sentido del enunciado se produce cuando se ha obedecido a las indicaciones dadas por la significación (DUCROT, 1998, p.60).

Promovendo o desenvolvimento dos estudos da TAL, Carel cria a Teoria dos Blocos Semânticos, que prevê que o sentido do enunciado somente é constituído na relação estabelecida entre os dois segmentos que o compõem.

Tome-se o enunciado:

Pedro estuda, portanto passará de ano.

O segmento “Pedro estuda” não tem sentido sozinho. O sentido somente será estabelecido na relação com o outro segmento “passará de ano”. Dessa maneira, percebe-se a interdependência existente entre os dois termos. A partir do momento em que se estabeleceu *estudar* para *passar de ano*, foi formado um enunciado complexo, constituído por dois segmentos que compõem um encadeamento argumentativo em que se associaram *estudar* / *ser aprovado*. Nota-se que não são dois conteúdos tomados separadamente, cada um com seu valor fixo, já estabelecido, que são reunidos no encadeamento. O sentido de *estudar* e *ser aprovado* é constituído, simultaneamente, na interdependência existente entre eles no encadeamento.

Nessa perspectiva, na descrição dos articuladores *pero*, *sino* e do conector *sin embargo*, verificou-se que *pero* (mas PA) articula blocos semânticos diferentes, como:

<i>Trabaja</i>	<i>PERO</i>	<i>es perezoso</i>
DC		DC
<i>tiene un buen sueldo</i>		<i>no va a ganar un buen sueldo</i>

1.º bloco semântico – trabalhar / ganhar bem

2.º bloco semântico – ser preguiçoso / não ganhar bem

Os dois blocos articulados por *pero* são expressos em encadeamentos argumentativos normativo, pois:

1.º bloco – Trabalhar DC ganhar bem (aspecto normativo da regra)

2.º bloco – Ser preguiçoso DC não ganhar bem (aspecto normativo da regra)

Já *pero* (*sin embargo* - PT) conecta segmentos do mesmo bloco semântico, só que sob o aspecto transgressivo da regra, formando encadeamento argumentativo transgressivo.

<i>Trabaja</i>	<i>pero</i> (PT)	<i>no gana mucho</i>
DC		
<i>tiene un buen sueldo</i>		

Bloco Semântico – trabalhar / ganhar bem

Aspecto normativo da regra – trabalha DC ganha bem

Aspecto transgressivo da regra – trabalha PT não ganha bem

O articulador *sino* verificou-se que apresenta sempre um valor de correção, retificação.

Exemplo:

No es brasileña, sino portuguesa.

Realizado o primeiro teste, verificou-se que as participantes tinham muitas dúvidas quanto ao uso de *pero*, *sino* e *sin embargo*. As alunas utilizaram gramáticas e dicionários para auxiliá-las nas respostas, mas percebeu-se que o valor informativo, de contextos fechados da descrição, não as auxiliou na resposta, pois elas, na maioria das vezes, não entendiam a explicação dos dicionários nem das gramáticas, como se pode ver nas justificativas dadas ao teste 1- parte B: “deve permanecer pois dá idéia de oposição”; “continua *pero*, pois tem valor de porém”; “tem que substituir por *sin embargo* porque tem valor de entretanto”.

Logo após a aula desses morfemas, sob a perspectiva da TAL, foi possível verificar um entendimento, tanto que o resultado na aplicação do mesmo teste, agora denominado teste 2, demonstrou essa evolução e veio a comprovar que a descrição dos morfemas, principalmente sob a Teoria dos Blocos Semânticos, é mais satisfatória. As justificativas foram mais convincentes: “permanece *pero* porque muda o bloco semântico”; “*pero* pode ser substituído por *sin embargo* porque ocorre uma transgressão”; “apresenta um aspecto transgressivo da regra por isso pode ser substituído por *sin embargo*”. As participantes não recorreram ao uso de materiais didáticos para responderem aos exercícios e obtiveram um alto índice de acertos.

Esses resultados positivos revelam que a Teoria da Argumentação na Língua, e especificamente no caso deste estudo, a Teoria dos Blocos Semânticos pode contribuir com suas descrições semântico-argumentativas para facilitar o ensino de língua espanhola para estrangeiros. Além disso, compreender a diferença de sentido argumentativo derivado da escolha de *pero* ou de *sin embargo* seja no processo de recepção seja no de produção de textos, produz uma diferença de qualidade na construção do sentido. Observe-se, por exemplo, o *pero* “*no tiene mar, pero tiene almirantes*”. {não tem mar, mas tem almirantes}.

Na medida em que se lê *pero* como *sin embargo*, percebe-se a indignação do locutor do enunciado diante do que expressa. É de se crer que um leitor proficiente fizesse a substituição de *pero* por *sin embargo* na construção do sentido do texto, mas o conhecimento

da descrição semântico – argumentativa sem dúvida, fornece-lhe a segurança de apoiar o resultado da intuição lingüística na descrição.

Acredita-se que, como a descrição desses morfemas, outros estudos podem ser feitos na perspectiva da TAL para o aprimoramento do ensino de língua espanhola como segunda língua. É um campo aberto, especialmente produtivo para outras pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOM, Francisco Matte. *Gramática comunicativa del español*. Madrid: Edelsa, 1995.

CAREL, Marion. *Argumentación normativa y exceptiva*. Signo & Seña, Faculdade de Filosofia e Letras, UBA, n. 9, jun., 1998.

_____. Qu'est-ce qu'argumenter? *Revista de Retórica y Teoría de la Comunicación*, v.1, n. 1, Enero, 2001.

CALATRAVA, Santiago Rubert Miravet. *Gramática española*. Porto Alegre: Sagra DC Luzzato, 1996.

CASTRO, Francisca. *Uso de la gramática española*. Madrid: Edelsa, 1998.

DICIONÁRIO *de La Lengua Española*: Larousse. México, 1994.

DICIONÁRIO da *Real Academia Española*. Madrid, 1996.

DUCROT, Oswald; ANSCOMBRE, Jean-Claude. *La argumentación en la lengua*. Madrid: Editorial Gredos, 1994.

DUCROT, Oswald. *Polifonía y argumentación*. Cali: Universidad del Valle, 1998.

_____. Semântica e argumentação: diálogo com Oswald Ducrot. *Revista Delta*, São Paulo, v.14, n. 1, fev./1998.

_____. A pragmática e o estudo semântico da língua. *Letras de hoje*. Porto Alegre: PUCRS, v.40, n. 1, mar./2005.

FERNÁNDEZ, Grete Eres; FLAVIAN, Eugênia. *Dicionário Espanhol/Português Português/Espanhol*. São Paulo: Ática, 1995.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

GALEANO, Eduardo. *El libro de los abrazos*. Buenos Aires: Siglo veintiuno de España editores, 1999.

GARGALLO, Santos; GARCÍA, Concha Moreno; LOBATO, Jesús Sánchez. *Español sin fronteras 2*. Madrid: SGEL, 2000.

GRAEFF, Telisa Furlanetto. Palavras que argumentam e constataam no discurso. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, PUCRS, v.40, n. 1, mar. 2005.

JACIRA & ROMANOS. *Expansión*. Español en Brasil. São Paulo: FTD, 2002.

LLORACH, Emilio Alarcos. *Gramática y la lengua española*. Real Academia Española. Colección Nebrija y Bello. Madrid: Espasa Calpe, 1995.

MACAMBIRA, José Rebouças. *A estrutura morfo-sintática do português*. 4 ed. São Paulo: Pioneira, 1982.

MARTÍN, Ivan Rodríguez. *Español serie Brasil*. São Paulo: Ática, 2003.

MARTINET, André. *Elementos de lingüística geral*. 4 ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1972.

SANCHEZ, Aquilino. *Gramática básica Del español*. Madrid: SGEL, 1989.

VOGT, Carlos. De magis a mas: uma hipótese semântica. In: *Linguagem pragmática e ideologia*. São Paulo: FUNCAMP, 1980.

ANEXOS

Anexo A

TESTE - parte A

Textos extraídos de:

GALEANO, Eduardo. *El libro de los abrazos*. Madrid: siglo veintiuno editores, 1999.

Complete as lacunas dos textos com *PERO*, *SINO* ou *SIN EMBARGO*

1) A função do leitor/2

Fazia meio século da morte de César Vallejo, e houve celebrações. Na Espanha, Julio Vález organizou palestras, seminários, edições e uma exposição com imagens do poeta, sua terra, seu tempo e sua gente.

..... naqueles dias Julio Vález conheceu a José Manuel Castañón; e então toda homenagem resultou-lhe nanica.

José Manuel Castañón foi capitão na guerra espanhola. Lutando a favor de Franco, perdeu uma mão e ganhou algumas medalhas.

Uma noite, pouco depois da guerra, o capitão descobriu por acaso, um livro proibido. Aproximou-se, leu um verso, leu dois versos, e não pode mais se desprender. O capitão Castañón, herói do exército vencedor, passou a noite toda acordado, aprisionado, lendo e relendo César Vallejo, poeta dos vencidos. E ao amanhecer dessa noite, renunciou ao exército e negou-se a receber nem uma peseta mais do governo de Franco.

Depois, o levaram; e foi ao exílio.

2) Celebração da voz humana/2

Tinham as mãos amarradas, ou algemadas, e os dedos dançavam, voavam, desenhavam palavras. Os presos estavam encapuzados; ao inclinar-se alcançavam ver algo, pouquinho, por debaixo. Apesar de que falar estava proibido, eles conversavam com as mãos.

Pinio Ungerfeld me ensinou o alfabeto dos dedos, que na prisão aprendeu sem professor:

- Alguns de nós tínhamos má letra – me disse -. Outros eram uns artistas da caligrafia.

A ditadura uruguaia queria que cada um fosse nada mais do que um, que cada um fosse ninguém: em presídios e quartéis, e em todo o país, a comunicação era delito.

3) Profecias/1

No Peru, uma maga me cobriu de rosas vermelhas e depois leu a minha sorte. A maga anunciou-me:

- Dentro de um mês, vais receber uma distinção.

Eu ri. Ri pela infinita bondade dessa mulher desconhecida, que me presenteava flores e augúrios de êxito, e ri pela palavra distinção, que tem um não sei quê de engraçada, e porque veio na minha cabeça um velho amigo do bairro, que era muito bruto.....certo, e que costumava dizer, sentenciando, levantando o dedinho: “Cedo ou tarde os escritores se *hamburguesam*”. Por isso eu ri; e a maga riu do meu riso.

Um mês depois, exatamente um mês depois, recebi em Montevideú um telegrama. No Chile, dizia o telegrama, tinham-me outorgado uma distinção. Era o prêmio José Carrasco.

4) Celebração da fantasia

Foi na entrada do povoado de Ollantaytambo, perto de Cuzco. Eu tinha me desprendido de um grupo de turistas e estava sozinho, olhando de longe as ruínas de pedra, quando um menino do local, raquítico, maltrapilho, se aproximou para me pedir que o presenteasse com uma caneta. Não podia dar-lhe a caneta que tinha, porque a estava usando em não sei quês tediosas anotações,.....ofereci-me para desenhar um porquinho na sua mão.

Subitamente, correu a novidade. De uma hora a outra me encontrei rodeado de um enxame de meninos que exigiam, a grito escancarado, que eu desenhasse bichos em suas mãozinhas rachadas de sujeira e frio, peles de couro queimado: tinha quem queria um condor e quem uma serpente, outros preferiam papagaios ou corujas, e não faltavam os que pediam um fantasma ou um dragão.

E então, no meio daquele alvoroço, um desamparadinho que não alçava mais de um metro do chão, me mostrou um relógio desenhado com tinta preta no seu pulso:

- Enviou-me um tio meu, que mora em Lima – disse.
- E funciona bem? – lhe perguntei.
- Atrasa um pouco – reconheceu.

5) Os ninguém

Sonham as pulgas em comprar um cachorro e sonham os ninguém em deixar de ser pobres, que algum mágico dia chova de repente a boa sorte, que chova torrencialmente a boa sorte; mas a boa sorte não chove ontem, nem hoje, nem amanhã, nem nunca, nem em garoazinha cai do céu a boa sorte, por muito que os ninguém a chamem e ainda que sintam coceira na mão esquerda, ou acordem com o pé direito, ou comecem o ano mudando de escova.

Os ninguém: os filhos de ninguém, os donos de nada.

Os ninguém: os nenhuns, os nenhumeados, correndo a lebre, morrendo a vida, fodidos, refodidos:

Que não são, mesmo que sejam.

Que não falam idiomas,dialeto.

Que não professam religiões,superstições.
Que não fazem arte,artesanato.
Que não praticam cultura, folclore.
Que não são seres humanos,recursos humanos.
Que não tem cara,braços.
Que não tem nome,número.
Que não figuram na história universal,na crônica vermelha da imprensa local.

Os ninguém, que custam menos que a bala que os mata.

6) A noite/1

Não consigo dormir. Tenho uma mulher atravessada entre as pálpebras. Se pudesse, diria a ela que fosse embora;..... tenho uma mulher atravessada na garganta.

7) Mapa-múndi/2

[...]

A democracia é um luxo do norte. No sul se lhes permite o espetáculo, que isso não se nega a ninguém. E a ninguém incomoda muito, ao fim e al cabo, que a política seja democrática, sempre e quando a economia não seja. Quando cai o pano, uma vez depositados os votos nas urnas, a realidade impõe a lei do mais forte, que é a lei do dinheiro. Assim querem a ordem natural das cosas. No sul do mundo ensina o sistema, a violência e a fome não pertencem à história,à natureza, e à justiça e a liberdade tem sido condenadas a se odiarem entre si.

8) Celebração das contradições/2

Desatar as vozes, desensonhar os sonhos: escrevo querendo revelar o real maravilhoso, e descubro o real maravilhoso no exato centro do real horroroso de América.

Nestas terras, a cabeça do deus Eleggúa leva a morte no pescoço e a vida na cara. Cada promessa é uma ameaça: cada perda, um encontro. Dos medos nascem as coragens; e

das dúvidas, as certezas. Os sonhos anunciam outra realidade possível e os delírios, outra razão.

Ao fim e ao cabo, somos os que fazemos para cambiar o que somos. A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine, a sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia.

Nessa fé, fugitiva, creio. Resulta para mim a única fé digna de confiança, pelo muito que se parece ao bicho humano, fodido sagrado, e à louca aventura de viver no mundo.

9) A dignidade da arte

Eu escrevo para aqueles que não podem me ler. Os de baixo, os que esperam faz séculos na fila da história, não sabem ler ou não tem com quê. Quando me vêm o desânimo, me faz bem recordar uma lição de dignidade da arte que recebi faz anos, num teatro de Assis, na Itália. Tinha ido com Helena ver um espetáculo de pantomima, e não havia ninguém. Ela e eu éramos os únicos espectadores. Quando apagaram a luz, se somaram o lanterninha e a bilheteira. E,....., os atores, em maior número do que o público, trabalharam naquela noite como se estivessem vivendo a glória de uma estréia numa sala cheia. Fizeram sua tarefa entregando-se inteiros, com tudo, com alma e vida; e foi uma maravilha.

Nossos aplausos ecoaram na solidão da sala. Nós aplaudimos até machucar as mãos.

10) A casa

1984 tinha sido um ano de merda. Antes do infarto, tinham me operado das costas; e Helena tinha perdido um menino na metade da gestação. Quando Helena perdeu o menino, secou a nossa roseira do terraço. As demais plantas também morreram, todas, uma atrás da outra, apesar de nós as regarmos a cada dia.

A casa parecia maldita. E....., Nani e Alfredo Ahuerma tinham estado lá, por alguns dias, e quando foram, escreveram no espelho: Nesta casa fomos felizes.

E nós também tínhamos encontrado a alegria nessa casa agora fodida pelo azar, e a alegria soube ser mais poderosa que a dúvida e melhor que a memória, assim que essa casa entristecida, essa casa barata e feia, num bairro barato e feio, era sagrada.

11) Andares/2

Não foi um vento errante, desses que vagabundeiam sem tom nem som, um forte vento certamente disparado desde a longínqua costa quente até a cidade de Medellín, através das montanhas e os países. O vento chegou à casa de Jenny e atravessou de ponta a ponta: de súbito abriu-se a porta da frente, como chutada por um bêbado, e pouquinho depois se abriu a porta dos fundos, da mesma violenta maneira.

[...]

Anexo B

TESTE - parte B

Textos extraídos de:

GALEANO, Eduardo. *El libro de los abrazos*. Madrid: siglo veintiuno editores, 1999.

Todos os textos a seguir apresentam a expressão *PERO*. Verifique se, em algum texto, *pero* pode ser substituído por *sin embargo*. Justifique sua resposta.

1) A linguagem da arte

O Chinolope vendia jornais e lustrava sapatos em La Habana. Para sair da pobreza, foi para Nova Iorque.

Lá, alguém lhe deu de presente uma velha câmera de fotografar. O Chinolope nunca tinha tido uma câmera nas mãos, MAS disseram-lhe que era fácil:

- Você olha por aqui e aperta ali.

E foi para a rua. E a pouco andar ouviu tiros e se meteu numa barbearia e levantou e olhou por aqui e apertou ali.

Na barbearia tinham metralhado o gangster Joe Anastasia, que estava fazendo a barba, e essa foi a primeira foto da vida profissional do Chinolope.

Pagaram a ele uma fortuna. Essa foto era uma façanha, o Chinolope tinha conseguido fotografar a morte. A morte estava ali: não no morto nem no matador. A morte estava no rosto do barbeiro que a viu.

.....

.....

.....

.....

2) A burocracia/1

Em tempos da ditadura militar, na metade de 1973, um preso político uruguaio, Juan José Noueched, sofreu uma sanção de cinco dias: cinco dias sem visita nem recreio, cinco dias sem nada, por violação do regulamento. Desde o ponto de vista do capitão que lhe aplicou a sanção, o regulamento não deixava lugar a dúvidas. O regulamento estabelecia claramente que os presos deviam caminhar em fila e com ambas as mãos nas costas. Noueched foi castigado por ter posto apenas uma mão nas costas.

Noueched era manco.

Tinha sido preso em duas etapas. Primeiro tinha caído seu braço. Depois, ele. O braço caiu em Montevideú. Noueched vinha escapando a todo correr quando a polícia que o perseguia conseguiu puxá-lo, gritou-lhe: esteja preso! E ficou com o braço na mão. O resto de Noueched caiu um ano e meio depois, em Paysandú.

Na prisão, Noueched quis recuperar seu braço perdido:

- Faça uma solicitação – disseram-lhe.

Ele explicou que não tinha lápis:

- Faça uma solicitação a lápis – disseram-lhe.

Então teve lápis, MAS não tinha papel:

- Faça uma solicitação de papel – disseram-lhe.

Quando finalmente teve lápis e papel, formulou sua solicitação de braço.

Após um tempo, lhe responderam. Que não. Não poderia ser: o braço estava em outro expediente. A ele, havia processado a justiça militar. Ao braço, a justiça civil.

.....

.....

.....
.....

3) A desmemória/4

Chicago está cheia de fábricas. Há fábricas até em pleno centro da cidade, em torno do prédio mais alto do mundo. Chicago está cheia de fábricas, Chicago está cheia de operários.

Ao chegar ao bairro de Heymarkert, peço aos meus amigos que me mostrem o local onde foram enforcados, em 1886, aqueles operários que o mundo inteiro saúda cada primeiro de maio.

- Tem de ser por aqui – me dizem. Mas ninguém sabe.

Nenhuma estátua foi colocada em memória dos mártires de Chicago na cidade de Chicago. Nem estátua, nem monólito, nem placa de bronze, nem nada.

O primeiro de maio é o único dia verdadeiramente universal da humanidade inteira, o único dia onde coincidem todas as histórias e todas as geografias, todas as línguas e as religiões e as culturas do mundo; MAS nos Estados Unidos, o primeiro de maio é um dia qualquer. Nesse dia, o povo trabalha normalmente, e ninguém, ou quase ninguém, lembra que os direitos da classe operária não brotaram da orelha de uma cabra, nem da mão de Deus ou do amo.

Após a inútil exploração de Heymarket, meus amigos me levaram para conhecer a melhor livraria da cidade. E lá, por pura curiosidade, por puro acaso, descubro um velho cartaz que está como que me esperando. Metido entre muitos outros cartazes de cinema e música rock.

O cartaz reproduz um provérbio da África: Até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias de caçada seguirão glorificando o caçador.

.....
.....
.....

4) O sistema/1

Os funcionários não funcionam.
Os políticos falam MAS não dizem.
Os votantes votam MAS não elegendem.
Os meios de informação desinformam.
Os centros de ensino ensinam a ignorar.
Os juízes condenam às vítimas.
Os militares estão em guerra contra seus compatriotas.
As polícias não combatem os crimes, porque estão ocupados em cometê-los.
As falências se socializam, os ganhos se privatizam.
É mais livre o dinheiro do que a gente.
A gente está ao serviço das coisas.

.....
.....
.....

5) A alienação/2

Crêem os que mandam que melhor é quem melhor copia. A cultura oficial exalta as virtudes do macaco e do papagaio. A alienação na América Latina: um espetáculo de circo. Importação, imitação: nossas cidades estão cheias de arcos do triunfo, obeliscos e partenões. Bolívia não tem mar, MAS tem almirantes disfarçados de Lord Nelson. Lima não tem chuva, MAS tem telhados duas águas e com calhas. Em Manágua, uma das cidades mais quentes do mundo, condenada à fervura perpétua, tem mansões que ostentam soberbas estufas a lenha, e nas festas de Somoza as damas da sociedade vestiam estolas de raposa prateada.

.....
.....
.....
.....

6) A morte

Nem dez pessoas iam aos últimos recitais do poeta espanhol Blas de Otero. MAS quando Blas de Otero morreu, muitos milhares de pessoas foram à homenagem fúnebre que se fez a ele numa praça de touros de Madri. Ele não ficou sabendo.

.....

.....

.....

.....